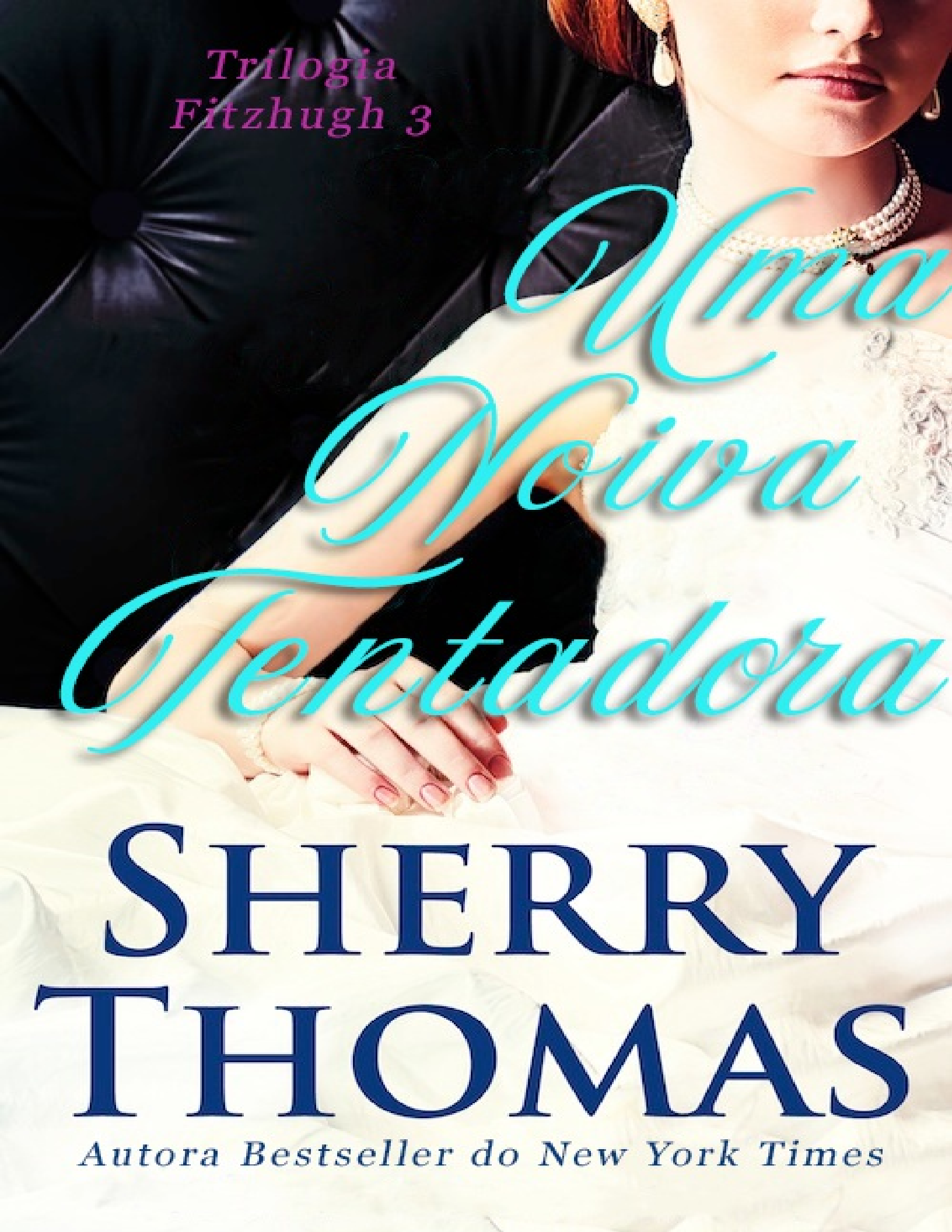




Trilogia
Fitzhugh 3

*A
Noiva
Pentadora*

SHERRY
THOMAS

Autora Bestseller do New York Times



Índice

Sinopse
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Epílogo

Uma Noiva Tentadora

Sherry Thomas

Sinopse

Helena Fitzhugh entende perfeitamente bem que seria arruinada se seu caso de amor secreto fosse descoberto. Então, quando um encontro corre mal e ela está prestes a ser pega no ato, é com a maior relutância que aceita a ajuda de David Hillsborough, Visconde Hastings, e foge com ele para salvar a sua reputação.

Helena desprezou David desde que eram crianças —o famoso libertino a atormentou toda a sua vida. David, por outro lado, sempre amou Helena, mas seu orgulho nunca o deixará admitir os segredos de seu coração.

Um acidente de carruagem no dia seguinte de sua fuga, no entanto, rouba a memória a Helena. Por fim, David se atreve a revelar seu amor, e ela o acha fascinante e desejável. Mas o que acontecerá quando sua memória retornar e ela perceber que se apaixonou por um homem em que jurou nunca confiar?

Para Ivy Adams, por sua generosidade sem limites e sua maravilhosidade.

Prólogo

Janeiro, 1896

David Hillsborough, Visconde de Hastings, nunca se apaixonou. E ele, com toda certeza, nunca foi *rejeitado* no amor. Isso porque ele tinha um coração alegre e abençoadamente liberto. Embora ele se dedicasse a si mesmo, espalhava amostras de todo o charme que tinha para oferecer como um solteiro jovem, rico e bonito.

Essa era, de qualquer forma, sua posição oficial.

Ele suspeitava que a maior parte das pessoas próximas a ele soubesse a verdade —possivelmente há muito tempo, de sua especial circunstância de amor não correspondido que durava aproximadamente metade de sua vida. Mas ele encontrava conforto no fato de *ela* não ter a menor ideia. E, se Deus quisesse, ela nunca ia saber.

Porque ele estaria em um inferno se algum dia ela descobrisse.

Não que ele estivesse muito longe disso no momento, observando a garota dos seus sonhos, Srta. Helena Fitzhugh, admirando outro homem com adoração. Sua irmã mais velha era conhecida por todos como a grande beleza daquele tempo, mas sempre foi Srta. Fitzhugh a mulher de quem ele não conseguia tirar os olhos.

Ele não invejava que ela amasse outro. Afinal de contas, se ele recusava a disputar o concurso, não poderia reclamar de outra pessoa receber o prêmio. Mas ele se importava, bastante, de que o homem para quem ela esbanjava sua atenção não a merecesse.

Anos atrás, Andrew Martin teve a oportunidade de desposa-la, mas sua mãe esperava que ele se casasse com outra pessoa a fim de unir duas propriedades próximas. Sem coragem de desafiar a velha Sra. Martin, ele se casou com outra pessoa.

Mesmo em uma terra de gélidos casamentos formais, o casamento do Sr. Martin se destacava por sua frieza e formalidade. Marido e mulher jantavam em horas diferentes, andavam em diferentes círculos e se comunicavam quase completamente por mensagens escritas.

Nada disso importava. Feliz ou não, um homem casado era um homem casado, e uma moça respeitável deve buscar outro lugar para satisfação.

A Srta. Fitzhugh era uma rebelde. Até agora, entretanto, ela ultrapassou

não apenas regras, como recomendações. Quando ela se tornou a única de seus irmãos a escolher uma educação universitária, isso foi visto como uma excentricidade. E quando ela foi atrás de sua pequena herança e usou o dinheiro como capital para uma editora que ela mesma administrava, o risco foi descartado como simplesmente outra peculiaridade na família —afinal de contas, seu irmão, Conde Fitzhugh, administrava o curtume que sua esposa rica tinha herdado.

Mas tolerar uma amizade próxima com um homem casado pressionava os limites de um comportamento aceitável. Ela não precisava cometer nenhum pecado de verdade; *parecer* inapropriado era o bastante para mancha-la.

A sala de estar na propriedade rural do Lorde Wrenworth foi inundada de risos e bom humor. Sra. Denbigh, a amiga casada de Srta. Fitzhugh que era sua dama de companhia no baile da Casa Wrenworth, estava muito ocupada aborrecendo ela mesma. Hastings esperou por uma pausa na conversa em que ele participava, pediu licença, e atravessou a sala até onde Srta. Fitzhugh e Martin sentavam em um sofá *chaise-longue*, seus corpos de frente um para o outro, efetivamente bloqueando qualquer um que quisesse participar da conversa.

—Sr. Martin, o que você ainda está fazendo aqui? —Hastings perguntou.
—Você não tem seu novo livro para escrever?

Srta. Fitzhugh respondeu por Martin.

—Mas ele *está* trabalhando. Ele está debatendo com sua editora.

—E ele tem debatido com sua editora desde de manhã, se eu não estou errado. Uma cozinheira pode conversar com a patroa da casa o dia todo, mas isso não coloca o jantar na mesa. Sr. Martin privaria bastante seus leitores do seu excelente próximo livro de história se ele passasse o tempo todo conversando sobre ele e não colocando nenhuma palavra no papel.

Martin ruborizou.

—Você está certo, Lorde Hastings.

—Eu sempre estou certo. Eu entendo que você esteja aqui para trabalhar e que você pediu para que Lorde Wrensworth colocasse a sua disposição uma sala tranquila e agradável. Você ainda não a usou, usou?

Martin ruborizou ainda mais.

—Ah...

—Eu particularmente mal posso esperar a próxima aparição do Offa da Mércia.

—Você leu o livro?

—Claro. Por que parece surpreso? Eu não demonstrei uma inteligência voraz e curiosidade sem limites quando estava na universidade?

—Bem, sim.

—Então se considere honrado de me ter como seu leitor. Agora você deve ir. Escreva ao longo da noite. E pare de monopolizar a Srta. Fitzhugh. Você é um homem casado, lembra-se?

Martin deu uma risada constrangida e ruborizou. Srta. Fitzhugh dirigiu a Hastings um olhar gélido. Ele o ignorou, espantou Martin e pegou o lugar no sofá que o último havia desocupado.

—Eu não acredito que você leu o livro do Sr. Martin.

Hasting leu cada livro que ela publicou, de capa à capa, até mesmo aqueles que ela publicou apenas por questões financeiras.

—Da primeira página até a última página, eu não pareço impressionante discutindo-o?

Ela o encarou com o olhar cheio de desdém.

—Você soa pomposo e arrogante, Hastings. E tirar meu amigo do meu lado? Eu realmente esperava mais, mesmo de você.

Ele se recostou contra o braço do sofá.

—Não vamos mais gastar palavras sobre o Sr. Martin, que está obviamente abaixo de sua consideração. Eu preferiria muito mais falar sobre como esta noite parece deliciosa, minha querida Srta. Fitzhugh.

Ele não foi sutil sobre onde seu olhar caiu: diretamente para o decote dela. Ele a amava antes mesmo que seus peitos despontassem, e não tinha nenhum escrúpulo em aproveitar a visão deles sempre que seu decote permitia.

Com isso ela abriu seu leque candidamente bloqueando o olhar dele de seus seios.

—Não me deixe retê-lo, Hastings. Sra. Ponsonby está tentando conseguir sua atenção, se não estou errada.

—Você não está errada. —Ele murmurou. —Elas todas estão tentando conseguir minha atenção, todas as mulheres que já conheci.

—Eu sei como isso funciona. Você quer que eu diga que nunca quis sua atenção. Então você iria contradizer que eu apenas sempre fingi te ignorar, e durante todo esse tempo minha indiferença foi apenas uma tentativa deplorável de atizar a sua curiosidade.

Ela soava meio entediada. Ele costumava ser capaz de deixá-la com raiva com grande intensidade, e por muito tempo. Mais que seu desprezo, ele temia sua frieza —o oposto do amor não era ódio, mas indiferença: estar tão perto

dela e ainda assim não causar nenhuma impressão em sua consciência, em sua alma.

Ele bufou.

—Srta. Fitzhugh, eu nunca teria tanta falta de originalidade. Claro que você quer minha atenção, mas apenas para poder joga-la na minha cara. Você tem um grande prazer em me frustrar, minha querida.

Uma faísca piscou nos olhos dela —que quase foi embora antes que ele percebesse. Ele vivia para esses momentos —momentos quando ela era forçada a olha-lo como ele era, invés de para quem ela acreditava que ele fosse.

A pior coisa sobre ter se apaixonado por ela tão cedo na vida, era que ele tinha sido uma absoluta meleca aos catorze anos, ao mesmo tempo arrogante e cheio de autopiedade. Quase tão ruim quanto o fato de ele ter sido cerca de quinze centímetros mais baixo que ela quando se encontraram pela primeira vez —ela tinha um metro e setenta e dois, enquanto ele mal tinha um metro e sessenta. Embora ela fosse apenas algumas semanas mais velha que ele, ela o olhava de cima como se ele fosse uma criança —enquanto ele fervia com o calor e a angústia do primeiro amor.

Quando nada mais serviu para chamar a atenção dela, ele se tornou desagradável. Ela era enojada pelo anão que tentava engana-la para entrar em armários de vassoura para tentar roubar beijos, e ele ficava imediatamente triste e emocionado. Enojada era melhor que indiferente; qualquer coisa era melhor que indiferença.

Naquele momento finalmente sua altura ultrapassou a dela —um metro e oitenta e cinco para o metro e setenta e sete dela —e sua gordura infantil derreteu para revelar maçãs do rosto afiadas o suficiente para cortar diamantes, a opinião dela era firme diante dele. E ele, não sentia mais autopiedade, mas sim mais orgulho que nunca, recusando-se a se rebaixar e convida-la para dançar.

Não que ele não quisesse. Toda vez que eles se cruzavam, ela com sua perfeita arrogância, seu rosto atraente, sua ágil e graciosa figura, ele pretendia se arrepender em voz alta de sua estupidez passada.

Ainda assim, tudo que ele sempre fez foi aumentar seu recorde de comportamento odioso. *Uma faculdade feminina, é assim que eles chamam um antro de lesbianismo hoje em dia? Se tornar uma editora —Então você acha que já não existem livros ruins o suficiente? Esse é um vestido arrebatador, minha querida, querida Srta. Fitzhugh; uma vergonha que você*

não pode preenchê-lo com um pouco mais de curvas —ou qualquer uma, aliás.

As farpas que ela soltava sempre deixavam seu coração em chamas. Eu sabia que tinha escolhido uma faculdade feminina por todos os motivos certos, mas um antro de lesbianismo —meu deus —é como descobrir uma jazida de ouro em uma terra que você acaba de comprar, não é? É claro, você encontraria uma grande quantidade de livros de tributação, dado o seu problema de alfabetização básica —Pode ficar tranquilo, eu publicarei alguns livros de ilustrações só para você.

E sua favorita, em resposta a desaprovação dele sobre sua silhueta: *Meu querido Lorde Hastings, eu receio não ter te ouvido bem. Você está balbuciando. Sua boca não estaria cheia de... sim, é isso! De fato, uma aglomeração de uvas verdes.* Com a ponta do seu dedo indicador, ela desenhou uma linha do seu queixo até acima do topo de seu pescoço, lhe lançou um olhar de puro escárnio e saiu.

E ele jamais havia se sentido tão *desesperançadamente* apaixonado.

—Você está me encarando, Hastings —disse a Srta. Fitzhugh do presente, com uma voz falhada.

—Sim, eu sei, lamentando seu declínio próximo —claro, você ainda é graciosa, mas a idade vai inexoravelmente te alcançar. Você não está ficando mais jovem, Srta. Fitzhugh.

Ela balançou seu leque.

—E você sabe o que dizem sobre mulheres de certa idade, o que elas querem acima de tudo?

Desejo fervilhou nele perante ao parco sorriso dela.

—Diga.

—Se livrar de você, Hastings. Assim elas não precisam mais desperdiçar o que resta de seus preciosos últimos anos sofrendo os seus olhares indecentes.

—Se eu parar de te olhar indecentemente, você sentirá falta.

—Por que não testamos essa hipótese? Você para e eu te conto depois de dez anos ou mais se eu senti falta.

Ele a encarou um pouco mais. Ele poderia observá-la durante toda a noite —na verdade, ele a *observaria* durante toda a noite, de onde quer que estivesse na sala de estar do Lorde Wrenworth —mas chegara a hora dele se afastar do sofá dela antes que ela o forçasse a deixá-lo.

Ele se levantou e fez uma leve reverência.

—Você não durará duas semanas, Srta. Fitzhugh.

As damas se retiraram pelas dez e meia da noite. Os cavalheiros fumaram alguns charutos, jogaram um pouco de cartas e algumas partidas de bilhar. Meia-noite e meia, Hastings era a última pessoa em pé.

Exceto que ele não foi diretamente para seu quarto. Invés disso ele se dirigiu a um esconderijo que dava uma visão limitada do quarto dela —amor não correspondido significava observar por portas fechadas, imaginando coisas. Uma luz fraca ainda brilhava por baixo da porta dela, que provavelmente estava lendo na cama.

Apenas mais algumas páginas.

Hampton house, sua casa de infância, tinha uma cama de um tamanho pequeno. Quando ele visitava, ele tinha um quarto a três portas de distâncias do dela. Toda noite, sua governanta vinha e insistia para que ela desligasse a lâmpada. Invariavelmente ela responderia, *Apenas mais algumas páginas.*

E quando a governanta havia ido embora, ele escorregava para fora de seu próprio quarto e se espreitava até a porta dela até que a luz se extinguísse por fim, antes que retornasse para cama para assar novamente em luxúria e desejo.

Um hábito que ele mantinha até esse dia, quando quer que eles estivesse sob o mesmo teto.

A luz dela desligou. Ele suspirou. Até quando ele ficaria desse jeito? Logo ele teria vinte e sete anos. Ele ainda planejava ficar parado em um lugar escuro no meio da noite e encarar a porta dela até que tivesse trinta e sete? Quarenta e sete? Noventa e sete?

Ele passou a mão pelos cabelos. Hora de ir para sua cama solitária, que ele poderia preencher com uma mulher, mas não o fez por relutância em dormir com qualquer outra pessoa enquanto Srta. Fitzhugh estivesse pelas proximidades. Talvez tivesse alguma fonte escondida de cavalheirismo que protestasse por esse ato de hipocrisia, ou talvez ele fosse apenas supersticioso, com medo de que essa infração pudesse destruir a tênue esperança que ele ainda tinha.

A porta dela se abriu.

Ele segurou a respiração. Será que ela o sentiu? Ele pressionou suas costas na parede curva do esconderijo. Estava muito escuro para enxergar bem, mas ela parecia estar posicionada na soleira. Ela procurava por ele?

A porta se fechou suavemente. Ele soltou o ar que segurava —ela deve ter retornado para seu quarto.

De repente ela estava diante dele, um distúrbio no ar. O coração dele subiu para o céu da boca; infinitas possibilidades desastrosas passaram por sua mente, todos os seus anos de fingimento se revelariam de uma vez. Ela levantaria uma fina sobrancelha e riria da futilidade de seus desejos.

Ela passou por ele. Ele piscou, desorientado pela abrupta evaporação do que tinha prometido ser uma confrontação conturbada. Ela não saiu por ele, ela buscava um lanche, talvez outro livro. Mas ela não tinha sequer uma vela para iluminar seu caminho. Era como se ela não quisesse que ninguém a visse... ou aonde ela estava indo.

Ele poderia não ser capaz de segui-la durante o verão —porque ela ouviria seus passos ecoando do chão. Mas era inverno e um grosso carpete fora colocado. Ele caminhou em silêncio, pelas paredes.

Ela se aproximou das escadas. Se ela seguisse para a cozinha aquecida ou para a biblioteca, ela desceria as escadas. Não foi o que ela fez: Ela subiu. A maioria dos convidados estavam no mesmo andar, as moças solteiras e os cavalheiros foram colocados em alas separadas. Acima, naquela ala, estavam apenas os convidados que chegaram atrasados... e o Sr. Andrew Martin.

Uma sensação de falta de ar tomou conta dele. Não seria possível que ele estivesse correto em suas suspeitas. Ela era de longe uma mulher esclarecida demais para visitar o quarto de qualquer homem, ainda mais um homem casado, a essa hora da noite.

No próximo andar só havia uma porta com luz por baixo. E quando ela se aproximou a porta se abriu por dentro. Na fenda apareceu Andrew Martin, sorrindo.

Ela deslizou para dentro. A porta fechou. Hastings permaneceu entorpecido no mesmo local.

Ela não era amiga de Martin e sua editora. Ela era sua amante.

Ele se encontrou sentado no chão —com os cotovelos sobre os joelhos, sua cabeça em suas mãos. Ela permaneceu no quarto de Martin por duas horas, saiu tão silenciosamente quanto havia chegado, deslizando pelas escadas como um fantasma da noite. Hastings não retornou para seu próprio quarto até quase amanhecer.

Ela não tinha obrigação de se preocupar com seus sentimentos, mas ela não se importava com seu próprio futuro? O que ela fez foi uma loucura absoluta. Se ela entrasse no quarto de um solteiro, Hastings ficaria menos devastado, porque pelo menos seu amante poderia se casar com ela, no caso

de o pior acontecer.

Com Andrew Martin não havia esse tipo de último recurso.

Mais tarde na manhã seguinte ele chegou perto dos dois na biblioteca, lendo em duas cadeiras próximas. Ela irradiava satisfação. Ele deu meia volta e foi embora.

Naquela noite ela visitou Martin de novo. Hastings montou guarda perto das escadas, tentando, sem sucesso, não imaginar o que estaria acontecendo dentro do quarto de Martin.

Ele passou sua segunda noite insone.

Na noite seguinte, ele se sentou nos degraus atapetados, sua cabeça descansava contra o frio corrimão. Ele teria que partir pela manhã —nunca havia permanecido longe de sua filha por mais de três dias. No caminho a sua casa, ele deveria parar na propriedade de Fitz e gentilmente contar as novidades sobre o comportamento da Srta. Fitzhugh? Ele não poderia não ser nada e nem ninguém para Helena Fitzhugh, mas seu irmão gêmeo, Fitz, era seu melhor amigo.

Ela o perdoaria se ele fizesse isso?

Ele se sentou reto. Um par de convidados sorridentes subiam as escadas. Ele reconheceu suas vozes sussurrantes: um homem e uma mulher, casados, mas não um com o outro.

Eles soavam mais que um pouco bêbados.

Seu coração bateu acelerado, ele tossiu alto. Os aspirantes a adúlteros ficaram em silêncio. Depois de alguns segundos eles trocaram sussurros, se viraram e desceram.

Levou alguns minutos antes que ele pudesse afrouxar seus dedos em volta do corrimão.

Não que aqueles dois fossem tentar abrir a porta de Martin. Não que a porta dele não estivesse seguramente trancada, com uma cadeira abaixo da maçaneta, como uma proteção extra contra intrusos. Mas se isso continuasse, algum dia, em algum lugar, alguém abriria a porta que não foi apropriadamente fechada.

Ele lentamente se levantou, se apoiando na balaustrada. Ele a conhecia. Era mais fácil arrancar o dente de um leão do que mudar sua cabeça. Ela iria ladeira abaixo por esse caminho, se recusando a ser desviada, até se espatifar nos limites da tolerância da sociedade.

E ele, por mais que até aquele momento quisesse bastante, não poderia sempre protegê-la.

O abraço de um amante fazia um olhar favorável sobressair a magnitude do universo. Conforme Helena Fitzhugh retornou a seu quarto vazio e escuro, ela suspirou de contentamento.

Ou melhor, tanto contentamento quanto era possível, dado que o abraço do amante particular aconteceu por cima de sua camisola e pela camisa de dormir dele —Andrew foi inflexível em não arriscar uma gravidez. Mas ainda assim, como era novo e emocionante beijar e tocar no conforto e privacidade de uma cama, era quase o bastante fingir que os últimos cinco anos nunca aconteceram e a única coisa que os separavam eram duas camadas finas e macias de lã de merino.

—Olá, Srta. Fitzhugh, —surgiu uma voz masculina da escuridão.

O coração dela parou. Hastings era o melhor amigo de seu irmão, mas não exatamente um amigo dela.

—Confundi meu quarto com o de suas amantes? —Ela estava orgulhosa de si mesma. Sua voz soava equilibrada, quase desinteressada.

—Então eu teria lhe cumprimentado com um dos nomes delas, não teria? —A voz dele estava tão indiferente quanto a dela.

Um fósforo acendeu, iluminando um par de olhos severos. Sempre a surpreendia que ele pudesse ser sombrio —intimidante —às vezes, quando ele era uma pessoa tão frívola.

Ele iluminou uma vela. A luz moldou suas características em relevo; as extremidades de seu cabelo brilharam em bronze. —Onde você estava, Srta. Fitzhugh?

—Eu estava com fome. Fui até a dispensa do mordomo e encontrei um pedaço de bolo de pêra.

Ele soprou o fósforo e o jogou na grade. —E voltou direto?

—Não que seja da sua conta, mas sim.

—Então se eu te beijar agora, você terá gosto de bolo de pêra?

Claro que Hastings sempre traria uma discussão para a sarjeta.

—Absolutamente. Mas seus lábios nunca tocarão os meus, esse é um ponto hipotético, meu Lorde Hastings.

Ele a olhou desconfiadamente.

—Você está ciente, não está, que eu sou um dos amigos que seu irmão mais confia?

Uma amizade que ela nunca entendeu bem.

—E?

—E que assim como tal, quando eu fico sabendo de uma conduta tão grotesca de sua parte, me convém informar a seu irmão sem demoras.

Ela levantou seu queixo.

—Conduta grotesca? É assim que chamam um pequeno assalto a dispensa do mordomo hoje em dia?

—Um pequeno assalto a dispensa do mordomo, é assim que se refere ao território dentro das roupas de baixo do Sr. Martin hoje em dia?

—Eu não sei do que você está falando.

—Devo usar nomes científicos?

Ele não gostaria de fazer isso. Mas era a política dela nunca deixa-lo gostar de nada às suas custas, ela declarou, —Sr. Martin e eu somos amigos de longa data e nada mais.

—Você e eu somos amigos de longa data e...

—Você e eu somos *conhecidos* de longa data, Hastings.

—Certo. Sua irmã e eu somos amigos de longa data e ainda assim ela nunca passou tempo no meu quarto. Sozinha. Depois da meia noite.

—Eu fui buscar um pedaço de bolo.

Ela levantou a cabeça.

—Eu vi você ir para o quarto do Sr. Martin a meia noite e quarenta, Srta. Fitzhugh. Você ainda estava lá quando eu saí vinte minutos atrás. Aliás, eu também testemunhei a mesma coisa acontecer nas últimas duas noites. Você pode me acusar de muitas coisas —e você acusa —mas não pode me atacar com conclusões precipitadas com evidências insuficientes. Não neste caso, pelo menos.

Ela enrijeceu. Ela o havia subestimado, pelo que parecia. Ele tem sido habitualmente volúvel, superficial; ela deveria ter adivinhado que ele teria a mais leve suspeita de suas incursões noturnas.

—O que você quer, Hastings?

—Eu quero corrigir seu jeito, minha querida Srta. Fitzhugh. Eu entendo muito bem que o Sr. Martin deveria ter sido seu em um mundo ideal. Também entendo que a esposa dele tem rezado para ele conseguir uma amante para que ela possa fazer o mesmo. Mas nada disso importa se você for descoberta. Então entenda, é minha obrigação moral passar a frente e informar seus irmãos, meus queridos, queridos amigos, que sua amada irmã está jogando sua vida fora.

Ela rolou os olhos.

—O que você *quer*, Hastings?

Ele suspirou dramaticamente.

—Isso me fere, Srta. Fitzhugh. Por que você sempre suspeita que eu tenha motivos ocultos?

—Por que você sempre tem um. O que eu preciso fazer agora pelo seu silêncio?

—Isso não vai acontecer.

—Eu me recuso a pensar que você não pode ser comprado, Hastings.

—Oh, que fé irredutível sobre minha corruptibilidade. Eu quase odeio te desapontar.

—Então não me desaponte. Diga seu preço.

O título dele era bem novo —ele era apenas o segundo Visconde de Hastings depois de seu tio. O cofre da família estava cheio até a borda. O preço dele não seria nada contado em libras esterlinas.

—Se eu não disser nada —ele meditou —Fitz ficará muito zangado comigo.

—Se você não disser nada, meu irmão não saberá.

—Fitz é um homem esperto —exceto quando se trata de sua esposa, talvez. Ele saberá mais cedo ou mais tarde, de alguma maneira.

—Mas você é um homem que vive no presente, não é?

Ele levantou uma sobrancelha.

—Essa não é a sua maneira de dizer que eu não tenho nada na cabeça e que sou incapaz de pensar no futuro, certo?

Ela não se incomodou em responder a essa pergunta. —Está ficando tarde —não vai demorar nada até alguém chegar para acender uma lareira novamente. Eu não quero que você seja visto no meu quarto.

—Pelo menos um casamento para salvar a sua reputação poderia ser feito. Sr. Martin não está em posição de fazer o mesmo.

—Isso está fora de questão. Me diga o que você quer e vá embora.

Ele sorriu, um sorriso torto cheio de sugestões. —Você sabe o que eu quero.

—Por favor não me diga que você ainda está tentando me beijar. Eu já não deixei minha falta de interesse nisso completamente clara?

—Eu não quero beijar você. Entretanto, *você* precisa me *beijar*.

Ela, beija-lo?

—Ah, eu percebo que você está esperando para permanecer imóvel e pensando nos mártires cristãos atacados pelos leões do Coliseu. Eu vou esperar uma agressão excepcional, Srta. Fitzhugh.

—Se eu fosse um leão, eu te acharia um pedaço de peixe podre, totalmente distante do meu gosto e dificilmente comestível, já que eu acabei de jantar a mais fina gazela da savana inteira. Você vai me desculpar se eu falho em criar qualquer entusiasmo sobre cair em cima de você.

—Muito pelo contrário. Eu não posso desculpar tamanha falha. Não por fim. Você de alguma forma vai criar entusiasmo ou eu estarei no próximo trem rumo ao sul.

—E se eu fingir um empenho falso o suficiente para te satisfazer?

—Então eu não direi nada para ninguém sobre o Sr. Martin.

—Sua palavra?

—*Sua* palavra que o beijo será mais depravado que qualquer um que você tenha dado no Sr. Martin.

—Você é pervertido, Hastings.

Ele sorriu novamente.

—E você é exatamente o tipo de mulher para se apreciar, Srta. Fitzhugh, quer você perceba ou não. Agora, isso é o que eu quero que você faça. Eu quero que você me agarre pelos ombros, me empurre contra a parede, coloque a mão por baixo da minha camisa...

—Estou sentindo subir a bile.

—Então você está pronta. Avante, eu aguardo a sua investida.

Ela fez uma careta.

—Como eu odeio estragar um chance perfeita de te rejeitar.

—Nada dura para sempre, minha querida Srta. Fitzhugh. E lembre-se, me beije apaixonadamente. Ou terá que fazer de novo.

Ela poderia muito bem acabar com isso.

Ela diminuiu o espaço que os separava com dois grandes passos e o agarrou pela manga da roupa de dormir. Invés de empurra-lo para trás como ele havia instruído —como se ela fosse deixa-lo ditar as especificidades de sua provação —ela o puxou para si, uniu sua boca dele e se imaginou como um tubarão com centenas de dentes afiados como navalhas.

Ou talvez ela fosse uma criada do submundo, sua boca uma confusão de ácido ardente e fumaça de enxofre, devorando a alma dele, saboreando todas as inúteis imoralidades que ele cometeu durante sua vida como uma limpeza do paladar no caminho de mais pecados enormes.

Ou uma planta carnívora, cheia de um delicioso néctar, mas foi ele que lamentou ter pensando que poderia afundar e ter uma amostra de seus encantos. Ao contrário, ela iria devora-lo, homem estúpido.

Vagamente ela sentiu algo duro e suave em suas omoplatas. Eles estavam no meio do quarto dela; Por que ela estava sendo pressionada em uma parede? E por que, de repente, era ela que estava sendo devorada?

Os músculos dos braços dele eram fortes e duros contra suas mãos. O corpo dele era alto e sólido como o portal de um castelo. A boca dele, invés de ter gosto de uma fornalha de luxúria gananciosa, era fresca e deliciosa, como se ele tivesse acabado de beber um longo gole da água de um poço.

Ela o empurrou e secou seus lábios. Ela estava ofegante. Ela não sabia porquê estaria assim.

—Oh. —Ele murmurou. —Mais feroz que qualquer coisa que eu pudesse ter imaginado. Eu estava certo. Você me quer.

Ela o ignorou.

—Sua palavra.

—Eu não direi nada sobre Andrew Martin para ninguém. Você pode confiar nisso.

—Saia.

—Felizmente, agora que eu já consegui o que eu queria. —Ele sorriu tolamente. —Boa noite, minha querida. Você valeu a espera.

Capítulo 1

Um congestionamento surgiu na rua Fleet, e a carruagem de Hastings foi pega no meio. A aglomeração de veículos avançava em um ritmo lento que não venceria uma corrida contra a tartaruga de estimação de sua filha. Vendedores e meninos iam de carruagem em carruagem, vendendo cerveja de gengibre e pães quentes à multidão cativa.

Se o congestionamento tivesse ocorrido em uma rua diferente, Hastings teria descido e andado. Mas ele escolheu aquela rota em particular por um motivo: uma janela que se destacava dentre as outras duas dúzias que ficavam no mesmo prédio. Os olhos dele, entretanto, eram sempre infalivelmente atraídos por aqueles específicos painéis de vidro —o brilho deles era bastante entorpecido nesse horário graças as sombras de uma tempestade próxima.

Se ele pudesse subir quatro, seis metros no ar, ele seria capaz de ver Helena Fitzhugh, sentada com suas costas na janela. Ela vestiria uma camisa branca por dentro de uma saia escura, seus cabelos de fogo presos em um coque elegante na altura da nuca. Uma xícara de chá estaria provavelmente em sua mesa, trazida por sua meticulosa secretária pela manhã, e amplamente ignorada pelo resto do dia.

Muita coisa pode acontecer em seis meses —e muita coisa aconteceu. Hastings cumpriu sua promessa mantendo o nome de Andrew Martin longe de qualquer discussão. Mas ele não manteve as ações dela em segredo. Na verdade, na manhã seguinte após o confronto, ele saiu cedo, viajou até a propriedade do irmão dela, e informou sua família que ela tinha estado fora durante a noite quando não deveria estar.

A família dela imediatamente entendeu as implicações. Ela foi meio persuadida, meio ordenada a atravessar o oceano em direção a América, sob o pretexto de um artigo que ela precisava escrever sobre as damas da Faculdade Radcliffe, uma faculdade feminina associada à Universidade de Harvard.

Os eventos que se sucederam no câmpus da Universidade de Harvard levaram a um dos mais intrigantes escândalos da até então temporada de Londres, um escândalo que envolveu a irmã mais velha de Srta. Fitzhugh e o Duque de Lexington, e resultou em um casamento inesperado.

Enquanto isso, o irmão gêmeo dela, Fitz, finalmente percebeu que ele

estava —e esteve por anos —apaixonado pela sua esposa herdeira, uma mulher com quem ele se casou completamente pela força das circunstâncias e nunca acreditou que poderia se tornar o amor de sua vida.

Para Hastings, entretanto, pouco mudou, além da rejeição de sua amada ser maior do que nunca. A vida deles continuou, ocasionalmente se cruzando em uma explosão de faíscas. Mas assim como imagens produzidas por uma lanterna mágica, o drama e o movimento não eram nada além de ilusões girando e girando. Nada de substancial aconteceu. Eles lidavam um com um outro desde que eram crianças, e ele não estava mais perto do coração dela do que a xícara de chá ao seu lado, um objeto fixo em sua vida, mas totalmente sem importância.

E então ele encarou a janela dela na luz do dia, assim como ele encarou a sua porta na escuridão da noite.

A janela abriu. Ela se inclinou para fora, observando.

Ele sabia que ela não podia vê-lo —não poderia, graças a carruagem mais próxima, e até mesmo pela crista de sua carruagem. Mesmo assim a sua respiração se acelerou e seu coração ficou apertado.

Então, depois do turbilhão de emoções, um desânimo familiar. Ela nem ao menos olhou para baixo, apenas olhou a distância na direção da residência de Andrew Martin.

Apesar de Hastings cumprir à regra —se não no espírito —a sua promessa, os membros da família dela descobriram por si mesmos a identidade do parceiro de crime da Srta. Fitzhugh.

Posteriormente Hastings recebeu um —talvez bem merecido —soco na cara de Fitz por não ter contado toda a verdade. Andrew Martin não recebeu um bem-merecido (se não mais) soco na cara, mas Fitz deixou claro que ele não deveria jamais entrar em contato com Srta. Fitzhugh novamente.

Ela sentiu falta dele. Hastings não era nada além de uma sombra na multidão, mas Martin era seu ar, seu céu.

Ele a observou até que fechasse a janela e desaparecesse de vista. Então ele saiu da carruagem, instruiu o cocheiro a seguir até sua casa assim que o congestionamento melhorasse, e caminhou.

A janela podia não estar apropriadamente fechada mas Helena podia ouvir mais uma vez o barulho do congestionamento abaixo.

Ela pressionou uma mão no lado de sua cabeça, seus dedos batendo sem cessar na última carta que Andrew lhe enviara. Ela a leu um sem número de

vezes, mas como uma leitora inveterada, ela não conseguia evitar de gravar as palavras registradas diante dela.

Caríssima, Estou aliviado de saber que você retornou em segurança da América. Eu senti sua falta desesperadamente durante as longas semanas de sua ausência. Não preciso te dizer o quanto estou deliciado de receber sua mensagem sobre nos encontrarmos, e eu não preciso dizer o quanto eu gostaria de vê-la.

Mas eu tenho pensado muito sobre isso. Por mais incrivelmente eufórico que eu estivesse, e por mais que honrado que eu seja de ser o alvo de seu afeto, não posso esquecer que cada momento de nossas alegrias roubadas significaram um terrível perigo para você.

É minha culpa, claro. Eu nunca deveria ter me permitido ser seduzido pela ideia de minha própria felicidade. Foi um completo egoísmo de minha parte não entender mais cedo que eu estava te privando de viver sua própria vida, uma vida que deve ser vivida abertamente, sem jamais temer ser descoberta.

Levou anos para que ela convencesse Andrew pouco a pouco de que seus desejos valiam alguma coisa. Se ela quis ficar com ele intimamente, ela era madura o suficiente para tomar uma decisão com entendimento total das consequências possíveis.

Mas com um rápido aviso de Fitz, Andrew mudou de ideia. Obedientemente ele parou de vê-la, até mesmo como editora. E suas cartas também acabaram. Exceto por uma oportunidade de encontro em uma estação de trem a bastante tempo, ela não o viu desde antes de viajar para a América em Janeiro.

Eram tão inúteis essas convenções que a sociedade se agarrava, validando um casamento que era essencialmente uma transação de propriedades acima das realidades do coração, e a julgando por possuir um hímen invés de suas ações e caráter. Até a sua própria família —seu irmão e irmã, que a deixaram tomar suas próprias decisões a maior parte de sua vida —se provaram inflexíveis nesse ponto em especial.

Mas não está tarde para você. Você é doce, charmosa e linda. Eu te desejo todas as bênçãos que meu coração pode carregar, e eu continuarei a ser seu leal e devotado amigo.

Era tarde demais para ela, ele não podia ver? Era tarde desde o começo. E não era como se ela não tivesse dado uma boa e vigorosa olhada nos cavalheiros disponíveis para ela. Mas ela ainda estava por conhecer alguém

com quem a ideia de passar o resto de sua vida fosse remotamente tolerável.

Ela não conseguia aceitar que isso era o fim. Aproveitando o momento de privacidade —mesmo que eles estivessem parados na plataforma do trem cheia de viajantes —ela fez um apelo intenso dizendo que a reputação não era a única coisa que importava. Que a felicidade dela também contava para alguma coisa. E que ele, de todas as pessoas, tinha o dever de se importar pela sua felicidade.

A resolução dele pareceu chacoalhar no final de sua súplica. Era possível que até então ele estivesse reconsiderando sua decisão. Se ao menos ela pudesse saber os pensamentos que cruzavam sua mente naquele momento.

Uma brisa densa soprou e quase levou a carta de Andrew embora. Ela a pegou, guardou em uma gaveta trancada onde ela mantinha suas outras cartas, jogou fora a xícara de chá que a Srta. Boyle insistia em levar para ela todo dia e foi até a janela. A multidão abaixo ainda não havia se dissolvido, centenas de carruagens se arrastavam como uma parada de caramujos. O céu se tornou ainda mais escuro. Os cocheiros se encolhiam em suas capas de chuva, os pedestres, de cabeças baixas, aumentavam o passo.

Um pedestre em particular lhe chamou a atenção. O ângulo de seu chapéu, o tamanho de seus ombros, a agilidade de seu andar... Ela devia estar imaginando coisas. Hastings não caminharia pela rua Fleet a essa hora do dia; era bem mais provável que ele estivesse no meio de um encontro com uma garota de programa.

Uma imagem muito vívida surgiu em sua cabeça: Hastings pressionando uma mulher anônima contra a parede, uma mão em seu quadril, a outra em sua nuca, beijando-a —não, devorando-a com seus lábios e línguas. A mulher não era menos indecente em sua luxúria, seus dedos agarravam os cabelos dele, seu corpo se contorcia, gemidos e suspiros de todos os jeitos escapavam de sua garganta.

Helena fechou a janela com força, sacudindo seus braços.

Embora ele fosse o melhor amigo de seu irmão, Helena não imaginava muito dele: Hastings era uma vespa em um piquenique, ou uma mosca que caía ocasionalmente na sopa de alguém —irritante quando estava por perto, mas raramente uma preocupação.

Até que seis meses atrás, ele pediu um beijo em troca de seu silêncio mentiroso.

Ela ainda se controlava para não pensar muito nele, mas quando pensava, seus pensamentos voavam em direções incontroláveis.

Ela retornou a sua mesa e abriu a gaveta debaixo de novo, pretendendo ler um pouco das cartas antigas de Andrew para afogar a parte de sua mente que persistia em imaginar Hastings no seu encontro ilícito. Ao invés disso, ela pegou da mesma gaveta outra coisa totalmente mentirosa: um manuscrito que Hastings mandou para ela a não muito tempo.

Um manuscrito erótico chamado —*A noiva de Larksphear*—, no qual a noiva do título vivia em um estado de escravidão literal, amarrada pelo seu marido à cama.

As framboesas foram pegas algumas horas antes. Elas ainda eram pequenininhas, de um adorável e profundo vermelho. Eu rocei uma nos lábios dela.

—O que é isso?

—Algo suculento e delicioso—, eu falava mais fácil quando não precisava olhar em seus olhos, quando os olhos vendados substituíam o desprezo neles por uma tira de venda preta. —Coma você.

Ela abriu sua boca e comeu a framboesa. Eu a observei enquanto mastigava e então engolia. Uma pequena mancha do suco da framboesa permaneceu no seu lábio inferior. Eu a lambi, saboreando a doçura ácida.

—Você gostaria de outra?

—Por que tanta gentileza? —ela perguntou ironicamente. —Eu já estou nua, amarrada e vendada. Vá em frente. Faça o que quiser comigo.

Como eu amaria descer até aquela alcateia de lobos. Meu corpo certamente já estava preparado, meu pênis duro e quente, meus músculos se esforçavam contra meus próprios impulsos.

—Não —eu respondi. —Eu vou brincar com você um pouco mais.

Havia uma ilustração da noiva nua no fim da página. A visão era de lado. A face dela estava obscurecida por um dos suportes da cama, mas seus seios eram esticados, suas pernas sem fim. O olhar de Helena, entretanto, se dirigiu para seus pés, um arqueado e o outro flexionado, os dedos da outra pressionando fortemente os lençóis, como em uma excitação silenciosa.

Seus próprios dedos estavam cavando contra as solas de suas botas. No momento em que ela percebeu, pegou o manuscrito, o empurrou de volta para a gaveta e girou a chave na fechadura.

Ela realmente deveria queimá-lo. Ou, invés disso, ler tudo e enviar a ele uma educada imitação de uma carta de rejeição. Mas ela não poderia levar as páginas até a lareira, assim como não conseguia ler mais do que uns poucos

parágrafos de cada vez.

Esse, talvez, seja o verdadeiro motivo de ela estar zangada com ele: Ele quebrou a antiga e invisível barreira, e essa consciência nela —a consciência dele como um homem.

E ela não queria isso. Ela o queria exilado na periferia de sua existência, onde ele ficaria o resto de sua vida natural. Para nunca mais ser a causa de batimentos cardíacos irregulares e respiração ofegante.

Passou um tempo até que ela conseguisse voltar a trabalhar.

Hastings não foi para a casa diretamente, ele parou no clube. A temporada estava chegando ao fim, e o clube tinha poucas pessoas. Logo a sociedade seguiria para o litoral ou para o interior. Ele poderia ver um pouco mais de Helena quando Fitz e sua esposa dessem sua anual festa de caçada em Agosto. Mas depois disso, seria um longo intervalo até o Natal em que não haveria qualquer portas dela para ele encarar.

—Meu lorde, um telegrama para você. —disse um dos lacaios do clube. —Seus criados pensaram que você gostaria de lê-lo.

—Obrigado —ele disse, pegando o telegrama.

Era de Millie, a esposa de Fitz, informando que ela e seu marido teriam umas pequenas férias em Lake District. As novidades agradaram Hastings: Fitz e Millie tiveram uma longa jornada até a felicidade e mereciam se banhar em sua recém encontrada felicidade.

Ela quase esqueceu o pós escrito bem no fim do telegrama.

Para refletir, querido Hastings, eu percebi que deveria ter revelado meus verdadeiros sentimentos anos atrás. E, se eu posso chegar tão longe, você também deveria.

Ele deveria, é claro. Um homem mais racional, menos orgulhoso, consideraria o prêmio no fim, engoliria sua humilhação, e rapidamente avançaria até cortejar sua amada. Hastings não era esse tipo de homem. Em todos os outros aspectos ele era bastante razoável, mas quando se tratava de Helena Fitzhugh, sua abordagem era tão ridícula que ele poderia ter construído um templo para o deus da chuva no meio do deserto do Saara.

Ele certamente prometia bastante em sua rezas para que ela miraculosamente mudasse de ideia, acordasse um dia, olhasse para ele com olhos completamente diferentes, e o visse como ele desejava ser visto.

—Algo errado?

Ele olhou para cima. Quem falava era Bernard Monteth, um homem magro

com o cabelo prematuramente grisalho. Eles frequentavam os mesmos clubes por anos, mas foi apenas nos últimos seis meses que Hastings cultivou uma grande camaradagem com Monteth: A esposa dele era a irmã da Sra. Andrew Martin.

Hastings levantou uma sobrancelha.

—Falando comigo, senhor?

—Você parecia pensativo.

—Pensativo? Eu? Não estava nada mais que imaginando os prazeres que me esperam essa noite. Tenho que aproveitar enquanto posso, entende, antes que todos se bandeiem para os campos.

Monteth suspirou.

—Eu te invejo, Hastings, aproveite mesmo enquanto pode. Não case tão cedo como muitos de nós.

—Vou me preocupar em não mencionar nossa conversa a Sra. Monteth, —Hastings disse despreocupadamente. —Como vai a patroa, aliás?

—Sempre planejando alguma coisa, aquela mulher —, resmungou Monteth.

—Espero que ela não esteja conspirando contra você —Não eu acho. —graças —Não ainda, pelo menos. Mas minha esposa está sempre conspirando contra *alguém*.

Não era um exagero. Sra. Monteth não era apenas uma fofoqueira, como uma guardiã auto proclamada da virtude e da honra. Ela espiava seus criados, abria portas aleatórias de festas em casas de campo —essa era a razão pelo qual ela era raramente convidada para qualquer desses dias —e fazia tudo que estava ao seu alcance para expor e punir as falhas morais particulares de todos ao seu redor.

—Então para quem é a conspiração dela essa semana?

—Não sei. —resmungou Monteth. —Mas ela está gastando um monte de tempo horroroso com a irmã dela.

Hastings sentiu um frio estranho na espinha.

—Ela teria algo sobre Sr. Martin?

Monteth balançou a cabeça.

—Aquele homem senta em um quarto com seus livros e sua máquina de escrever e nunca sai. Minha esposa não gastaria seu tempo com ele.

Se Monteth soubesse.

—Não —continuo Monteth. —Martin não ultrapassaria os limites.

Martin já fez isso. Ele poderia muito bem fazer de novo, apesar de sua promessa a Fitz.

—Bem —disse Hastings. —Me deixe a par das intrigas da sua esposa, tudo bem? Não há nada que eu ame mais do que um bom e velho escândalo.

Capítulo 2

O trabalho se tornou o refúgio de Helena, com sólidos intervalos de tempo em que ela podia esquecer que se tornou uma prisioneira em sua própria vida. O —*Contos de um Velho Sapo da Lagoa*—, uma coleção de livros infantis, se tornou uma fonte de consolo tardio, ela tinha adquirido os direitos mais cedo naquele ano.

O livro descrevia as aventuras de um par de patinhos e seus amigos em volta de uma lagoa aparentemente tranquila que, no entanto, não oferecia todas as aventuras que todo coração jovem desejava —ou aguentava, como raposas espreitando na primavera, crocodilos chegavam para escapar do calor do verão no Egito, e coelhinhos bobinhos que às vezes colocavam fogo em suas casas enquanto assavam cenouras para as celebrações do equinócio.

Helena planejava publicar uma história por mês durante doze meses, começando em Setembro, e então um lindo box para o Natal, em seguida um volume única contendo todas as histórias já publicadas, mais um par de novas histórias para formar o catorze da sorte no total.

Ela nunca encontrou com a Srta. Evangeline South, a autora dos contos, mas achou muito fácil trabalhar com a mulher. Os contos não tinham sido feito para serem publicados em série, e Helena pediu por algumas modificações. As alterações foram feitas rapidamente e a agradaram bastante.

Ela brincou com a ideia de contratar um calígrafo para fazer os textos dos livros, o que aumentaria o custo de produção, mas...

Ouviu uma batida na porta.

—Sim?

Srta. Boyle, sua secretária, ela apontou para trás.

—Senhorita, Lorde Hastings está aqui para vê-la.

A cadeira de Helena fez um ruído alto.

Hastings ocasionalmente vinha busca-la a mando de Fitz, mas Fitz e Millie não estavam em Londres —eles estavam a caminho de Lake District, na verdade.

—Pode deixa-lo entrar, mas o avise que eu tenho apenas alguns minutos disponíveis.

—Sim, senhorita.

Helena se olhou rapidamente no espelho da parede. Ela estava com sua

camisa branca usual, um broche de camafeu antigo em seu pescoço. Sua irmã, Venetia, dois anos mais velha que ela, era a grande beleza daquele tempo. Helena frequentemente se sentia grata por não precisar ser oprimida pelas roupas impressionantes de Venetia, que faziam a maior parte dos homens e bom número de mulheres serem incapazes de ver além de seu rosto.

Hoje, entretanto, ela gostaria de estar tão incrivelmente linda como Venetia. Ela iria gostar de exibir toda aquela beleza diante de Hastings, e deixa-lo de boca aberta pelo que ele não poderia ter.

Hastings entrou com um sorriso de gato de Cheshire e o andar de tigre siberiano, homem grande que se movia com firmeza, mas também leveza, sempre a espreita.

Helena trincou os dentes —ela poderia jurar que nunca percebeu seu andar antes do começo do ano.

Ele se sentou.

—Srta. Fitzhugh, como eu estou feliz que você possa gastar cinco minutos comigo.

—Eu te pediria para se sentar, mas vejo que você já fez isso, —ela disse como uma saudação.

—Devo lhe trazer chá? —Srta. Boyle ofereceu ansiosamente.

—Lorde Hastings é mais ocupado que eu e você juntas, Srta. Boyle. Tenho certeza que ele não vai ficar tempo suficiente para a água ferver.

—Realmente, eu devo ficar apenas o suficiente para ver o sangue de Srta. Fitzhugh ferver. —Hastings sorriu pretensiosamente. —Mas obrigado pela agradável oferta, Srta. Boyle.

—Claro, meu lorde. —respondeu Srta. Boyle, ruborizando de alegria.

—Não faça isso —o cortou Helena, assim que Srta. Boyle fechou a porta atrás dela.

—Fazer o quê?

—Flertar com a minha secretária.

—Por que não? Ela gosta e eu também.

—E o que vai acontecer quando ela se apaixonar por você?

Ele sorriu.

—Minha querida Srta. Fitzhugh, você me dá tanto crédito. Eu só posso imaginar que você deve achar muito difícil de resistir.

—E ainda assim minha resistência se mantém intacta, depois de todos esses anos.

—Uma mera película que uma brisa fraca a soprará embora. Mas você de verdade, você não precisa temer por Srta. Boyle. Ela está prometida a um jovem que trabalha na cidade e a espera do lado de fora toda a tarde para leva-la para casa. Ele até se encontraram umas duas vezes aos domingos para fazer um piquenique no campo.

—Eu nunca ouvi nada disso.

—E por que ela falaria desses tipos de distrações para a sua empregadora? Você conversa com ela sobre seus casos amorosos?

—Então por que ela falaria para você?

—Eu mostro interesse. Ela acha minhas atenções lisonjeiras., mas é bem perceptiva, aquela juvenzinha, e não está disposta a deixar minha adorável plumagem virar sua cabeça.

Adorável plumagem.

—Você se acha grande coisa.

—Eu aprendi o truque de Lorde Vere. Faz com que o sangue do meu ouvido ferva mais rápido.

Ele tinha uma boa voz —as palavras emergiam como notas em um arpejo. Ela já tinha percebido isso antes?

Ela estava começando a ficar totalmente irritada consigo mesma. Se inclinando para trás em sua cadeira, ela falou com sua voz fria e impaciente.

—Por que você está aqui?

—Porque eu sou um amigo bom e leal e estou preocupado com você.

Ela riu consigo mesma.

—Estou tocada, Hastings. Me diga, é a maneira de eu não estar preenchendo o meu corpete que está te incomodando de novo? E minhas pegadas de Amazona estão rachando as ruas de Londres?

—É sobre o Sr. Martin.

—Eu já ouvi avisos o suficiente de você sobre esse assunto, Hastings —ela disse com desdém.

—Mas você não prestou atenção em nenhum deles.

—O que não é culpa de ninguém além de minha.

Ele olhou para baixo um momento antes de levantar seus olhos novamente —ele sempre teve esses olhos de um tom específico de azul?

—Você vai me levar mais a sério se eu prometer nunca tentar te beijar de novo?

Ela rolou os olhos.

—Sua promessa de não me beijar vai se traduzir em tentativas desaforadas

de me agarrar, pelo que eu sei do calibre de suas promessas.

—E se eu prometer nunca mais ficar a menos de três passos de você?

Alguma coisa no timbre de sua voz fez com que ela parasse. O que essa sinceridade por parte de Hastings poderia ser? Ela deixou o pensamento de lado.

—Então sem dúvida você vai querer que eu tire a roupa e amarre a mim mesma na cabeceira da cama —como você descreveu no seu livro sujo —enquanto você observa a três passos de distância e faz qualquer coisa nojenta que homens fazem nessas situações.

—Você coloca cada ideia na minha cabeça... —ele murmurou Agora, seu tom zombador era um pouco mais familiar. Não que ela tenha se saído muito melhor —dentro de suas meias, seus dedos se apertaram de novo.

—Você cria esses tipos de ideias grosseiras sem nenhuma ajuda minha.

Ele suspirou exageradamente.

—Vejo que é inútil oferecer qualquer promessas.

—Totalmente sem sentido.

Ele se inclinou.

—Às vezes você deve desconsiderar o mensageiro e considerar apenas a mensagem —ou se esqueceu que eu estava exatamente correto sobre Billy Carstairs? Sra. Monteth está à solta, e você será uma tola de ignorar até onde ela está disposta a ir para desmascarar o que ela considerar errado.

Sra. Monteth era a irmã da esposa de Andrew, guardiã do que ela considerava virtude. Sua ideia de virtude era considerada em sua maior parte —senão totalmente —a castidade. Ela vivia para expor empregadas que davam muitas liberdades para seus parceiros, ou jovens senhoritas que podiam ter sido indiscretas com alguém que não eram seus pretendentes aprovados pela família.

—Eu sou perfeitamente capaz de desconsiderar o mensageiro quando a mensagem vale o meu tempo. —Mas seu lembrete sobre Billy Carstairs fez com que ela pausasse. Ela desdenhou de tudo que Hastings havia dito sobre o seu primo favorito de outrora, mas o tempo provou que sua boa opinião sobre Billy era uma ilusão triste. —Vá até minha janela e dê uma olhada.

—Rua Fleet? Eu sei como ela é.

—Não me diga. Olhe além da rua para sua direita, segundo poste.

Ele foi até a janela.

—Tem um homem lendo jornal —disse Hastings.

—Ele está ali para ter certeza de que eu não vou escalar a janela exterior

—diante da multidão da rua, veja você —e escapar de fazer travessuras inapropriadas. E você sabe muito bem que minha empregada senta do lado de fora dessa sala para me privar de sair andando. Nos dias que eu caminho para o trabalho, ela me segue a dois passos de distância. Nos dias que eu pego uma carruagem, o cocheiro é instruído a não me deixar em nenhum lugar exceto o trabalho, onde ela já está esperando. E quando eu sou arrastada entre várias salas e salões, tanto minha irmã como a minha cunhada ficam a um metro de distância, mesmo quando eu vou ao banheiro.

Ao contrário do que ela esperava, sua enumeração dos vigias que ficavam por perto dela falhou em deixá-lo impressionado.

—Isso é tudo?

—Isso é *tudo*? Como a Sra. Monteth me pegará em qualquer ação escandalosa quando eu não posso nem espirrar sem se seja prontamente reportado?

—Eu tenho mais fé em você, Srta. Fitzhugh. Você ainda não se livrou dessa vigilância ainda, mas é apenas uma questão de tempo antes que você arranje uma oportunidade. —Ele parou e a olhou por um momento. Ela ficou desconcertada por algo que brilhou em seus olhos —algo que ela desconfiava estar perto de uma preocupação verdadeira. —Quando essa hora chegar e a oportunidade se apresentar, eu imploro que você exercite sua sabedoria, se limite e lembre-se que nem todas as oportunidades são iguais. Algumas não são nada além de um caminho que leva diretamente à catástrofe.

E com isso, ele fez uma reverência e saiu.

Helena tentou voltar para —*Os Contos de um Velho Sapo da Lagoa*—. Srta. Evangeline South era uma ilustradora talentosa e habilidosa, mas com um toque extravagante. A lagoa tinha um perfeito tom de verde primaveril, as casas eram carregadas de heras e floreiras crescendo nas janelas, a grande tora que no verão servia de barco para as tartarugas —visitas ocasionais de climas quentes —era enfeitada encantadoramente com enormes buquês de junco.

Mas onde antes os desenhos a faziam sorrir, agora a fazia franzir o cenho.

Com certeza... com certeza ela não poderia pensar na possibilidade de haver quaisquer similaridades entre a alegre inocência nas ilustrações da Srta. South e a obscenidade gritante de Hastings.

Ela pegou o manuscrito de Hastings de novo, passou as páginas, cada imagem pornográfica reafirmando a ela que sim, sua mente estava lhe pregando peças: Não havia a menor semelhança entre a arte do —*Velho Sapo*

da Lagoa —e os rabiscos obscenos de —*A Noiva de Larkspear*.

A algumas páginas do fim do manuscrito, entretanto, ela viu uma ilustração que não poderia ser chamada de indecente. Dessa vez a noiva de Larkspear estava vestida —apropriadamente vestida, em um vestido abotoado até seu queixo. Ela estava deitada na grama, a borda de seu chapéu cobrindo parte de seu rosto. Apenas sua boca estava visível, curvada em um provocador —ou talvez zombeteiro —sorriso.

Sem a distração e confusão da nudez da mulher, a semelhança no estilo do artista emergiu da página e atingiu Helena com um soco nos pulmões. Ela não tinha imaginado coisas no fim das contas: Existia uma similaridade nítida no uso das cores, a curvatura das linhas, o peso e a solidez das formas.

Antes que ela pudesse colocar seus pensamentos em ordem, ouviu uma batida na porta.

Ela rapidamente trancou o manuscrito.

—Entre.

Srta. Boyle entrou.

—Outro telegrama para você, senhorita.

—Obrigada, Srta. Boyle.

Fitz havia mandado um telegrama a não muito tempo. Ele lembrou de alguma outra coisa para contar?

Mas o telegrama não tinha o nome ou o endereço do remetente. O texto era pequeno e impessoal. —*Próxima segunda-feira. Hotel Savoy. Quatro da tarde. Pergunte pelo quarto de Quaid.*

Ela segurou a respiração. Andrew. Finalmente. Ela pressionou o telegrama em seu coração, sua mente começou a voar, imaginando o prazer dessa reunião tão esperada. Uns minutos se passaram antes que ela deixasse de lado a satisfação e começasse a pensar a realidade dos arranjos para conseguir chegar ao encontro, com toda a vigilância que foi colocada em cima dela.

Bem, se o Conde de Monte Cristo conseguiu escapar do castelo, não deveria ser impossível para ela se livrar dos cães de guarda.

As palavras de Hastings inesperadamente surgiram em sua cabeça, circulando em ecos ameaçadores, quase proféticos. *Eu imploro que você exercite sua sabedoria, se limite e lembre-se que nem todas as oportunidades são iguais. Algumas não são nada além de um caminho que leva diretamente à catástrofe.*

Ela hesitou por um longo tempo antes de perceber o que estava fazendo.

Ninguém a impediria de ver Andrew, muito menos Hastings.

Capítulo 3

Helena teve uma súbita sorte da manhã seguinte. Sua dama de companhia, Susie, contratada para ficar de olho nela, se resignou: A governanta de um ex-empregador morreu depois de uma doença súbita, e Susie foi abordada para se tornar a nova governanta —imediatamente. Helena estava mais do que feliz em deixá-la ir com um salário extra e uma brilhante carta de recomendação.

Para sua irmã, Venetia, a Duquesa de Lexington, com quem ela estava morando, Helena sugeriu que, desde que Fitz e Millie haviam viajado para umas rápidas férias no Lake District sem empregados, Venetia podia pedir para que a dama de companhia de Millie, Bridget, fosse a pessoa que ficasse sentada do lado de fora do escritório de Helena por uns dias, até uma substituição satisfatória para Susie fosse feita.

Helena não deixou de perceber que Fitz e Millie retornariam na segunda-feira à tarde. Bridget estaria ávida para retornar a sua senhora, e Helena poderia explorar essa lacuna de tempo como uma vantagem.

Nesse meio tempo, Helena se contrabandearia para fora da cocheira da Casa Lexington e contataria uma companhia de carruagens.

O cenário estava montado, as peças movidas. Ela esperaria só até a chegada de segunda-feira à tarde para ver se sua estratégia lhe traria uma vitória no campo.

Sábado à noite os Lexingtons davam um jantar em sua casa. Como era normal quando um de seus irmãos eram os anfitriões, Hastings foi convidado para o encontro. Mas ele não estava sentado em nenhum lugar perto de Helena, que há tempos pediu para que ele nunca fosse alojado perto dela em um jantar, para não diminuir sua diversão.

Mas depois do jantar, uma vez que os cavalheiros terminassem o seu vinho e charutos, eles se juntavam novamente as damas na sala de estar, e nessas horas não tinha como escapar de Hastings. Tão inevitável como o dia se tornar noite, ele apareceu ao seu lado, presunçoso e elegante, como um predador recém retornado de sua caça.

Ela se perguntou, não pela primeira vez, em qual cama ele estava antes de chegar a Casa Lexington —e exatamente o que ele estivera fazendo nela.

—Srta. Fitzhugh, —ele murmurou. —Minha querida, eu não queria falar

mal de suas roupas, mas você parece solitária e carente.

—A cura recomendada para isso é sem dúvida algumas horas na sua cama, meu lorde?

—Minha querida menina de pouca fé, ninguém deixa minha cama após umas poucas horas. As damas cancelam seus compromissos durante semanas antes de deitarem-se.

Quando ele se abaixou, sua voz se tornou praticamente um ronronar, desconfortavelmente atrativa. Ela comprimiu uma agitação involuntária em seu estômago.

—O que você quer, Hastings?

Ele olhou para ela. Seus olhos pareciam ter mudado de cor, essa noite pareciam azul acinzentado.

—Eu achei um anel para você entre as jóias de minha mãe, minha querida, um anel de esmeralda que combina com seus olhos.

Ela levantou uma sobrancelha. —E desde quando eu aceito jóias de cavalheiros com quem eu não tenho nada a ver?

—Ah, eu acredito de ficaremos relacionados muito em breve, do jeito que você está indo. Eu posso ver em seus olhos: a maquinação, a impaciência. Você está planejando algo, Srta. Fitzhugh, contra os conselhos de todo mundo.

Ele podia ser um bastardo, mas era um bastardo esperto.

—Eu estive rondando o Sr. Monteth para novidades sobre sua esposa —ele continuou. —Diariamente ela vai até sua irmã, a esposa do seu amado, e volta para casa animada e agitada. Sr. Monteth está convencido que ela está planejando alguma coisa. Se eu fosse você, não faria nada enquanto a Sra. Monteth esteja prestando a menor atenção em seu cunhado.

Mas se Helena não agarrasse essa oportunidade, quando haveria outra?

—Você não está ouvindo, Srta. Fitzhugh. —A voz de Hastings ficou ainda mais baixa, doce e suave. —Pense em usar o meu anel e *o que* isso implicaria. Não te paralisa que eu posso ser aquele que vai te resgatar do desastre que você mesmo está armando? E lembre-se, eu já te avisei que não quero ser seu marido. Mas se eu precisar, sem dúvida, eu direi meu preço e farei exigências que você nunca nem mesmo sonhou.

Ela leu pedaços do seu livro erótico —ela tinha uma boa ideia do tipo de lascívia que ele podia determinar.

A aborreceu que ela não ficou tão revoltada quanto deveria estar. —Que eu não esteja preocupada de estar amarrada na cabeceira da sua cama no futuro

não é um sinal de que toda minha maquinação não é apenas uma invenção da sua imaginação?

—Mas você *está* preocupada. Agora mesmo sua voz ficou presa e seus ombros retraídos. —Ele olhou diretamente nos olhos dela. —E a menos que eu esteja muito errado, suas pupilas estão dilatadas.

—É apenas como eu reajo quando acho um verme na minha maçã, meu lorde.

—Então pense em como você vai se sentir encontrando esse verme —aliás, metade de um verme —em cada maçã que você morder daqui em diante. Cuidado, Srta. Fitzhugh. Mais peças estão se movendo nesse tabuleiro do que você imagina, e você pode se ver vencida.

Domingo a tarde Hastings e sua filha pintavam a parede da sua sala de chá em Easton Grange, sua propriedade em Kent. Ou então, Hastings pintava e Bea olhava.

O mural estava quase completo. O céu, as árvores, e o número de casas ao longo do limiar da lagoa já foram pintadas. A lagoa mesmo, terminada na semana anterior, ganhou um brilhante verde iluminado pelo sol.

—Está vendo? —Ele mostrou a paleta para Bea. —Eu peguei um pouco de vermelho e um pouco de amarelo, quando misturo consigo laranja.

Bea observava intensamente, mas sem comentar.

—Gostaria de colocar algumas flores laranjas entre as vermelhas? —ele perguntou. A floreira que ele tinha adicionado em frente a casa era uma confusão de nastúrcios.

Bea mordeu seu lábio inferior. Ele podia sentir seu desejo em participar. Silenciosamente ele a encorajou a dizer sim.

Ela balançou a cabeça. Ele suspirou por dentro —pelo menos estava levando cada vez mais tempo para ela recusar.

—Talvez outra hora, então. É bem divertido pintar. Você pega uma gota de uma cor, coloca em um pincel e logo você tem uma imagem.

Ele gostaria que ela se juntasse a ele. Para uma garota que fala tão pouco, e com relutância, cores e imagens poderiam se tornar substitutos úteis para palavras. Mas ele não começou o mural como isca para fazê-la pintar, assim como ele não devotou tantas horas e dias no mural em sua casa na cidade para impressionar Helena Fitzhugh.

Pintar se tornou uma forma de oração. Quando ele vacilou entre esperança e desespero, um pincel em sua mão e uma paleta na outra foi uma das formas

de lidar com os sentimentos tão crus para serem discutidos e muito grandes para serem oprimidos. E esse mural era sua oração por Bea: que ela crescesse forte, feliz e sem medo.

Ele pegou um novo pincel.

—Agora eu vou pintar algumas folhas. Você gosta de me ver misturar amarelo e azul e fazer o verde, não é, Bea? Você gostaria de tentar você mesma?

Ele esperou os usuais segundos até ela dizer não. Para seu choque, ela assentiu e alcançou o pincel em sua mão. Mas ela não se moveu. Ele percebeu, depois de um tempo, que ela esperava que ele segurasse sua mão e a guiasse.

Depois do que aconteceu quando ela era menor, ele nunca se sentiu merecedor de sua confiança. Mas por algum motivo miraculoso, ela confiava nele de todo coração.

Ele envolveu sua mão entre as dele, a beijou no topo de sua cabeça, e a mostrou o que fazer.

Às três e meia da tarde de segunda-feira, um cocheiro vestido com o uniforme de Lexington apareceu no escritório de Helena.

—Bem, essa é minha carruagem, —ela disse para Bridget. —Eu sei que você deve estar ansiosa para voltar e se preparar para o retorno da sua senhora. Pegue uma carruagem. Sra. Wilson já foi instruída para adicionar o custo do seu transporte no seu salário, e...

—Obrigada, senhorita, eu vou então. Quero ter certeza que tudo está pronto —Lady Fitzhugh não terá muito tempo para mudar o seu vestido de viagem antes que vá encontrar com a duquesa para o chá.

—Realmente, ela não terá.

E nem ela, depois de tanto problema, Helena não teria mais do que meia hora com Andrew —ela também era esperada para o chá das cinco. E era melhor que ela chegasse antes de Millie, para evitar perguntas do porque ela demorou tanto no caminho.

Ela entrou na carruagem, direcionou o cocheiro para a agência de correios mais próxima, e telefonou para a casa da cidade de Lexington, deixando que a criadagem soubesse que ela iria para casa por si mesma, acompanhada da dama de companhia de Millie; não era necessário enviar uma carruagem.

Agora para o hotel —e Andrew.

Dentro da carruagem com todas as cortinas fechadas, ela brincou com o

cordão de sua bolsa. Ela achou que tinha feito o bastante, mas e se ela não se preparou o suficiente? Era garantido que sua presença no Savoy não causaria qualquer comoção —o terraço do hotel era um lugar popular para uma xícara de chá à tarde. Mas não teria sido melhor se ela tivesse se disfarçado como um homem com uma grande barba ou algo do tipo?

Maldito Hastings e seus incessantes avisos de desastre. Ela deveria estar morrendo de alegria pela possibilidade de ver Andrew de novo tão cedo, não temendo por tudo que poderia dar errado.

Chega de pensamentos sobre os problemas. Ela trabalhou muito pelo seu bocado de tempo roubado. Ela iria desanuviar sua mente e saborear seu triunfo.

Ou pelo menos, ela faria o máximo para isso.

Hastings não esperava ver Andrew Martin no clube. Depois de Fitz ter falado com ele mais cedo na temporada, Martin evitou locais onde ele poderia encontrar qualquer um dos irmãos Fitzhugh. Mas com Fitz fora, Martin provavelmente pensou que o clube era lugar seguro para passar o tempo por algumas horas.

Exceto que ele não estava exatamente *passando o tempo*.

Ele parecia distraído e nervoso, levantando de sua cadeira a cada minuto para andar nos cantos da sala. Em um momento da sua ronda, ele tirou um pedaço de papel do seu paletó, leu, colocou de volta no seu bolso, sentou, mordeu seus lábios por um tempo, e então repetiu o processo de novo.

Conforme sua inquietação cresceu, a de Hastings também aumentou. Por que diabos Martin estava tão agitado? E por que ele continuava a olhar para o pedaço de papel.

Na próxima vez que Martin atravessou a sala, Hastings se inclinou e se chocou com ele.

Ele firmou Martin. —Desculpe, meu velho.

—Foi minha culpa —disse Martin humildemente.

Muitas crianças falavam de fugir com os ciganos; Hastings na verdade fez isso —mais de uma vez. Suas habilidades de furto estavam enferrujadas, mas Martin era um alvo incrivelmente fácil.

Diante de uma estante de livros, de costas para a sala, Hastings olhou para o saque em suas mãos. Era um telegrama. —*Próxima segunda-feira. Hotel Savoy. Quatro da tarde. Pergunte pelo quarto de Quaid.*

Ele olhou para a data no telegrama. Hoje era a segunda-feira que foi

especificada —e logo o relógio alcançaria quatro horas. Teria Helena enviado o telegrama apesar de todos os seus avisos para fazer o contrário?

Martin inspirou alto. Hastings se virou para vê-lo mexer nos bolsos freneticamente. O telegrama foi pego de dentro de sua manga, Hastings serpenteou até a cadeira de Martin e deixou cair o telegrama no chão.

—Algum problema? —ele perguntou.

Martin se virou expirou aliviado ao ver o telegrama perto dos sapatos de Hastings. —Nada. Eu deixei cair um telegrama, isso é tudo.

Hastings o pegou e colocou diante do rosto de Martin. —Esse aqui?

—Sim, obrigado, senhor.

Martin guardou o telegrama no bolso. Mas dessa vez, invés de retornar a seu assento, ele desejou a Hastings um bom dia e saiu da sala.

O bastardo estava a caminho do Hotel Savoy.

Não havia uma malícia inerente em Martin, mas ele nasceu sem personalidade e sempre se rendia a qualquer pessoa que pudesse exercer uma grande influência nele. Na questão de seu casamento, ele se rendeu a sua mãe. Mais cedo na temporada, obedeceu Fitz. E agora mais uma vez ele se deixaria ser persuadido pela convincente Helena Fitzhugh.

Hastings não sabia quem ele queria socar mais, Martin ou ele mesmo. Por que ele ainda se importava? Por que ele ainda insistia em trabalhar no seu templo do Saara, rezando pela chuva, quando tudo que ele tinha era a evidência de sua falha até onde pudesse ver?

Sozinhos, seus pés o levaram para a porta. Se ele iria afundar em tristeza com uísque, ele preferia fazer isso em casa, na privacidade de suas próprias câmaras, onde a dor no seu coração seria visível apenas para ele.

Alguém o puxou de lado.

—Você pode estar certo por fim, Hastings —Monteth sussurrou. —Eu fui até Martin ainda agora e tentei trazê-lo aqui, mas ele me deu todos os tipos de desculpas mentirosas para explicar porque ele não poderia beber comigo.

—Um homem não querer tomar um drinque com você, Monteth, não é exatamente uma razão para suspeita.

—Você não entende. —Monteth olhou para a grande sala vazia e abaixou sua voz ainda mais. —Essa manhã eu vi uma carta que a minha esposa estava escrevendo. Dizia, 'Eu o pegarei no ato logo'. E a quem estava endereçada? 'Minha querida Alexandra'!

Alexandra era o nome de batismo da Sra. Martin.

—Meu deus —Hastings se ouviu dizer, calmamente, quase imparcial. Ou

talvez ele estivesse apenas em choque, ele sentiu um frio cortante começar a se espalhar entre suas omoplatas.

—Precisamente. Eu tentei trazer Martin de volta para cá, onde ele não se meteria em muitos problemas. Mas eu te falei, ele não queria nada disso.

—Certamente —Hastings o orientou. —Me mantenha informado sobre qualquer acontecimento interessante, certo? Eu tenho que ir agora. Minha dama me espera.

Ele passou pela porta de forma descontraída, era tudo o que podia fazer para não correr.

—Sua dama? —chamou Monteth detrás dele, —Mas você não tem uma esposa.

Nem Hastings queria uma que preferisse outro homem. Mas do jeito que as coisas iam, seus dias de solteiro estavam contados.

Martin não estava mais do lado de fora do clube. Hastings subiu em uma carruagem alugada e pediu para seguir até o Hotel Savoy em grande velocidade. Não escapou a Hastings que ele poderia ter que ficar de guarda de novo enquanto ela se encontrava com Martin, mas hoje ele teria que quase se voluntariar para esse dever odioso, se ele ao menos pudesse impedir a Sra. Monteth.

Conforme a carruagem alugada se aproximava do seu destino, ele viu Martin entrar no hotel, olhando para esquerda e para a direita ele foi, irradiando a aura de um homem que sabia que não faria nada de bom. Hastings não gastou nenhum tempo aterrissando da carruagem. Ele atravessou o saguão até o balcão.

—O quarto de Quaid.

—Quarto cinco no piso superior, senhor.

—Me disseram que teria uma chave esperando por mim —mentiu ele.

—Me desculpe, senhor. Fui instruído a dar a chave apenas para a primeira pessoa que perguntasse pelo quarto.

—E a primeira pessoa a pedir a chave foi um cavalheiro de um minuto atrás?

—Não, senhor. Eu dei a chave para uma dama que chegou alguns minutos antes dele.

Martin não arranhou o encontro, julgando pelo telegrama que ele recebeu. Mesmo se a Srta. Fitzhugh tivesse arranjado, ela não precisaria pedir por uma chave. Ela seria aquela que daria a instrução de entregar a chave a

Martin.

A possibilidade de uma terceira pessoa estar mexendo as cordas disparou próxima a certeza.

—Quantas chaves você tem desse quarto?

—Três, senhor.

—Onde estão as outras duas?

—Uma está com o hóspede no qual o nome do quarto foi registrado. A outra chave está conosco.

E se Helena Firtzhugh pegou a terceira chave, então ela definitivamente não foi a pessoa na qual o quarto está registrado.

Hastings alcançou o bolso do casaco e tirou de dentro uma nota de uma libra.

—Me dê a terceira chave e não fale sobre mim a ninguém.

O balconista olhou a nota por um longo momento, então rapidamente a pegou e guardou.

—Aqui está, senhor.

A chave era pesada e fria na mão de Hastings enquanto ele andava em direção ao elevador. Pareceu obrigatório que ele tivesse uma chave. Mas agora que ele tinha, ele não sabia o que fazer com ela. Ele poderia muito bem interromper o encontro dos amantes sem qualquer perigo iminente.

Um momento depois, o perigo iminente apareceu na forma da Sra. Monteth, se aproximando do balcão.

Seu coração se apertou. Não dava para pegar o elevador, com sua agilidade imprevisível. Ele andou até as escadas o mais rápido que ele podia sem atrair atenção, olhando para Sra. Monteth a cada dois segundos. Na hora em que ele estava fora da vista dela, ele apertou o passo, rezando para que o elevador levasse bastante tempo e então parasse em cada andar durante o caminho.

Seus pulmões queimavam. Ele correu ainda mais rápido.

O Savoy não era tão alto quanto o hotel em que Helena ficou em Nova Iorque, mas ainda assim, da cobertura era uma longa descida até o chão. Helena ficou na varanda esperando.

Às vezes parecia que tinha sido na outra semana que ela e Andrew se encontraram pela primeira vez, e o mundo era glorioso com uma promessa de felicidade. Às vezes parecia que tinha sido a uma vida atrás, e tudo que ela tinha era uma cruz de desolação no seu coração.

Ela ouviu um arranhado na porta e se apressou para abri-la. Andrew estava parado diante dela, seu rosto brilhante e glorioso. —Desculpe, estou atrasado. Monteth queria me arrastar de volta ao clube para um drinque —e eu sempre subestimei quanto tempo leva para chegar em qualquer lugar em Londres hoje em dia.

Não importava o motivo de ele estar atrasado; só importava que ele estava ali. Ela o puxou para dentro, fechou a porta e jogou seus braços envolta dele.

—Andrew, Andrew, Andrew.

Como ela se lembrava bem da primeira vez que o havia abraçado, impulsivamente, depois de ele lhe dizer porque ele não entendia como ela não poderia ser uma editora fantástica. Eles estavam nas margens do córrego de truta do seu irmão, tinham se visto durante toda a semana. Mas que semana maravilhosa, gastando cada minuto juntos. Ela ia dormir toda noite com um sorriso enorme no rosto.

O Andrew do presente brincou com o cabelo dela.

—Senti terrivelmente sua falta, Helena.

O som de pés pesados reverberaram na passagem —uma vibração que ela sentiu em suas próprias canelas. Seu coração se apertou. Com certeza não seria Sra. Monteth fazendo tamanha algazarra.

—Eu não deveria estar aqui de qualquer maneira. —Andrew prosseguiu. —Mas desde que nós corremos um para o outro na estação de trem no outro dia, sua pergunta se uma promessa para seu irmão era mais importante do que uma promessa para você me angustiou. Eu prometi estar sempre ao seu lado, não foi?

Ela mal o escutou. Mas ela escutou claramente o som de uma chave girar na fechadura. Ela se soltou dele como se ele tivesse de repente desenvolvido varíola.

Mas era apenas Hastings, agarrando o batente da porta, respirando forte.

—O que você está fazendo aqui? —Ela reclamou, boquiaberta, aliviada e ultrajada. Sua ação podia trazer riscos, mas ele não tinha direito de interferir de uma forma tão rude.

—Não é o que parece —Andrew proferiu abruptamente ao mesmo tempo.

—Eu sei o que é isso e não me importo. —Hastings empurrou a porta atrás deles. —A Sra. Monteth está a caminho daqui. Ela também tem uma chave.

—Helena ficou paralisada. —Eu não acredito em você.

Mas não tinha força em suas palavras, apenas medo.

—Você enviou o telegrama para o Sr. Martin? —perguntou Hastings.

—Não, claro que não. Ele enviou o telegrama para mim.

—Não enviei —protestou Andrew. —Eu recebi um de você.

Ela não conseguia falar.

—A Sra. Monteth deve ter enviado os telegramas para os dois —disse Hastings com força —arranjou esse encontro para pode pega-lo no ato.

Ele abriu uma fresta na porta e olhou para fora. Ela está vindo de elevador enquanto nos falamos. E —por deus —a velha Sra. Martin está com ela.

—Minha mãe? —A voz de Andrew tremeu.

A velha Sra. Martin estabeleceu padrões cansativos para seus filhos —Andrew sempre a temeu. Se ela soubesse que ele tinha comprometido uma donzela de boa família, ela o desprezaria pelo resto de seus dias. Isso acabaria com ele.

Hastings fechou a porta e verificou a fechadura.

—Alguém adulterou a porta. Não pode ser fechada por dentro.

—O que faremos? —Andrew olhou Helena suplicante. —O que faremos?

—Sra. Monteth foi para o balcão depois de mim —disse Hastings, mantendo a porta fechada com o próprio corpo. —Se o balconista ficou quieto em relação a mim, como eu pedi, tudo que ela sabe é que um homem e uma mulher pediram por uma chave. O que você quer fazer?

A pergunta foi direcionada à Helena.

Ela ficou surpresa de escutar Hastings tão claramente —parecia que alguém estava gritando dentro de sua cabeça. Ela engoliu em seco.

—Andrew, meu querido, vá para o banheiro e feche a porta. Se você me ama, não fará um único som não importa o que você escutar.

—Mas, Helena...

—Não temos tempo. Faça o que eu digo.

Andrew ainda hesitava. Ela o pegou pelo cotovelo e o empurrou até o banheiro.

—Nenhum som —ou eu nunca vou perdoa-lo.

Ela fechou a porta do banheiro na cara de Andrew e rezou para ter transmitido seu ponto com autoridade o bastante. Quando ela se virou, Hastings já estava tirando seu paletó e colete.

Ele levantou uma sobrancelha.

—Você não se importa, eu espero?

Sem esperar por uma resposta, ele a empurrou em cima do divã no centro do quarto. Sua mão atrás de sua cabeça eram quentes e fortes. Sua outra mão abriu o casaco dela enquanto ele encostava sua cabeça no seu pescoço.

O cabelo dela caiu solto. Os dentes dele arranhavam seu pescoço, enviando um jato de onda quente por todo seu corpo. Os dedos dele trabalharam nos botões de sua blusa e empurrou tanto o casaco quanto a blusa para seus ombros.

Os olhos deles se encontraram. Sem hesitação ele a beijou. O corpo dele era firme. Seu cabelo, ela não sabia quando seus dedos mergulharam no cabelo dele —era frio e suave. E a fome do seu beijo... contrariando tudo que ela sabia, ele a fazia sentir como se nunca tivesse sido beijada antes ou nunca quisesse beijar ninguém mais.

Sem mesmo tomar uma decisão consciente sobre, ela o beijou de volta.

A porta se abriu abruptamente.

—Agora eu peguei você em flagrante delito! —gritou Sra. Monteth,.
—Como você se explica, Sr. Martin?

Hastings dolorido, se afastou e se inclinou.

—Isso é um flagrante delito, sua górgona. E o que significa isso? Caia fora antes que eu te jogue para fora, as duas.

Helena mal de lembrava do guincho e desajeitadamente arrumar suas roupas.

Sra. Monteth ficou atordoada.

—Lorde Hastings, mas... mas...

—Saia, Sra. Monteth. E você também, Sra. Martin. Um homem não pode celebrar seu noivado em paz?

—Casamento? —Sra. Martin, a mulher engasgou, terrivelmente.

Casamento? Helena se sentiu como se estivesse sendo eletrocutada. Ela rapidamente abaixou sua cabeça.

—Sim, casamento. —disse Hastings, —Com toda certeza eu não levaria a irmã do meu melhor amigo a esse tipo de situação, onde aparentemente qualquer mulher barulhenta poderia nos interromper, sem casar com ela antes.

Ele falava com absoluta convicção.

Helena colocou sua mão direita na frente da esquerda. Ela apenas tentava se abster de dizer qualquer coisa tola ou comprometedora diante da Sra. Martin e da Sra. Monteth. Mas com essa aparente demonstração de mãos se contorcendo, ninguém poderia dizer que ela não levava uma aliança de casamento.

A Sra. Martin encolheu os ombros.

—Nossas desculpas, Lorde Hastings, Lady Hastings. Nós desejamos

muitas felicidades em sua união.

Sra. Monteth continuava cuspindo.

—Mas... Mas...

A Sra. Martin a pegou pelo braço e a puxou para fora. Hastings fechou a porta e lançou todo o seu peso nela.

Helena contou até dez, para dar as mulheres tempo para passar pelo corredor, com ouvidos longe. Então contou até dez novamente.

Oito. Nove. Dez.

—Casados? —Ela irrompeu, mal contendo sua voz em um volume razoável. —*Casados?* O que te deu para dizer uma coisa assim? Você perdeu a cabeça?

Ele a olhou incrédulo —e nenhum pouco feliz.

—Você quer que diga a elas que nós estávamos tendo apenas um caso?

—Sim!

A expressão dele se tornou sóbria e então inexpressiva.

—O resultado seria exatamente o mesmo: Eu teria que casar com você. Então eu decidi nos poupar do escândalo.

Ele não tinha que casar com ela. Ou melhor, ela não se casaria com ele sob nenhuma circunstância.

—Você não pode tomar esse tipo de decisão por mim.

—Eu tenho te dito desde que você retornou da América para não me pôr nesse tipo de situação.

—Ninguém colocou você em nada. —A voz dela se tornou desesperada. —Você se colocou nessa situação.

—E onde você e o Sr. Martin estariam se eu não tivesse chegado?

Ela tremeu.

—O pior teria acontecido, eu admito isso. Mas isso não significa que as duas coisas são relacionadas. Para salvar o Sr. Martin nós deveríamos criar uma ilusão de que você, não ele, era meu amante. Era isso, nada mais.

—Para salvar o *Sr. Martin*? O que me importa... —Ele parou. —E então? O que eu digo ao Fitz?

—A verdade, claro. Diga a ele que o Sr. Martin e eu fomos pegos pela Sra. Monteth, e para ajuda-lo nós escolhemos fazer com que parecesse que *nós* tivemos um encontro ilícito.

—E você acha que vai ser o fim do assunto? Que Fitz aceitaria as coisas desse jeito, para a sociedade acreditar que o seu melhor amigo e sua irmã estão dormindo juntos, sem fazer nada sobre isso. Ele teria que me fazer

propor a você.

—E eu agradecidamente declinaria sua oferta. *Eu* lidarei com Fitz. *Eu* lidarei com as consequências das minhas próprias ações. Eu não preciso que nenhum homem me salve e eu particularmente não preciso de você.

A voz dele endureceu.

—Então você se tornaria uma mulher arruinada? Como você tão frequentemente gosta de lembrar a todos, não há apenas reputação para considerar; há também felicidade. Você não percebe que não apenas mancharia a reputação da sua família, como também acabaria para sempre com a felicidade do seu irmão e da sua irmã: Não importa se você continuará em Londres dirigindo sua própria empresa ou recorrerá ao campo para se recolher; eles não poderiam nunca mais ser vistos com você em público, nunca falar sobre você, nunca deixar você conhecer seus futuros filhos, exceto em absoluto segredo. E eles se preocupariam com você a cada hora do dia e ficariam aflitos por todo o resto de suas vidas. Você os subjugaria a isso?

A armadilha foi colocada envolta dela. Sua família era seu calcanhar de Aquiles. Ela não temia as consequências por si mesma, mas ela não suportaria ferir as pessoas que amava.

Ela pensou que havia se preparado para esse momento —ainda assim ela teve que se encostar na parede para se manter em pé. Ela queria se revoltar contra a injustiça da vida: que ele, com sua libertinagem e sua filha ilegítima vivendo sob seu teto, ainda era aceito em todo lugar, mas ela, a não ser que aceitasse seu pedido de casamento, sofreria as piores punições para esse pequeno engano.

Mas não adiantava mais culpa r as regras do jogo quando ela as conhecia a tanto tempo.

Ouviu-se uma tímida batida na porta do banheiro.

—Posso sair agora?

Andrew. Ela tinha se esquecido dele.

—Sim, pode sair.

Ele abriu a porta e se esgueirou para a saleta, sua mão segurando forte o chapéu. O coração dela pulsou terrivelmente ao ver seu rosto vermelho e desconsolado. Seu pobre amor, ele devia estar pensando que era tudo culpa dele.

—Está tudo bem, Andrew —ela disse encorajadoramente.

—Não, não está. —Sua voz em choque. —Deu tudo errado, como seu

irmão disse que daria.

Ela pegou as mãos dele, a borda do chapéu dele forte em suas mãos.

—Me escute. Isso não foi culpa sua.

Atrás dela Hastings rolou seus olhos, sem dúvida ele via por ela pelo outro lado da moeda. Ela apertou sua mandíbula e repetiu.

—Nada disso é sua culpa.

Hastings recolocou seu colete.

—Fique aqui por agora, Martin. Deixe que eu confirme que está a salvo, então eu o passarei pela porta de serviço.

—Obrigado —disse Andrew, sua voz meramente audível. —Muito gentil de sua parte, —E, Lady Hastings, eu confio que você agirá com algum decoro. —Hastings lhe dirigiu um olhar quase tão hostil quanto intenso. Ela o encarou de volta, mas teve que desviar o olhar quando seu coração começou a pulsar desagradavelmente. —Quando eu retornar, nós falaremos com sua família, meu amor.

Capítulo 4

A quase-noiva de Hastings olhou pela janela da carruagem, suas costas retas, sua mandíbula travada, suas mãos apertadas em seu colo, como se ela fosse Napoleão surgindo nas costas resolutas de Saint Helena, compreendendo profundamente até os ossos que dessa vez não teria escapatória.

O interior da carruagem era estreito. Eles sentavam lado a lado, sua saia comprida tocando o joelho dele. Nos segundos antes das mexeriqueiras estarem entre eles, ela não tinha sido nada frígida. Ele ainda podia sentir o gosto dela no topo de sua língua ainda podia sentir o calor do seu corpo esguio pressionado no dele. Mas agora ela podia muito bem estar do outro lado da Sibéria, tão fria e distante como o Mar de Bering.

Ele não pretendia força-la a se casar: Simplesmente não ocorreu a ele nenhuma outra explicação possível para eles estarem fazendo amor.

Aparentemente ela achava que ele era o tipo de homem que se entretia arruinando donzelas de boas famílias.

E ela preferia se tornar uma pária do que sua esposa.

Não o consolava que ele era amplamente visto como o culpado em seus olhares antagônicas. Ela estava cega, essa garota, tão cega como a justiça, exceto que seu conjunto de balanças quebrou anos atrás, e tudo que ela tinha em suas mãos eram seus preconceitos.

Ele olhou para baixo para suas mãos, seu dedo indicador apontado para cima em sua bengala, aplicando a menor pressão apenas para mantê-la em pé, como se ele não se importasse com nada no mundo além de balancear esse acessório cavalheiresco.

—É uma pena que a sua dama de companhia foi embora —ele se ouviu dizer, com o tom tão frio quanto o que ele usava para segurar sua bengala. —Ela teria te amarrado na cabeceira da cama sem piscar um olho.

A saia dela se contraiu. Ela não disse nada.

—Não tem problema —ele continuou. —Tenho certeza que acharemos alguém para a tarefa. Talvez eu possa te ensinar a fazer alguns nós eu mesmo. Você é uma garota esperta. Não tem porquê você não conseguir amarrar a si mesma da forma mais satisfatória.

A voz dela era um resmungo baixo.

—O homem que eu amo está longe do meu alcance. Eu tive que casar com um homem que não me tem qualquer atrativo. Tenha alguma decência, Hastings. Guarde sua alegria até depois do casamento.

Aí estava, ele conseguiu provoca-la com sucesso de novo, por força do hábito —quase que por puro reflexo. E sua satisfação era mais vazia que nunca, seu coração descompassado.

Ele foi longe demais. Bem antes de ele abrir a boca, ele sabia que iria longe demais. Ainda assim ele não conseguiu evitar, a forma como um homem tropeça em uma colina íngreme apenas aumenta a velocidade em direção ao precipício.

—Eu nunca faço nada por um motivo tão bobo como decência. Eu vou, entretanto, te conceder uma momento de silêncio, mas apenas porque agora eu devo esperar uma gratidão ainda maior de você, uma vez que casamos.

As palavras dele foram recebidas com silêncio. Por um longo período de tempo, ele olhou para o lado de fora da janela do seu lado da carruagem, silenciosamente observando seu progresso. Então ele olhou de volta para ela.

Pela primeira vez desde que eles se conheciam, ele testemunhou os ombros dela caídos. E então ele percebeu algo que o deixou em choque: Ela estava chorando. Ele não podia ver ou ouvir —o rosto dela estava completamente virado para o outro lado e ela não fez nem o menor ruído —mas seu desespero era palpável, pesado feito chumbo, uma coisa que sugou todo o ar dos seus pulmões.

Ele parou de olhar para ela, de volta para a janela, para a rua do lado de fora que transbordava de carruagens e pedestres. Seus próprios olhos estavam bastante secos, mas apenas porque ele cresceu acostumado ao desespero, seu velho companheiro.

—Eu gostaria de falar com minha família sozinha, se você não se importa, —disse helen, quando a carruagem virou na rua onde ficava a casa do Duque de Lexington.

Suas lágrimas secaram; sua voz era alta apenas o suficiente para ser ouvida. Ela manteria seu tumulto para si mesma: Se essa foi a cama que ela fez, ela se deitaria nela com toda a dignidade e indiferença que ele pudesse reunir.

Hastings dirigiu a ela um olhar enigmático.

—E esperarei de fora por algum tempo, mas não mais que dez minutos. E eu confio que você falará bem de mim apropriadamente. Eu sou o herói do

dia, no fim das contas.

Ele seria anunciado como tal, não seria? E Andrew, que não era culpado de nada além do desejo de vê-la, seria o vilão covarde.

—Você será conhecido como merece —ela respondeu.

Assim que ela parou na porta da frente da casa, ela não conseguiu sentir o granito sob seus pés ou a campainha em suas mãos. Seu corpo inteiro estava entorpecido, exceto por uma ardência estúpida no seu coração.

—Bem na hora, Helena —disse Venetia, quando ela entrou na sala de estar, onde Venetia estava conversando com Fitz e Millie.

Seus cabelos negros, olhos azuis e beleza inefável, sua irmã estava, se possível, ainda mais radiante que o normal. Fitz, embora fosse irmão gêmeo de Helena, tinha o mesmo cabelo e aparência de Venetia e sempre foi considerado pelas amigas de Helena como uma beleza capaz de causar desmaios. Já a sua esposa, Helena vagamente se lembrava de achar Millie um pouco tímida quando se conheceram, mas agora ela não conseguia se lembrar o motivo de ter pensado algo assim. Millie, magra e pequena, era extraordinariamente adorável a sua própria maneira.

—Fitz e Millie estavam apenas me contando sobre Lake District .
—Venetia piscou para Helena.

Eles estavam animados que Fitz e Millie, que todos sabiam que passaram por anos sofridos, finalmente haviam encontrado a felicidade que mereciam. Sem esperar a resposta de Helena, Venetia apontou para a cadeira.

—Sente-se, querida. Eu estive explodindo para contar as novidades o dia todo. Agora que finalmente estamos juntos no mesmo lugar...

—Eu... —Helena começou.

—O duque e eu seremos pais em breve.

A boca de Helena abriu, a de Millie também. Fazia muito tempo que todos pensavam que Venetia era estéril. Não era de se admirar que ela estivesse brilhando de felicidade.

—Parabéns —Helena, Fitz e Millie gritaram em conjunto.

Mas Helena foi a única a sair de sua cadeira para abraçar Venetia.

—Estou tão feliz por você que mal posso aguentar.

—Onde está Lexington? —perguntou Fitz. —Ele deve receber os parabéns também.

—Ele preferiu descer uns minutos mais tarde, no caso de quererem perguntar algo que não gostariam na frente dele.

Fitz levantou a cabeça.

—Como para quando é o nascimento do bebê?

Venetia ruborizou levemente.

—Sim, essa pergunta.

Millie levantou uma sobrancelha.

—Então, para quando é o nascimento do bebê?

—Fim do ano.

—Fim do ano? Mas vocês estão casados há apenas... —Millie tampou a boca. —A amante misteriosa do Duque durante a travessia de *Rodésia*... você era *ela*!

—E quando ficou enfraquecida e tivemos que ligar para o médico em Srta. Redmayne, você não estava sofrendo de uma doença misteriosa. Você já estava grávida! —exclamou Helena.

—Ele nunca soube quem era em *Rondésia*. E eu nunca contei para ele até descobrir que eu estava em uma condição delicada.

Helena mordeu o lábio.

—Minha nossa, ele deve ter ficado furioso.

—Ele ficou, mas nós temos corrigido as coisas desde então, e nós não poderíamos ter ficado mais animados pelo bebê.

O duque entrou, um homem bonito e calmo —e um aclamado naturalista que dividia um amor por fósseis com sua esposa.

—É seguro para mim me juntar a conversa?

—Sim, meu querido, completamente seguro.

Fitz estendeu sua mão.

—Parabéns, Lexington. Devemos brindar por um herdeiro?

—E pela possibilidade de vir uma menina tão generosa e capaz quanto minha esposa. —disse Lexington.

Os olhos de Helena se enevoaram. Era uma coisa linda a dizer sobre uma mulher que esteve condenada por muito tempo a não ser nada mais que um rosto bonito. Venetia escolheu bem no fim das contas.

—Devo pedir champanhe e um pouco de cidra para o Lorde Fitzhugh? —perguntou Lexington.

Fitz se absteve completamente de bebidas destiladas e normalmente se contentava com cidra em ocasiões especiais.

Mas antes que qualquer um pudesse responder, um laçao anunciou —Visconde de Hastings.

Helena foi varrida de volta para a realidade de sua vida; toda a alegria foi drenada do seu coração.

—Talvez não ainda —ela murmurou sem respirar. —O champanhe, é isso.

Fitz e Lexington apertaram as mãos de Hastings, Fitz o olhava abertamente intrigado.

—Eu não esperava te ver até a noite, David. Mas estou contente de vê-lo agora.

Hastings olhou para Helena e então para o grupo, talvez percebendo pela primeira vez o bom humor geral.

—O que eu perdi?

—O duque e eu seremos pais em breve. —uma ainda bela Venetia contou.

—Minha nossa, essa foi a melhor notícia que eu ouvi hoje. Eu estragarei a criança. —Ele beijou Venetia na bochecha e apertou novamente as mãos do duque. —Muito bem, meu velho.

—Meu orgulho está próximo ao infinito. —disse o duque com humor.

Venetia pediu para que os cavalheiros se sentassem.

—Amanhã a notícia estará por toda a cidadelas senhoritas Avery e Somersby serão as mensageiras. Mas eu queria que todos vocês soubessem primeiro.

—E eu acredito nessas notícias maravilhosas, mas nada mais estava sendo discutido? —perguntou Hastings.

O estômago de Helena se contraiu.

—Não.

Hastings a olhou.

—Vejo que cheguei muito cedo.

Fitz, sempre perceptivo, franziu o cenho.

—O que quer dizer, David?

—Você deseja contar para eles, Srta. Fitzhugh? —perguntou Hastings, sua expressão uma parede de amabilidade. —Ou eu devo?

O momento sem volta —ele chegou cedo demais. A estúpida ardência em seu coração foi então substituída por um vazio completo de inevitabilidade.

—Eu imagino que não é surpresa para ninguém nessa sala que eu e o Sr. Andrew Martin estávamos nos vendo de uma maneira que não é aprovada por todos.

Todos prenderam a respiração. Instantaneamente a atmosfera ficou tensa.

—Mas não se agitem. Eu ainda sou uma virgem pura como um lírio branco.

Eles ficaram surpresos por ela ter admitido seu caso, mas isso os chocou —especialmente, Hastings, pelo visto. Por que ele pensaria que ela seria tão

estúpida a ponto de arriscar uma gravidez? Ou que Andrew era tão desprovido de honra e responsabilidade?

—Mas eu fiz uma coisa idiota hoje. Concordei em encontrar com o Sr. Martin no Savoy, sem perceber que era um plano da Sra. Monteth para nos expor. Eu quero salientar que a minha ida nada teve a ver com negligência da parte de Bridget ou do cavalheiro que tinha a tarefa inviável de vigiar perto da Fitzhugh e Companhia. Eu fiz tudo para ficar livre dele e caminhei em direção da armadilha da Sra. Monteth.

Millie agarrou o braço de Fitz. Venetia se segurou nos braços do sofá. Lexington deu a volta até a cadeira de sua esposa e colocou uma mão em seu ombro. Apenas Hastings, agora recuperado do seu espanto anterior, pareceu não estar afetado. Ele estava sentado esparramado na cadeira *bergère*, girando os polegares decididamente enquanto esperava por ela continuar.

—Lorde Hastings apareceu a tempo. Para salvar o Sr. Martin, nós o deixamos fora de visão. Para me salvar, Lorde Hastings contou para a Sra. Monteth e para a velha Sra. Martin que nós tínhamos nos casado.

—Graças —murmurou Venetia.

Millie e Fitz trocaram um olhar.

—Foi esperto da parte de Lorde Hastings e eu estou em débito com ele.

As palavras foram agradecidas o suficiente, mas ela não conseguia fazer sua voz soar nada além de sem vida, como se ela estivesse lendo seu próprio obituário em voz alta.

Hastings cruzou as pernas na altura do tornozelo.

—Nós iremos, claro, casar o mais rápido possível. Nesse meio tempo, é aconselhável que a Srta. Fitzhugh seja chamada por Lady Hastings, e que se mude para minha casa hoje, para manter a aparência de que casamos. As novidades sobre esse, casamento, vão se espalhar com a velocidade de um fogo vivo; nós não queremos que ninguém questione a veracidade da história.

Se mude para sua casa *hoje*? A possibilidade nem passou pela cabeça de Helena. Ela contava com alguns dias de privacidade, pelo menos para digerir o que se tornaria o resto da sua vida.

—Nós vamos, é claro —complementou Hastings. —agir com o máximo de decoro.

Não havia nada censurável em sua afirmação para sua família. Mesmo assim, Helena tremeu.

Fitz suspirou.

—Você está certa disso, Helena?

Ela entendeu que ele estava lhe oferecendo uma escolha, deixando com que ela soubesse que não precisava ser forçada a um casamento se isso a faria infeliz. Lágrimas surgiram em seus olhos. Antes que pudessem cair, ela piscou e assumiu uma expressão indiferente.

—Amanhã pela manhã as notícias estarão por toda a cidade, não existe nada para não ter certeza mais. Lorde Hastings e eu nos conhecemos há bastante tempo. Nós nos daremos bem juntos.

Talvez sua indiferença não tenha sido indiferente o suficiente para a sala tensa, o que fez com que ela ficasse com ainda mais raiva de si mesma, por ter arruinado o que deveria ser uma celebração feliz.

Ela se virou para Venetia.

—Chega de Hastings e eu. Vamos falar mais do bebê. E me diga por que as senhoritas Avery e Somerby sabem da sua gravidez antes de mim? Eu sinto o cheiro de algo succulento.

Capítulo 5

Infelizmente, o assunto da conversa não era fácil de mudar. O bebê de Venetia não receberia nenhuma atenção especial até nascer, mas o —casamento— de Helena era uma problema para se lidar no presente.

Venetia enviou um anúncio para os jornais na mesma hora. Millie e Fitz que tinham marcado um jantar para a noite seguinte, decidiram usar a ocasião para parabenizar os recém-casados. Lexington que originalmente pretendia dar uma pequena festa em Agosto, decidiu aumentar a lista de convidados e dar um baile para marcar a entrada de Hastings na família.

A gentileza deles fez com que Helena se sentisse infeliz em dobro. Ela não apenas traiu a sua confiança, como o fez da maneira mais incompetente possível. Mesmo assim eles não a censuraram; ao contrário, eles combinaram toda a sua influência para que ninguém ousasse questionar suas ações ou lugar.

Nada disso seria necessário se ela —e essa foi a pior compreensão de todas— se ela apenas tivesse escutado os avisos incessantes de Hastings.

Quando seus irmãos se sentiram satisfeitos com as estratégias planejadas, eles permitiram que Helena e Hastings saíssem com a carruagem mais elegante do duque, seus pertences enviados em um veículo menor.

—Você vai precisar fazer melhor na minha casa —disse Hastings quando a carruagem virou a esquina. —Minha criadagem, ao contrário da sua família, não sabem que você estava tendo um caso com outra pessoa. Eles esperarão um entusiasmo maior de um casal de noivos.

Ele soava entediado, como se a novidade de ela ser sua esposa já estivesse começado a se esvaír. Isso a golpeou: Em três meses ele estaria totalmente cansado dela.

O pensamento deveria lhe trazer alívio, mas a preencheu com algo próximo a terror.

—Eu darei toda a impressão de estar feliz. —ela disse embora trincasse os dentes.

—Veja o que vai fazer. Eu tenho uma reputação a zelar: Eu nunca estive com uma mulher relutante.

—Não, essas você guarda para a ficção.

—E portas fechadas, talvez. —ele murmurou. —Mas você estará relutante.

Você gostará muito, acredito.

Não pela primeira vez as memórias do beijo deles surgiu em sua mente. Ela não queria reconhecer isso até então —ou nunca —mas seu corpo gostou, aproveitou o contato dele da forma mais irracional.

Ela temia essa irracionalidade, essa natureza sensual escondida que a permitia se deixar dominar pelos toques íntimos de um homem que ela desprezava intensamente.

—Ah, eu tenho certeza que vou aproveitar bastante fingindo que você é outra pessoa. —Ela disse em um tom cortante.

Ele tirou uma poeira invisível do ombro.

—Talvez eu te pegue apenas embaixo de uma luz forte e com seus olhos bem abertos.

Ele lhe deu um olhar lento, com as pálpebras pesadas. Um ponto de calor infinito surgiu no seu baixo ventre —enquanto arrepios se espalhavam por todos os outros lugares.

Helena foi na casa de Hastings na cidade muitas vezes antes —ele dava um jantar toda temporada e seus irmãos a arrastavam para lá. Era uma boa casa em um bom endereço, bastante respeitável, com as proporções corretas, e dava uma impressão de conforto e durabilidade ao invés admirável riqueza, mesmo que ele tivesse uma boa grande fortuna. Ou melhor, ele herdou uma; ele podia ter gastado tudo desde então, pelo que ela sabia.

Ela entrou na casa de braços dados com Hastings. Sua criadagem se alinhou para congratula-los e dizê-la boas vindas, metade aturdida e todos curiosos. Ela se absolveu com acenos e alguns meio sorrisos, se inclinando nele o tempo todo —e se tornando cada vez mais consciente do corpo dele. Embaixo de sua mão, a mão dele era forte como granito. De tempos em tempos ele colocava a mão dele sobre a dela com uma familiaridade possessiva, o calor do seu toque penetrava sua luva. E o pior, sempre que ele tinha algo a dizer, ele dizia com os lábios quase tocando sua orelha, a carícia de sua respiração ferviam seus nervos.

A governanta, Sra. McCormick, a informou que seus pertences esperavam por ela em seus aposentos. Ela aproveitou a oportunidade para se soltar de Hastings.

—Você vai me desculpar, não vai, meu querido? Eu preciso ver onde está o meu guarda-roupa.

Ele pegou sua mão e pressionou um beijo no seu pulso, um beijo

levemente umedecido que invocou uma sensação que parecia quase dor em seu braço.

—Claro, minha querida. Se estabeleça na sua nova casa. Eu pedirei a ceia para nós.

Ela escapou, sabendo que seu tempo seria breve —daqui em diante seu tempo seria breve. Com Sra. McCormick na frente dela, e duas empregadas seguindo atrás, Helena seguiu seu caminho pelas escadas, seu rosto congelado em uma expressão de prazer fingido. Mas assim que ela entrou em seu quarto, o prazer fingido foi trocado por uma onda de deleite genuíno.

Em cima dos lambris, as paredes do quarto não tinham papel de parede, e sim eram pintadas. Por um momento desorientador, ela sentiu como se ela tivesse subido no baluarte de um alto castelo para inspecionar o seu próprio reino privado. Terras de encostas verdes se inclinavam, vinhas e pomares cheios de cultivo. Córregos e riachos caíam em um lago azul e distante. Carrinhos cheios até o topo de barris de vinho e fardos de feno serpenteavam ao longo de sinuosas estradas.

Em um de parede, dourado e brilhante, o sol aparecia suavemente sobre o horizonte. A cor do céu, assim como o amanhecer, ou o crepúsculo, mudava conforme o olhar atravessasse o teto, para um azul escuro na parede oposto, onde algumas estrelas brilhavam enfraquecidamente.

—Minha nossa —ela murmurou. —Quem pintou isso?

—O mestre, minha Lady. —disse a Sra. McCormick.

O prazer de Helena murchou instantaneamente. Não ele.

—Muito bom —ela disse com firmeza. Então, percebeu que ela não soou suficientemente apaixonada, ela adicionou mais veracidade. —De tirar o fôlego.

Ela gastou a hora seguinte com a Sra. McCormick e uma par de empregadas, lhes direcionando no arranjo dos vários vestidos, camisas e saias que ela pegou no baú que a empregada de Venetia pegou para ela —quando ela não tinha nada que ela se importava menos no momento do que onde estavam as suas roupas. Mas ela manteve a tarefa obstinadamente: Era uma das situações absolutamente femininas que mantinham longe a presença masculina.

Depois de não ter nada mais para fazer com o guarda-roupa, ela tomou banho e foi em busca da ceia. Para sua surpresa, ela não teria a companhia de Hastings. Ela não sabia se se sentia aliviada ou insultada.

Ela mal provou a comida, mas não conseguiu deixar de estudar o mural

com uma concentração raivosa. Ela não deveria estar surpresa. Hastings desenhava bem. Não tinha motivo para ele não ter estudado pintura à óleo. Mas a escala de trabalho, a grandiosidade e a elegância, demandavam uma dedicação que ela achava difícil atribuir a ele.

Uma sensação de *déjà vu* a pegou. Ela com certeza nunca entrou naquela sala antes. No entanto, com o espanto inicial se esvaindo, os murais começavam a parecer como velhos amigos que ela via há muitos anos.

O panorama era da Toscana, feito pelos mestres da Renascença que substituíram as vistas do seu país nativo pela Terra Santa. Não era, entretanto, uma varredura genérica de colinas e ciprestes. Onde ela tinha visto a casa cor de ocre e as janelas verdes? O mesmo acontece com a fila de lavar a roupa, e o pequeno templo da estrada com os buquês de malmequeres deitados sob os pés da Virgem.

Uma empregada entrou e levou o prato de Helena embora. Helena reparou na penteadeira e passou uma escova pelo cabelo. Na penteadeira havia uma fotografia emoldurada do tamanho de sua mão de uma menininha loira de perfil. Ele ficou confusa por um momento até perceber que a garota deveria ser a filha de Hastings.

Era, ela supôs, muito louvável que ele se preocupasse com o bem estar de sua filha. Mas ao mesmo tempo, a enfureceu que ele tivesse tantos pecados debaixo dos panos —inclusive a paternidade de uma filha ilegítima com uma Cipriana —e ela ainda era aceita em cada sala de estar do país. Enquanto ela teve que se casar com o primeiro homem que a quisesse, ou estaria separada para sempre do seu familiar.

—Vista adorável —surgiu a voz de Hastings.

Ela deu olhar cortante para a porta que conectava os aposentos. Ele estava parado na porta vestido com uma roupa de dormir preta, um ombro inclinado contra o batente da porta.

—Faz um bom tempo que eu não te vejo de cabelo solto.

—Você fala da vez que eu te achei fuçando do lado de fora da minha janela e te empurrei?

—Você é uma assassina. Eu poderia ter caído para a morte.

—Ao invés disso você viveu para desfrutar do abraço das roseiras espinhentas.

—Eu devo ter um fraco por abraços espinhentos. Ouso dizer que não há um abraço mais espinhento que o seu. —Ele saiu da porta e caminhou em direção a ela. —Me deixe escovar seus cabelos para você.

Ela segurou fortemente a escova.

—Não, obrigada.

Ela bateria nele feliz caso ele ousasse tirar a escova de cabelo de sua mão. Mas ele apenas caminhou até ela, inspecionando-a penetrantemente de todos os ângulos.

Ela inspirou profundamente.

—Tem algo que você gostaria de dizer para mim?

—Por que falar se eu posso olhar?

A pronúncia lenta de suas palavras, o brilho nos seus olhos, a proximidade dele... A garganta dela se fechou.

Ele encostou na penteadeira.

—Na verdade, deixe eu me contradizer. Eu tenho algo para falar. O que você quer dizer com você ser virgem?

Ela ruborizou e caminhou para a janela a fim de colocar alguma distância entre eles.

—O que toda mulher quer dizer quando diz que é virgem.

Ele bufou.

—Então o que você estava fazendo todas as aquelas noites com Martin?

—Atividades prazerosas que não mexeram na minha virgindade.

A sobrancelha dele subiu.

—Essas atividades prazerosas incluíam sodomia?

Outra mulher poderia ter ruborizado. Ela ficou apenas vagamente ofendida.

—Não.

—Eu acho inconcebível que Martin tenha esse tipo de autocontrole. Como ele poderia ter te tido na cama e não ter tirado proveito?

—Nós ficamos vestidos, nós dois.

—Por sua insistência ou dele?

—Dele, mas o que isso importa?

—Você as teria tirado?

—Sim, eu teria me despido feliz para o homem que eu amo.

Ele não disse nada, apenas pegou o seu frasco de creme hidratante, desenroscou a tampa e mergulhou um dedo dentro. Ela não conseguiu explicar porquê, mas o gesto fez seu rosto arder.

Ele espalhou o creme entre os dedos.

—Legal. Eu provavelmente posso achar algum uso para isso mais tarde.

Atrás dela, seus dedos agarravam o peitoril da janela.

Ele a olhou, um olhar lento que ela sentiu passar por toda a extensão do seu corpo.

—E você, minha querida, vai aprender a amar a ideia de se despir para mim.

Ela permaneceu em silêncio, seu olhar focado em algo atrás dele.

Ruivas frequentemente eram caracterizadas como apaixonadas e temperamentais. Ele não duvidava que ela era apaixonada, mas Helena Fitzhugh sempre foi fria, uma mulher que gostava de estar no controle.

No momento, sua frieza era quase glacial, cortante em contraste com todo o cabelo Ticiano que escorria pelos seus ombros e costas em ondas brilhantes e suaves. As palavras geralmente vinham fáceis para ele, uma maneira versátil e maleável de estar em camadas misturadas como uma tinta na paleta. No entanto, quando se tratava do cabelo dela, sua mente não conseguia conjurar nada mais imaginativo que *fogo* e seus vários sinônimos.

Chama. Incêndio. Uma ardência que o engolia inteiro.

O corpo dela contra o peitoril da janela, era esguio e elegante. Ele costumava chama-la de girafa na cara dela, o que ela sempre levou como um insulto. Mas uma girafa pessoalmente era uma criatura linda, um testemunho das habilidades e imaginação do criador.

E apenas algumas horas atrás, aquele corpo estava pressionado ao dele, os dedos dela mergulhados em seu cabelo.

—Por quê? —ela perguntou, tirando-o de seus pensamentos.

Ele quase não conseguiu lembrar do que estavam falando.

—Por que aprender a amar a ideia de se despir para mim?

—Não. Por que se envolveu? Se você fosse um homem mais galante eu poderia entender a sua ação. Mas você não possui nem um pinga de cavalheirismo. O que você ganha com isso?

Tudo que ele fazia, ele fazia porque a amava. A família dela inteira sabia, mas ela estava determinada a continuar em sua ignorância.

Ele pensou no conselho de Millie. Ela e seu marido foram os mais íntimos amigos por anos, e ainda assim ela hesitava em lhe contar seus verdadeiros sentimentos. E se ela e Fitz tivessem brigado a cada hora? Ela ainda teria seguido seu próprio conselho?

—Onde seu seio for mais abundante deve ter um lugar para mim. —Ele encolheu os ombros. —Ah bem, eu acredito que eventualmente eu vou gostar de abraçar o seu corpo magrelo.

Ela apertou seus lábios.

—Para alguém com tão pouco interesse em mim, você sem dúvida gastou um bom tempo tentando ficar íntimo.

—É a natureza do homem. Ninguém realmente quer ir ao Pólo Norte ou cruzar o Saara; eles apenas querem ver se pode ser feito.

—Se pode ser feito —Ela repetiu lentamente.

—De fato. Devemos prosseguir?

—Você vai esperar até que estejamos de fato casados. —ela disse friamente.

—Sr. Martin não teve que esperar.

—Sr. Martin não *dormiu* de verdade comigo.

Ele riu.

—Faça comigo o que fez com ele, Eu ficarei feliz o suficiente.

Ela inspirou profundamente.

—Você é um porco nojento, Hastings.

Ela o comparou às entidades mais vis ao longo dos anos, mas algo em seu tom o atingiu. Ele sempre foi um jogo para ela, um tipo de jogo desagradável, mas que ela jogava com elegância e graça. Agora, entretanto, ela não poderia mais discutir com ele e ir embora; agora ele era seu presente e seu futuro.

O desânimo dela era uma faca no coração dele, um sentimento de pura inutilidade. Como sempre, quando ele se sentia pisado, ele voltava a demonstrar grande frivolidade e insensibilidade, esses falsos amigos que apenas o levavam mais fundo no desespero, mas que, pelo menos pela superfície, o enchiam de uma aparência de indiferença irreverente.

—Coisas que eu sofro pela minha honestidade. —ele disse, mal sentindo as palavras passando por seus lábios. —Muito bem então, eu me contento com uma *descrição* do que vocês faziam.

—Não é da sua conta.

—É muito da minha conta? eu tenho que fazer exatamente as mesmas coisas, não percebe? para limpar as marcas dos dedos dele do seu corpo, então fale.

Ela sorriu, uma expressão de certeza ártica.

—Você não precisa nem tentar. As marcas dos dedos dele estarão sempre no meu corpo.

Ele caminhou lentamente em direção a ela, de alguma forma seu peso e largura se multiplicavam a cada passo, assim como o perigo. Ela percebeu, pela primeira vez desde que se conheceram, que ela nunca o viu zangado —nem sabia que ele tinha chegado a sentir essa emoção em sua existência

frívola.

Sua voz, entretanto, era como veludo —se por um acaso uma bola de demolição revestida podia ser chamada de veludo.

—Eu não vou precisar *tentar*, minha querida. Meu toque vai queimar o dele.

Ela não conseguia respirar.

—Você sempre foi quieta na cama dele —ele continuou, —mas na minha você não será. Você vai gritar de prazer e vai continuar gritando e gritando e gritando.

Se ela agarrasse o peitoril mais forte, quebraria um pedaço dele.

—Se você já acabou o teatro, eu estou cansada e gostaria de descansar. Sozinha.

Ele pairava sobre ela, seu olhar severo. Por um momento ela pensou que ele iria irromper ao seu lado e jogá-la contra a parede. Mas em seguida ele encolheu os ombros, quase completamente de volta ao seu normal —quebrando a tensão e estranhamente deixando um vazio no seu peito.

—Claro. Eu te desejo uma ótimo descanso. Tenho certeza que uma das empregadas estarão ávidas para me entreter por algumas horas no seu lugar.

De repente foi ela que se aproximou dele, o dedo dela furando seu peito.

—Eu não posso te impedir de ter casos, mas eu não vou tolerar nenhum comportamento impróprio com a criadagem.

—Isso é terrível, as empregadas são uma fonte tão conveniente de satisfação. Eu não preciso nem sair de casa!

—Você manterá suas mãos longe das criadas.

—Tudo bem. E sobre a minha governanta?

A Sra. McCormick era um tanto quanto jovem, apenas na casa dos trinta. Helena fez uma careta.

—Nem a Sra. McCormick.

Hastings suspirou, como se a paciência dele estivesse sendo testada por um bebê chorão.

—Nós podemos negociar? Você pode ficar com meus cavalariços enquanto eu fico com as criadas... desde que eu assista, claro.

Ela esperou que ele estivesse brincando. Mas Hastings era tão nojento que era possível que ele realmente esperasse por esse cenário indecente.

—Não. Nem os seus lacaios, seu cocheiro, seus jardineiros, nem ninguém que seja seu contratado.

—Meu deus, você está se tornando a Sra. Monteth.

—Não me compare com aquela harpia. Eu não estou interessada em te expor. Mas eu vou proteger a criadagem da sua predação.

Ela não tinha percebido, mas avançava para ele enquanto ele se movia para trás, agora eles estavam onde começaram, na penteadeira, onde ela viu a foto da filha dele, parecendo tão pequena e frágil na fotografia.

Pobre menina, crescendo em um ambiente tão libertino.

—Quando vou conhecer a Srta. Hillsborough?

Ele pareceu confuso com a súbita mudança de assunto e, pela primeira vez, pareceu genuinamente surpreso.

—Minha filha, você quer dizer? Você quer conhecê-la?

—Claro que eu quero conhecê-la. Daqui em diante eu sou responsável pela educação dela.

—Você nunca perguntou sobre ela antes.

—Sua filha ilegítima não é um assunto considerado apropriado para uma mulher solteira trazer à tona. Mas isso não é culpa dela, só sua. Ela está chegando em uma idade em que ela vai precisar de uma boa orientação, ou pelo menos de ser poupada de ver você copulando com a sua babá.

—Eu não copulo com a babá da Bea, não na frente dela, de qualquer maneira. Isso a entedia e estraga meu humor ela ficar constantemente perguntando quando eu vou acabar.

A superficialidade e frivolidade dele haviam voltado. Ela não sabia se ficava aliviada ou confusa.

—Quando eu vou conhecê-la?

—Nós podemos sair de Londres logo depois do jantar do seu irmão. De qualquer maneira, vai parecer estranho se continuarmos na cidade.

—Isso está bom o bastante. Boa noite, Lorde Hastings.

Ele acenou com a cabeça.

—Lady Hastings.

Mas já na porta ele se virou.

—Uma virgem com experiência. Minha querida, você é um sonho se tornando realidade. Acho que pensarei em você a noite inteira.

—Você nunca mais vai dormir na sua cama de novo —Millie brincou com Fitz.

Ele não se cansava de olhar para ela, com seu rosto adorável e olhos doces. Ele pegou um pedaço do cabelo dela e levou aos lábios.

—Isso é uma vergonha. E eu gosto tanto da minha cama.

Ela levantou uma sobrancelha.

—Eu tenho uma ideia: De tempos em tempos nós dois podemos dormir na sua cama.

Ele passou os cabelos dela pelas pontas do seu nariz e levantou uma sobrancelha para ela.

—Isso quer dizer que você vai para o meu quarto a noite, me despirá e ordenará que eu te satisfaça?

Ela passou um dedo pelo peito dele.

—Eu acho que já fiz isso, duas vezes, quando estávamos de férias.

—Que vai haver uma terceira vez ainda me surpreende. Por quase oito anos você nunca falou sobre como você desejava me seduzir tão ardentemente.

—Mais uma razão para eu fazer isso tantas vezes e tão descaradamente quanto for possível.

Ele riu levemente. —Preciso dizer de novo o quanto eu sou feliz?

Ela esfregou o seu pulso pela sua barba por fazer.

—Mesmo com a Helena quase tendo arruinado o dia?

—Você não está se culpando ainda, certo?

—Eu te garanto, meu querido amor, que ter ido para a América e voltado, e arrastado Helena por toda a cidade nessa temporada foi apenas para que ela nunca fosse deixada sozinha, eu não me sinto culpado como eu provavelmente deveria. Minha mãe costumava dizer "Que não há como parar um desastre de acontecer".

—E sua mãe, que deus a tenha, sempre estava certa.

—Mas eu estou preocupado. Helena vai querer ignorar Hastings o máximo que puder. E Hastings... prefere ser enterrado vivo que ignorado.

Fitz balançou a cabeça.

—Esses dois... Eu conversarei com ele amanhã.

—Eu já falei com ele no último telegrama que enviei. Não acredito que ele tenha ouvido meu conselho de coração.

—Você não teria seguido esse mesmo conselho se ele tivesse te dado algumas semanas atrás.

—É verdade, mas eu mudei. Agora eu posso admitir abertamente meus verdadeiros sentimentos, que são... —ela limpou a garganta de brincadeira.

—Que eu estou completamente comprometida em ser a luz e a alegria no centro da sua existência.

Ele não pode deixar de sorrir: Como ele era sortudo e privilegiado de tê-la essa noite e todas as outras. —Venha aqui, luz-e-alegria —ele murmurou.

—Deixe-me te abraçar com os dois braços.

Hastings bem que queria bater com a cabeça na cabeceira da cama. Em um outro momento ele poderia ter feito isso, mas Helena estava no quarto ao lado. Ela poderia ouvir qualquer barulho suspeito vindo da direção dele, imediatamente entenderia que ele desafiou seu decreto e estaria transando com uma empregada em um estilo deliberadamente ruidoso. Ele foi quase tentado a fazer sua cama ranger, só para ver se ela chutaria a porta com raiva.

Esse não foi o jeito que ele achou que seria quando ela finalmente estivesse no quarto da esposa. A essa hora da noite, depois de terem se exaurido de tanto fazer amor, eles estariam aconchegados debaixo das cobertas, sussurrando e rindo como crianças, contando um para o outro piadas sujas, descrevendo superficialmente posições sexuais impossíveis que eles planejavam tentar assim que recuperassem o fôlego.

Esse futuro não era para parecer estar mais distante que nunca.

Capítulo 6

Hastings instruiu a criadagem a não acordarem a nova patroa até às oito da manhã. Mas ela já estava acordada logo que raiou o dia, andando pelo quarto, tão perto, ao mesmo tempo tão longe.

Ele tomou banho, se vestiu e entrou no quarto dela depois de uma rápida batida. Ela não estava no quarto, mas sim na sala de estar diante de uma prateleira de livros em um vestido social, examinando os títulos pela lombada dos livros. Cada título foi escolhido porque ela demonstrou que gostava ou porque ele deduziu, baseado no que ele sabia sobre os gostos dela, que ela iria gostar.

De fato, quando ela se virou para o som de sua aproximação, ela estava com o cenho um pouco franzido de confusão.

—Quem colocou esses livros aqui?

Ele deu de ombros.

—Quem sabe? Provavelmente ficou muito abarrotado de livros de estudo e a criadagem usou a estante para abrigar o que sobrou.

—Entendo. —Ela colocou de volta o livro de poemas de Sappho que estava em suas mãos. —E o que você está fazendo aqui?

—Eu achei que não seria imprópria trocar cumprimentos cordiais na manhã seguinte a nossa noite de núpcias, e sacrificar algumas gotas do meu sangue nos lençóis para preservar a sua reputação.

—Eu já fiz isso.

—Fez?

—Veja você mesmo.

Ele entrou de novo no quarto dela, pegou as cobertas e fez uma careta para as gotas de sangue que manchavam os lençóis. —Vai parecer que o seu hímen foi rompido com uma faca.

Ela apareceu no elo entre as portas.

—O que quer dizer?

—Quando um hímen é rompido por um pênis, como normalmente é, nunca tem só sangue nos lençóis.

—Não tem nada que eu possa fazer sobre isso.

—Eu suponho que devo fazer alguma coisa, contribuir com minha parte para as manchas.

Os cantos dos lábios delas se abaixaram de desgosto.

—Faça como quiser. Eu estou saindo.

—Onde você vai tão cedo?

—Ligar para minha família. Eles vão gostar de saber que a vida de casada não diverge tanto de mim, e eu vou mentir adequadamente.

Algo no jeito dela fez com que ele perguntasse.

—E então?

Ela mal olhou para ele, falando para o batente da porta. —E então eu planejo encontrar com o Sr. Martin. No escritório da Fitzhugh e Companhia, preferivelmente. Na casa dele, se necessário.

Ele sentiu como se tivesse levado um tapa.

—Para terminar o que você não teve tempo ontem?

—Sr. Martin ficará preocupado comigo. Ele se culpará. Eu gostaria de garantir para ele que eu ficarei bem, apesar de um casamento público.

—Ele *deve* se culpar. Se ele tivesse mantido sua palavra, você não estaria na sua situação atual.

—E se ele não manteve, foi só porque eu o convenci do contrário.

—Por que você continua se responsabilizando pelas ações dele?

—Eu me preocupo com ele e eu farei o que tiver ao meu alcance para garantir sua felicidade, um conceito que deve ser totalmente estranho para você.

—Que não deve ser menos estranho para o Sr. Martin. O que ele fez pela sua felicidade? E pense bem antes de responder. Sua concordância com os seus desejos —e a sua concordância com os desejos de todo mundo, não constitui muito esforço da parte dele.

Ele ficou feliz de ver uma pontada de dúvida nos olhos dela, mas quando ela falou de novo, seu tom era tão firme quanto sempre.

—Eu decido se o Sr. Martin fez o suficiente por mim.

—E eu decidirei —ele se ouviu dizer, —se uma mulher que se dispõe a ver o homem que a comprometeu tão estúpida e moralmente corrompida, para conhecer minha filha, muito menos ser uma influência em sua vida.

Hastings afundou na cadeira do escritório de Fitz, sua mão sobre os olhos.

Fitz, graças a deus, bebeu seu café e deixou Hasting sozinho.

Depois de quinze minutos ou mais.

—Tudo bem, David, chega de se lamentar —disse Fitz, colocando seu café sobre a mesa.

Relutantemente, Hastings tirou sua mão do rosto e se sentou direito.

—Eu ainda não te cumprimentei formalmente, não é, Fitz, por ter feito a escolha certa e ter sido abençoadamente feliz como resultado?

Fitz sorriu.

—Obrigado. Embora, olhando para trás, não foi só uma escolha e sim o acúmulo de muitas escolhas.

Hastings suspirou. —Temo que o mesmo possa ser dito sobre mim e Helena, anos de uma conduta menos que estrelar da minha parte, continuando até esse momento.

—Minha esposa acha que você deveria confessar o seu amor na primeira oportunidade e pronto. Mas se você está relutante em fazer isso e algo me diz que você está, então pode não ser má ideia simplesmente parar de antagonizar Helena. Eu sei que ela faz com que você perca a cabeça, mas na nossa ideia, essa não é mais uma boa desculpa. Se você quer que ela te admire, você não pode continuar aborrecendo-a. Deixe que ela te ignore. Dê um tempo a ela. Mostre para ela que você é mais que meramente um conjunto de insultos e insinuações feitos sob medida.

Hastings riu alto com aversão a si mesmo.. —Você está certo, claro. E eu preciso moderar.

—Paciência, meu amigo —disse Fitz. —Roma não foi feita em...

Uma batida na porta.

—Sim? —respondeu Fitz.

Cobble, mordomo de Fitz, fez uma reverência.

—Senhor, o Sr. Martin está aqui para vê-lo. Você está em casa para ele?

—Minha pobrezinha —disse Venetia, Duquesa de Lexington, parada na janela de sua sala de estar, vendo a carruagem de Helena se afastar na curva.

—Ela parece mesmo um tanto derrotada. —Seu marido colocou sua mão no fim das suas costas. —Não que ela não esteja tentando tenazmente nos convencer do oposto.

—Eu espero que o jantar essa noite não seja muito difícil para ela. —Ela passou os braços por ele. —E obrigada, querido, por oferecer sua casa em Highlands para a lua de mel deles.

—Lá eles podem bater boca à vontade sem ninguém saber. —disse Lexington brincando. —Além do mais, eu gosto da sua irmã, se não fosse pelas suas travessuras, você nunca teria ido à Harvard ouvir minha palestra. Então se tiver algo que eu possa fazer por ela, *mein Liebling*, você só precisa

dizer.

—Hmm. —Venetia esfregou sua bochecha na lâ fria do seu paletó. —Eu não tenho certeza do que mais podemos fazer por *ela* agora, além de esperar para ver. Mas, minhanossa, tem muito que pode ser feito por *mim*, a mãe delicada, ansiosa, empurrada no meio de uma situação tão exigente.

—Ah —ele disse, com um sorriso na voz. —Você sabe, eu recebi uma carta do Museu de História Natural de Londres ontem a tarde. Mas nossa noite inteira foi tomada pelo destino da sua irmã. Eu esqueci totalmente disso.

O coração dela pulsou com animação. Ela gostava muito, muito mesmo do Museu de História Natural de Londres.

—Sério? O que a carta dizia?

—Apenas que eles acabaram de receber um carregamento de fósseis de dinossauro enormes e eles ficarão felizes em nos deixar fazer uma visita privada. Devo enviar uma nota e deixa-los nos esperando para às dez horas?

—Sim. *Sim*, —ela disse. —Nada agradaria e acalmaria uma mãe delicada e ansiosa como caixas e caixas de enormes restos de dinossauros.

Ele riu.

—Eu nunca pensei que teria uma esposa que ficaria mais animada para ir ao Museu de História Natural que eu.

—E você não está feliz com isso, querido? —Ela o beijou nos lábios. —Agora vá escrever a mensagem, Sua Graça. E eu ficarei pronta o mais rápido que eu puder.

Martin estava atormentado. Ele era tudo que um homem arrependido deveria ser, humilde, contrito, aceitando toda a culpa. Mas Hastings não estava impressionado. Martin nunca deveria ter cruzado a linha para começar. Então, depois de dar sua palavra a Fitz, ele nunca deveria ter cruzado a linha de novo.

Ou talvez, refletiu Hastings sombriamente, ele apenas estivesse zangado porque na próxima vez que Martin tiver uma recaída, ele estará deitado com a esposa dele.

Martin ainda estava falando.

—Senhorita... Lady Hastings era inflexível sobre eu não tomar decisões por ela. Ela me pediu para que eu não me preocupasse apenas com a sua reputação, mas por sua felicidade. Eu estava terrivelmente confuso. Por um lado, eu dei a minha palavra para o senhor. Por outro lado, eu também tinha

dado minha palavra a ela, antes, que eu faria tudo que pudesse para fazê-la feliz. E ali ela estava, exigindo que eu honrasse a minha promessa. Quando eu recebi o telegrama que parecia ser dela, foram as palavras dela, acima da sua, que falou mais alto no meu ouvido.

Ele parou, mordendo os lábios e tentando analisar as reações de Fitz e Hastings. Hastings nada disse; Martin não tinha ido vê-lo.

—Eu não aprovo as suas ações mais do que aprovo as de minha irmã. —disse Fitz. —Eu só posso esperar que o fato de vocês juntos terem trazido consequências reais seja um castigo suficiente para você, Sr. Martin.

As palavras de Fitz não eram gentis, mas eram certas. O rosto de Martin se tornou vermelho como beterraba. Hastings olhou para o outro lado. Ele não tinha prazer na aflição de Martin. Na verdade, ele se sentia quase tão desconfortável quanto Martin, sobre as —consequências reais —que caíram sobre Helena.

—Mas o que está feito, está feito, —continuou Fitz. —Minha irmã será Lady Hastings, o resultado mais vantajoso que poderia ter acontecido dentro das circunstâncias. Eu confio que você será a alma da discrição nesse assunto.

—Claro, claro. —Martin fez uma reverência e se alinhou. —E desejo felicidades a você, Lorde Hastings.

Hastings se recusou a responder. Martin, com o rosto ainda mais vermelho, murmurou um bom dia e foi embora.

Hastings cerrou os punhos.

—Que patife.

Fitz suspirou.

—Ele pode ser um patife, mas lembre-se, David, não é ele que está no seu caminho. Você está.

Helena tinha acabado de chegar perto da casa de Fitz quando viu Andrew desaparecer na esquina. Seu coração formigou com uma dor abrasadora. Ela puxou sua saia e começou a segui-lo, apenas para sentir um puxão no braço.

—Deixe ele ir —disse Hastings. —Difícilmente é apropriado para minha esposa seguir outro homem pelas ruas.

—Você é o culpado disso. Eu e o Sr. Martin poderíamos ter nos encontrado de maneira civilizada, mas você tinha que me chantagear com a sua filha. Então se você pensa que eu não vou aproveitar um encontro acidental, você deveria ser atropelado por um ônibus pela sua arrogância.

Ela puxou seu braço e correu, memórias agridoces surgiam sob seus olhos: O tímido Andrew de tempos atrás confessando que algum dia gostaria de ser o autor de um livro bom o suficiente para ser publicado por ela; uma chuva de flores prensadas caindo da carta dele até seus pés, uma para cada dia em que estiveram longe; caminhando pela costa de Norfolk, Andrew contando para ela que gostaria de continuar caminhando com ela por aqueles penhascos ásperos e lindos quando fosse um homem velho, e, quando eles fossem muito decrepitos para andar, serem levados em cadeiras de rodas de mãos dadas para olhar para o Mar do Norte.

Ela virou a esquina, mas não conseguiu vê-lo. Então, como se ela o tivesse conjurado, ele se materializou do outro lado da estrada.

Ela correu para a rua, tentando ao máximo não gritar o nome dele. Ele caminhava lentamente. Ela diminuía a distância entre eles. Houve gritos. Ele também gritou, seu rosto se contorcendo de terror.

Muito tarde ela percebeu que ela estava no meio do caminho de uma carruagem. O cocheiro tentou desesperadamente parar os cavalos, mas eles já estavam muito avançados, os gritos perdidos pelo barulho geral.

A última coisa que ela viu foi um casco do tamanho de um prato de jantar indo diretamente para seu rosto .

Capítulo 7

O silêncio chocou Hastings.

Comparado com o caos e ao medo negro da manhã —de joelhos em frente para o corpo inerte de Helena, o cheiro do sangue dela em suas narinas, os gritos da multidão amontoada levando-o ao pânico, os gritos dos cavalos relinchando nos seus ouvidos —essa calma e ordem deveria parecer um paraíso.

E foi por um tempo. Depois de leva-la de volta para a casa de Fitz sob a supervisão da Srta. Redmayne, depois da sala de jantar ter se transformado em uma sala de cirurgia de emergência para costurar a ferida em seu couro cabeludo, depois da Srta. Redmayne assegurar a todos que a vida dela não estava em perigo imediato, ele ainda estava tremendo, mas aliviado além da conta. Hastings se sentou para esperar que ela acordasse.

E esperou. E esperou. E esperou.

Ele recusou ofertas de descanso, almoço e chá —esse último duas vezes. Na terceira vez Millie colocou a bandeja em seu colo e o ordenou, não em termos incertos, para que ele comesse ou seria expulso de sua casa.

O rosto de Helena estava machucado e inchado, a cabeça dela envolta em faixas brancas. Ela descansava silenciosamente. Muito silenciosamente. De tempos em tempos, Venetia, com os dentes apertando seu lábio inferior, pegava seu pulso e o sentia. Eles ficavam tensos e respiravam de novo apenas depois de Venetia acenar, sinalizando que ela ainda estava, se não bem, pelo menos não pior.

Alguém foi pegar a bandeja de chá de Hastings. Ele não tinha ideia se comeu algo ou apenas segurou a bandeja por um tempo. Fitz se sentou com sua mão segurando forte a da esposa. Venetia, ainda vestindo os sapatos inapropriados que havia colocado pela manhã, tinha uma mão na manga de seu marido, a outra no seu lenço de pescoço.

Houve um estouro de conversas seguidas do primeiro.

—Ela não deveria já ter acordado a essa hora? —Eles perturbaram a enfermeira que Srta. Redmayne deixou no quarto. A enfermeira assegurou que a Srta. Redmayne não havia usado nenhum narcótico, apenas um analgésico fraco. Não tinha morfina ou ópio no corpo de Lady Hastings, fazendo sua consciência refém. Mas sim, ela muito certamente havia sofrido

uma concussão, então talvez a espera fosse um pouco maior.

Pela próxima hora, ninguém falou nenhuma palavra.

—Alguém se importaria de eu ler para ela? —Hastings quebrou o silêncio por fim.

Não houve respostas na mesma hora; então Venetia limpou seus olhos com o lenço e disse.

—Vá em frente.

Ele estava sentado próximo a pequena estante que Helena tinha em seu quarto. Suas roupas podiam estar na casa dele, mas os bens que realmente importavam para ela, seus livros, ficaram para trás. Ele puxou um livro próximo dele, movendo a cadeira para o lado de sua cama e começou a ler.

—A questão é frequentemente refeita, 'Devo gastar mais para ter meu manuscrito datilografado?' Sim, decididamente. As vantagens que uma máquina de escrever tem sobre o antigo método de escrever a mão são inúmeros. Primeiro, é bem mais rápido. Caligrafias medianas ficam ilegíveis depois que vinte a trinta palavras por minuto são excedidas. Com a máquina de escrever, cinquenta a sessenta e cinco palavras por minuto podem ser realizadas e te previne de ser afligido pela 'cãibra do escritor'. Uma economia clara de quarenta minutos em uma hora significa dinheiro ganho.

—Ela escreveu esse livro ela mesma, você disse? —Lexington perguntou.

Hastings assentiu.

—E publicou no fim do ano passado, para aconselhar escritores sobre os bastidores da publicação.

Ele a perturbou por isso, como ele fazia com cada um dos esforços dela, dizendo-a que se ela quisesse ser publicada, exista formas mais fáceis do que fazer a sua própria editora.

Era de se espantar que ele pensasse que seria possível para ela se apaixonar por ele, quando ele não tinha sido nada além da personificação da arrogância mais baixa.

Ele a olhou. Ela não fez mais do que emitir um gemido depois de dez horas de ter sido levada para seu quarto. Ela sonhava ou sua mente estava completamente em outro lugar?

—Em segundo lugar, a adição de grande velocidade, combinada a legibilidade e a ousadia de escrever com uma máquina de escrever ganham em comparação à mais polida escrita à mão. Em terceiro lugar, usando papel carbono, de duas a sete cópias podem ser feitas de uma só vez, vinte se usar papel fino e duas a três mil com serigrafia.

—Eu não sabia disso —disse Millie. —O que mais Helena diz nesse livro?

—Ela explica sobre tudo dentro do processo de produção, e tudo o mais sobre custos e partilha de lucros.

Venetia limpou seus olhos novamente.

—Ela é muito boa na sua profissão, não é?

—Helena sempre foi boa em tudo que ela faz. —disse Fitz, seus próprios olhos brilhando com lágrimas não derramadas.

Eles falavam dela no presente, claro que falavam. Mas para os ouvidos de Hastings as palavras pareciam carregadas de todas as características de um discurso póstumo. Ele se sentia como se estivesse em uma concha silenciosa, com nada dentro além de medo.

—Desculpe —disse Millie. —Eu não queria interromper sua leitura, Hastings. De qualquer forma, continue.

Ele esfregou as costas da mão na testa.

—Ela deveria ter acordado.

—Não foi apenas a Srta. Redmayne quem disse que a vida dela não está em perigo imediato —Venetia o lembrou, embora a ansiedade estivesse tingindo sua própria voz. —O médico de Fitz, de Lexington e o seu próprio —todos eles disseram a mesma coisa.

Ele sabia o que eles haviam dito —palavras que não significavam nada para seu medo interno.

—Existe alguém muito bem reconhecido em Paris sobre esse tipo de trauma —Lexington disse calmamente. —Devo enviar um telegrama para ele?

Hastings se virou agradecido para a direção de Lexington.

—Eu ficarei eternamente grato, senhor. Eu gostaria de saber que estamos fazendo tudo que é possível por ela.

As chances de um médico parisiense ser de mais ajuda que os de Londres não eram maiores. Mas chama-lo o daria a ilusão de ação e aliviar a leviandade de esperar.

—Eu escreverei o telegrama. —disse Lexington. —Onde posso encontrar caneta e papel, Lorde Fitzhugh?

—Me chame de Fitz. Eu te mostrarei meu escritório. E, Venetia, por que não desce conosco? Você não comeu nada o dia todo, isso pode não pode ser bom para o bebê. Millie, você também.

—Eu ficarei aqui —disse Hastings. —Ainda estou cheio de chá.

Fitz deu um tapinha no ombro de Hastings.

—Voltaremos logo.

O quarto ficou vazio, com exceção da enfermeira.

—Você gostaria de jantar, Enfermeira Jennings? —Hastings perguntou.

—Oh, não, obrigada, senhor, eu tomei bastante chá. —respondeu a enfermeira. Ela tinha uma voz profunda, rouca. —Mas... se o senhor não se importar, eu gostaria de tomar um pouco de ar fresco.

—Não me importo de forma alguma.

—Volto em cinco minutos.

Quando a enfermeira saiu, o olhar dele retornou para Helena.

—Eu acho que a Enfermeira Jennings estava ansiando por um cigarro.

Ela permaneceu em silêncio como a Bela Adormecida, presa em um sono amaldiçoado.

—Acorde, Helena. *Acorde*.

No rosto dela nenhum músculo se moveu.

Ele lutou contra lágrimas que apareceram de repente e olhou para baixo para o livro em suas mãos.

—Eu... eu perdi onde eu estava. O que você quer ouvir? A sessão de avisos para serem colocados nos livros? O uso e abuso de resenhas? Troca de preços e descontos?

Não importava, claro. Ela já sabia de tudo, eram suas palavras, sua especialidade. Ele apenas pensava —idiotice da parte dele —que ela odiaria o silêncio sufocante tanto quanto ele.

Ele pegou a mão dela.

—Vamos, acorde. Me diga para guardar minha mão para mim. Me diga para sair do seu quarto. Me diga...

Dessa vez ele não conseguiu segurar suas lágrimas. E com elas surgiram palavras que ele nunca foi capaz de dizer para ela a sua vida inteira.

—Eu te amo, Helena. Sempre te amei. Acorde e me deixa provar para você.

Vinte e quatro horas depois, ela ainda estava inconsciente.

As contusões no rosto dela se tornaram roxas e verdes. O inchaço passou, mas suas bochechas e seus olhos fechados começavam a parecer fundos —eles não conseguiram alimentá-la, nem mesmo dar água.

Ela sempre foi magra, mas havia uma força energética nela —uma presença que era maior que o seu tamanho. Agora, pela primeira vez desde que ele a conheceu, ela parecia frágil, como se ela pudesse simplesmente

flutuar sempre as cobertas mantendo-a na cama.

Hastings estava em pé no canto do quarto, de braços cruzados, um ombro encostado na parede. Ele terminou de ler o livro sobre publicações, leu o jornal do dia inteiro e começou a ficar um tanto cansado do som da própria voz.

Venetia estava do lado de fora, chorando nos braços do marido. Os olhos de Fitz, como os de Millie, estavam vermelhos. Hastings não chorou novamente, mas tomou um pouco de uma bebida forte longe da vista de Fitz, que o avisou para não colocar uma garrafa perto dele, ele não ficava tão tentado a beber em anos.

Mais dos melhores médicos de Londres apareceram para vê-la, assim como o *expert* de Paris. Todos disseram o mesmo: A família teria que esperar para ver. Lexington chamou outro *expert* de Berlim; Hastings duvidou que o médico tivesse um diagnóstico diferente para oferecer.

De tempos em tempos ela tremia e se balbuciava, e todos eles corriam para o lado da cama, chamando seu nome em uníssono, ansiando que ela acordasse. Mas invariavelmente, como se ela tivesse sido capturada pelas garras de um pesadelo, ela afundava de volta ao vazio que a encarcerara. Gelo e calor também foram tentados. Venetia e Millie esfregavam suas mãos e braços. Uma vez, Venetia desesperada até deu um tapa nela, apenas para explodir em lágrimas.

Srta. Redmayne puxou a família de lado e explicou para eles que havia a necessidade de entubá-la, caso o coma persistisse. Hastings ouviu resignado. Apenas depois ele percebeu que estivera tremendo.

Ele conheceu alguns estudantes de medicina durante seu tempo em Oxford. Nas noites, agora distantes, de bebedeira e diversão, eles costumavam contar para ele os mais bizarros aspectos de seu conhecimento. Entubá-la significava inserir um tubo lubrificado com glicerina dentro da narina do paciente. Ele havia rido da estranheza do procedimento; agora o pensamento o aterrorizava.

Porque *ela* ficaria aterrorizada. E ela precisava saber de alguma maneira. Aprisionada dentro de sua mente, ela deveria estar batendo nas grades para se libertar, para ser de novo a senhora do seu próprio destino.

E enquanto eles pudessem mantê-la viva, seus músculos atrofiariam de inatividade. Ela se tornaria um defunto que respirava, alguém cujas funções biológicas funcionariam mesmo que o espírito tivesse se desvanecido.

Do lado de fora da porta, Lexington gentilmente acalmava Venetia —persuadindo-a a descansar alguns minutos, mesmo que fosse só pelo bem do bebê. E ela relutantemente aceitou. Dentro do quarto, Fitz e Millie sentavam lado a lado em um pequeno sofá, se agarrando um ao outro.

O medo de Hastings estava repleto de arrependimento. Não mais. Sem mais mentiras. Sem mais covardia. Sem mais esconder seus verdadeiros sentimentos atrás de zombaria e escárnio. Se ela apenas acordasse, ele se tornaria um homem que a merecesse.

Se ela apenas acordasse.

Ele leu —*Alice no País das Maravilhas* —para ela, dando a cada personagem uma voz diferente.

O Coelho Branco balbuciava com um guincho agudo. O Gato de Cheshire ronronava languidamente. A Rainha de Copas esbraveja com impetuosidade e paixão. A própria Alice ele fez travessa, com um toque de bravura e ingenuidade.

Ele não sabia por que se incomodava. Helena não demonstrou nenhum sinal de ter ouvido uma palavra que ele pronunciava. Mas ele lia mesmo assim.

No fim de um capítulo, Fitz perguntou, —Você não está cansado, David? Sua voz deve estar esgotada.

A voz dele estava esgotada, mas ele balançou a cabeça.

—Estou bem. Eu não quero que ela sinta como se estivéssemos aqui em uma vigília.

—Nós não temos sido um grupo alegre, não é? —Fitz suspirou. —Obrigado, David. Nenhum de nós teria lido nem a metade.

—Está mais para nenhum de nós teria lido nem um quarto. —Venetia o corrigiu.

Hastings fechou o livro. A essa hora Helena já devia ter ficado enjoada de sua voz —ela nunca consentiria em ouvi-lo por horas a fio se não fosse pela sua debilidade. Ele só queria que ela o mandasse calar a boca ela mesma.

—Vão comer, todos vocês. —ele disse para todos. —Especialmente, você, Duquesa, você deveria estar comendo por dois.

Entre eles houve uma concordância.

—Vem junto? —disse Fitz.

—Eu já comi duas horas atrás. Podem ir sem mim.

Quando a família dela desceu as escadas, ele perguntou a Enfermeira

Jennings se ela não queria tomar um ar fresco. A enfermeira concordou prontamente e foi rapidamente encontrar com seu cigarro.

Ele pegou a mão de Helena na dele e acariciou seus dedos no lado do rosto dela que não estava machucado.

—Será uma ceia triste lá embaixo —ele contou para ela. —Eu não tenho certeza se você ouviu a conversa mais cedo. Nós te demos água e um pouquinho de poupa, mas isso não é suficiente para te alimentar. Amanhã de manhã alguém colocará um tubo em você.

Ele teve que respirar fundo antes de continuar.

—Eu disse para eles que essa não é você, Helena. Você não se permitiria continuar em um estado vegetativo. Você voltará, falará, andará, dançará. Publicará mais mil livros. Viverá a vida como deve ser vivida, com seus pés, tomando suas próprias decisões. Acorde, meu amor. Eu te amei por muito tempo e você nunca foi menos que totalmente obstinada. Eu preciso que você seja mais obstinada do que nunca, Helena. Acorde. Tudo depende disso, minha vida inteira, inclusive.

Capítulo 8

Alguém martelava o crânio de Helena. Ela estremeceu e lentamente abriu os olhos. Sua vista encontrou um medalhão de gesso. Um medalhão de gesso de noventa centímetros de diâmetro embutido em um testo desconhecido.

Onde ela estava? A casa de um parente? Os primos Norris tinham um teto assim? Ou os primos Carstairs? Ela tentou se sentar, mas seu corpo estava pesado e fatigado, e ela precisou fazer um esforço surpreendente para se levantar pelos cotovelos. A tensão machucava seus ombros; o movimento fez a sua cabeça girar.

A fonte de luz do quarto era uma arandela que estava coberta por um papel escuro. Ela olhou para a luz —tinha algo estranho: A luz não piscava, mas queimava com uma firmeza desconcertante. Ela estava... ela estava olhando para uma luz *elétrica*?

Com certeza não. Luzes elétricas eram o que inventores demonstravam para multidões curiosas, não algo para ser encontrado em uma casa normal.

Ela esqueceu sobre a esquisitice da arandela quando percebeu que não estava sozinha. Uma mulher vestida com um vestido verde dormia com a cabeça em seus braços cruzados na borda da cama de Helena. Venetia. Mas ela parecia... mais velha. Um pouco mais velha.

Atrás de Venetia havia um homem que ela nunca tinha visto antes, dormindo em uma cadeira, seu ombro encostado do lado do armário. Helena recuou alarmada e estava quase sacudindo o braço de Venetia quando ela viu outro homem cochilando com a cabeça inclinada para trás, em um pequeno sofá de frente para a cama.

Sua boca se abriu quando ela reconheceu *Fitz*. A diferença em sua aparência era gritante. Seu rosto, coberto por uma barba escura —barba! —estava mais longe e mais forte do que ela se lembrava. Ele não parecia mais o garoto que ela se lembrava, mas um homem quase saído dos vinte anos. Para completar seu susto, uma mulher estava no sofá com ele, dormindo com os braços envolta dos joelhos dele, sua cabeça nas suas *coxas*!

Ela ainda estava sonhando?

Ela deve ter feito algum som, um ganido talvez, para a cena estranhamente prodigiosa diante dela. Sua família continuava dormindo, mas uma figura no canto que ela não tinha percebido antes se agitou.

As roupas dele estavam amassadas, sua gravata sem nó. Sua barba estava por fazer, seu cabelo comprido e bagunçado, seus cachos loiros não tinham encontrado com um pente por um tempo. E havia círculos debaixo dos seus olhos, como se ele não tivesse dormido por dias.

—Helena —ele disse suavemente. —Você acordou.

Sua voz parecia estranhamente familiar, mas ela não tinha ideia de quem ele era. Ela não podia ter lhe dado a intimidade de se dirigir a ela pelo seu nome de batismo. Ela estava a ponto de perguntar quem ele era —e reprimi-lo por sua ousadia —quando a voz de Fitz surgiu, ainda lenta e sonolenta.

—Você já acordou, David? Que horas são?

Helena se virou para ele.

—O que está acontecendo, Fitz? Por que você parece...

—Meu Deus, Helena! —Fitz se levantou antes de se lembrar da mulher no seu colo. Ele a sacudiu. —Millie, Millie, acorde. Helena está acordada.

A mulher deu um salto, quando batendo no queixo de Fitz.

—O que? O que você disse?

Fitz já estava colocando-a em pé e levando-a para a borda da cama. Ele pegou forte a mão de Helena. A mulher magra de traços belos traços que se chamava Millie entrelaçou seus dedos em volta de suas mãos.

Seus olhos brilhavam com lágrimas.

—Nós estávamos tão preocupados. Eu não tenho palavras para te dizer como estou feliz que você voltou.

Helena ficou chocada ao ver os olhos de Fitz —pelo menos seus olhos pareciam os mesmos —que também estavam molhados. E parecia que ele era incapaz de falar. O estômago dela se revirou.

—O que acon...

Antes que ela pudesse terminar sua pergunta, Venetia gritou.

—Helena! Minha nossa, Helena! Christian, ela acordou!

O homem atrás de Venetia, quem ela chamara pelo nome de batismo, se levantou de seu assento para ajudar Venetia a se levantar. Ele sorriu para Helena.

—Bem vinda de volta.

—Bem vinda mesmo. —ecoou Millie.

Eles todos pareciam conhecê-la muito bem. Por que ela também não os conhecia?

—Eu te abraçaria tão forte, meu amor, se eu não estivesse com medo de te machucar —disse Venetia, enquanto pegava a outra mão de Helena.

—Devemos colocar uns travesseiros atrás das suas costas para que você fique mais confortável?

—Isso não é necessário. —Apenas o pensamento de ter que se mover fez com que seu estômago protestasse. —Alguém pode me dizer o que está acontecendo?

A mão de Venetia foi para a garganta.

—Meu Deus, você não se lembra?

—Lembro o quê?

—Seu acidente, claro.

Acidente? Ela olhou em sua volta e percebeu outra mulher no canto —essa usava uma capa de enfermeira e uniforme. Os outros homens no quarto eram médicos? Aquele que Venetia chamou de Christan certamente tinha um ar de competência fria sobre ele. Ela olhou para aquele chamado David. Ele a olhava como se ela fosse o próprio Koh-i-Noor, um diamante lindo de valor infinito.

Ela desviou o olhar, desconcertada e talvez um pouco lisonjeada também —apesar de todo seu desalinho, ele não era feio.

—Quando foi esse acidente? E que tipo de acidente estamos falando?

—Um acidente de carruagem —respondeu Fitz. —Aconteceu três dias atrás e você ficou inconsciente desde então. Nós começamos a nos perguntar —sua voz ficou mais baixa —se algum dia você acordaria de novo.

O acidente explicava todas as suas dores e desconfortos. Um coma de três dias era um bom motivo para lágrimas e a comoção envolta o seu despertar. Mas ela ainda não entendia a familiaridade com que todos esses estranhos a tratavam; nem era um motivo bom o suficiente para que Fitz e Venetia tenham envelhecido dez anos do dia para a noite.

—Provavelmente é uma coisa boa que você não se lembre —disse Millie. —Foi um acidente horrível. Minha nossa, quando eu vi você caída no meio da rua, com o sangue da sua cabeça inundando o pedrisco, eu pensei...

Seus lábios tremeram. Fitz lhe deu um lenço. —Está tudo bem. Tudo vai ficar bem agora.

—Claro. —Millie limpou seus olhos. —Me desculpe.

Venetia limpava seus próprios olhos. O homem chamado Christian tinha sua mão nos ombros dela.

Helena não conseguia mais esconder seu desorientamento, que começava a congela-la com uma sensação fria, como um nó, que não diferente de medo. Ela não sabia se ela devia perguntar o porquê seus irmãos pareciam tão

envelhecidos diante dela, então ela perguntou —Venetia, Fitz, vocês podem por favor fazer as apresentações? Eu gostaria de conhecer nossos convidados.

Seu pedido causou um longo momento de espanto em todos, seguido de olhadelas assustadas entre as cinco pessoas ao redor de sua cama, o que só fez com que seu estômago se apertasse com antecipação.

—Nós não somos convidados —disse Millie. —Somos sua família.

Helena não pensou que *gostaria* da resposta que receberia, mas ela não imaginou que o medo que tinha a princípio se tornaria um pavor completo. Ela se ajeitou rapidamente, ignorando a dor em sua cabeça e o enjôo no estômago causado pelo movimento abrupto, e tentou achar uma explicação lógica. Eles eram primos distantes? Ou talvez... —Eu conheci a todos um pouco antes do meu acidente? Minha mente está bastante confusa sobre esse momento.

—Não, não. —Millie balançou forte a cabeça, como se a força da negação pudesse fazer alguma diferença no problema. —Nós, você e eu, nos conhecemos oito anos atrás no Lord's, no jogo de críquete entre Eton e Harrow.

O pai de Helena era um entusiasta de críquete. A família inteira foi a várias partidas entre Eton e Harrow com ele, mas ela não tinha a lembrança de ter algum dia conhecido essa Millie.

—Me desculpe. Eu devo ter esquecido. Imagino que não nos vimos muito desde então?

Millie olhou aterrorizada. O coração de Helena afundou, ela não tinha certeza de que queria ouvir o que Millie poderia dizer. Millie, pelo que pareceu, dividiu sua relutância. Ela olhou para Fitz, que pareceu atordoado, antes se virar para olhar novamente Helena.

—Nós temos nos visto bastante desde então, Helena. Eu sou sua cunhada.

Helena agarrou os lençóis. Isso era um absurdo.

—Você está *casado*, Fitz? Quando você se casou?

—Oito anos atrás.

As palavras de Fitz eram quase fantasmagóricas em sua fraqueza.

—Oito *anos* atrás? Em que ano estamos?

—1896 —disse Millie.

1896? Não é de se admirar porque Fitz *parecia* um homem quase terminando seus vinte anos —ele *estava* quase terminando seus vinte anos. E Helena, nascida no mesmo dia que ele, era uma mulher quase terminando os seus vinte anos.

Ela balançou a cabeça, tentando acalmar seus pensamentos bagunçados e incoerentes. Mas o movimento invés de clarear sua mente causou uma onda de náusea. Ela trincou seus dentes e se virou para Venetia.

—O cavalheiro ao seu lado é seu marido?

—Sim —disse Venetia calmamente.

—E você também se casou há bastante tempo?

—Não, nos casamos nesta temporada.

Um silêncio tenso se estendeu. A agitação de Helena começou a escalar novas alturas vertiginosas conforme, um por um, seus irmãos e seus cônjuges olharam para David, que parecia, se possível, ainda mais espantado que todos.

—E sobre David? —Fitz soava como se ele estivesse suplicando. —Com certeza você se lembra dele. Você o conhece a metade da sua vida.

Ela encarou o tal David, um homem alto com uma estrutura elegante; maçãs do rosto marcadas, uma mandíbula afiada, e um nariz que seria quase perfeitamente reto se ele não tivesse o quebrado uma ou duas vezes, um rosto que ela não se importaria em olhar se ela estivesse no meio de um grupo. Mas ela não o queria *ali*, um estranho com intimidades, um homem que esperava que ela o conhecesse.

—Como *nós* somos relacionados, senhor?

Se estômago se agitou enquanto ela se preparava para a resposta.

O olhar dele encontrou o de Fitz. Uma mensagem silenciosa foi trocada entre eles. Ele olhou de volta para Helena, inspirou profundamente, e disse com o tipo de cuidado que era usado para informar uma criança que seu filhotinho havia morrido.

—O mundo me conhece como seu marido.

Precisamente a resposta que ela esperava não ouvir. Seu estômago se agitou ainda mais violentamente. Ela apertou o lábio inferior, desejando que seu corpo se acalmasse e a deixassem sozinha. Mas apenas a náusea surgiu.

Ela se virou para o lado da cama.

—Cavalheiros, por favor saiam do quarto. Eu vou vomitar.

Com sua irmã e sua cunhada a ajudando, e a enfermeira parada atrás, Helena mal chegou ao lavatório a tempo.

—Desculpe —ela balbuciou, quando terminou de ejetar o conteúdo de seu estômago. Ela não se sentia tão mal fisicamente desde que sofreu febre escarlatina quando tinha nove anos. E ela não se sentia tão mal

emocionalmente desde...

Ela não sabia ao que comparar essa experiência. Foi terrível perder seus pais, mas pelo menos ela podia compartilhar o luto com seus irmãos. Mas isso... isso de acordar e descobrir que metade da sua vida foi sugado de sua mente e ela estava agora entrelaçada com um marido que ela não conseguia lembrar de ter conhecido, sem poder escolher —ela se sentiu sem rumo.

—Pobrezinha —disse Millie quando abaixou a tampa do vaso sanitário azul-esmaltado e puxou a corda da descarga.

Venetia já levava Helena até a pia.

—Srta. Redmayne disse que você poderia ter náuseas e vomitar quando acordasse —esses são sintomas comuns de pessoas que sofreram uma concussão.

—Srta. Redmayne é nossa médica —completou Millie prestativa. —Enquanto falamos ela já está a caminho.

Uma mulher médica? Helena com certeza aprovava, mas ela não tinha ideia que agora já existiam mulheres médicas o suficiente para que as senhoras Fitzhugh tivessem uma.

Um espelho estava pendurado sobre a pia. Ela recuou a ver sua aparência: Metade do seu rosto estava machucado, com uma descoloração quase verde. Ela não conseguiu deixar de se encarar: Pelo menos ela não estava se *sentindo* como uma criança, mas como era estranho e emocionante, de alguma forma —de repente ver seu rosto de adulta.

Ela tampou a boca. Em uma venda entre a bandagem, ela pôde claramente ver seu couro cabeludo.

—O que aconteceu com meu cabelo?

—Srta. Redmayne teve que raspar para poder costurar a ferida na sua cabeça. —respondeu Millie.

—Todo? —Sua pergunta foi um gemido. O destino parecia desnecessariamente cruel.

—Seu cabelo vai crescer de novo. —Os olhos de Venetia se avermelharam. —Quando eu penso que você poderia ter morrido...

Millie afagou o braço de Venetia.

—Você não deve se atormentar pensando em coisas que não aconteceram. Você ficará nervosa e isso não pode ser bom para o bebê.

Um *bebê*? Helena se virou —e teve que segurar nos ombros de Millie para não cair.

—Você está grávida?

—Sim.

Ela olhou para a barriga de Venetia.

—Não parece.

—Eu ainda tenho meses e meses pela frente. Na verdade, nós acabamos de contar as boas novas na noite anterior ao seu acidente.

O acidente.

Abruptamente, tudo que Helena não sabia sobre a família surgiu a sua volta, uma ignorância sufocante.

—Você tem outros filhos, Venetia? E você, Millie? Você não se importa que eu te chame de Millie, não é?

Antes que qualquer uma delas pudesse dar uma resposta, o pânico a socou no estômago.

—Meu *Deus*, eu tenho algum filho?

—Não foi um dos começos mais auspiciosos, né? —murmurou Hastings.

Seria se alguma parte dela se lembrasse exatamente quem ele era e o quanto ela não conseguia suporta-lo.

Ele e Fitz estavam sozinho no corredor do lado de fora da porta. Lexington saiu para escrever uma carta para o Herr Doktor de Berlin, informando que os seus serviços não era mais necessários, mas que seria compensado por seu tempo e gastos, caso ele já tivesse partido para Londres.

—Srta. Redmayne nos disse que ela estaria propensa a náuseas e vômitos quando acordasse —Fitz apontou racionalmente. —Você sabe disso.

Hastings achava que sabia. Ele suspirou. —Pelo menos ela está acordada agora. Graças a Deus por isso.

Se pelo menos ele pudesse compreender o fato de agora ser um completo estranho para ela.

Millie saiu do quarto. —Como ela está? —Fitz e Hastings perguntaram em uníssono.

—De volta a cama, mas já perguntou a enfermeira quando ela ficaria livre de supervisão médica.

—Ela nunca gostou de supervisão de nenhum tipo, não é? —disse Fitz. —E sobre a sua memória?

—Ela estava nos interrogando. Ainda está interrogando Venetia enquanto nos falamos. Ela não se lembra de ser uma editora. Ou de ir a universidade. Ou dos primeiros dois casamentos de Venetia. Nós estivemos lhe informando os principais eventos da vida dela e da nossa.

—E sobre Andrew Martin? —perguntou Fitz, livrando Hastings do problema.

—Ela não falou sobre ele, mas eu vou ficar muito chocada se ela se lembra dele quando esqueceu de todo o resto.

Hastings queria saber se Helena tinha alguma pergunta sobre ele, mas ele não conseguiu perguntar.

Um ruído de passos surgiu da escada. Srta. Redmayne apareceu.

—Lorde Fitzhugh, Lady Fitzhugh, Lorde Hastings.

—Obrigado por vir tão rápido. —disse Hastings.

—Existe algo mais sobre a situação de Lady Hastings que deveríamos saber?

Ainda era estranho para Hastings ouvir referências a Helena como Lady Hastings.

—Ela vomitou alguns minutos depois de acordar.

Srta. Redmayne observou.

—Isso é normal e não é motivo de preocupação.

—Ela também perdeu sua memória. —Hastings adicionou.

Srta. Redmayne levantou uma sobrancelha.

—Você quer dizer que ela não tem lembranças do acidente? Isso também é comum.

Hastings balançou a cabeça.

—Temo que ela tenha perdido a memória mais além disso. Ela não se lembra de ter conhecido Lady Fitzhugh ou eu, e nós a conhecemos a muitos anos.

Srta. Redmayne bateu levemente a ponta de sua caneta no queixo.

—Isso é um caso mais extremo de amnésia do que os que encontramos normalmente.

Amnésia. As sílabas eram agourentas.

—Quanto tempo podemos esperar que sua memória retorne?

—Não há um tempo certo para a recuperação, pelo que eu sei da condição. Ela pode recobrar a memória no fim do dia, no fim de um mês ou no fim do ano. —Srta. Redmayne pausou delicadamente. —Embora também haja a possibilidade de ela nunca recuperar.

—O quê? —Fitz exclamou. —Não pode ser. Nós estamos falando de anos e anos de memórias aqui. Como tantas lembranças podem simplesmente desaparecer no ar?

O tom de Srta. Redmayne era gentil, quase uma desculpa.

—Se sabe que acontece e a ciência médica, infelizmente, ainda tem muito que aprender sobre essa condição, vamos deixar que se cure sozinha.

Ela se virou para Millie.

—Lady Fitzhugh, pode me acompanhar?

Fitz passou as mãos pelo cabelo. —Eu não podia imaginar, sua memória permanentemente perdida. Pelo menos Venetia e eu ainda temos nossas lembranças da infância com ela, mas para você e Millie...

—Para Millie, especialmente. Elas eram boas amigas.

—Sim, mas também para você...

Hastings deu de ombros, sua própria cabeça começando a latejar. Não havia uma amizade particular entre ele e Helena, mas ser um estranho absoluto depois de todos esses anos?

—Vá descansar um pouco, David, —disse Fitz. —Eu sei que você dormiu menos que todos nós.

—Eu não vou conseguir dormir. —Ele estava muito acordado, em um alerta quase doloroso, como se ele tivesse consumido vários galões de café. —Eu esperarei aqui com você.

O que eram mais alguns minutos se ele já esperava por dias?

Anos.

Srta. Redmayne tinha mais ou menos a idade de Helena, bonita, bem vestida, com um ar de grande competência.

—Seu irmão e seu marido me disseram que você está sofrendo de um caso bastante dramático de perda de memória, Lady Hastings.

Levou um tempo para que Helena percebesse que —Lady Hastings —se referia a si mesma. Então o marido dela era o Lorde Hastings. Marido —a palavra tirou o ar dos seus pulmões. Ela não sabia *nada* sobre o homem. Como ela podia estar casada com ele?

—Quando eu acordei —ela disse, se esforçando para tomar o controle de si mesma —Eu estava cercada de membros da minha família. E eu reconheci menos da metade deles.

—Dos que você não reconheceu, quem você conhecia a mais tempo?

—Lorde Hastings —ela não conseguia se fazer dizer —meu marido —de acordo com todos.

Srta. Redmayne olhou para Venetia.

—Você pode me dizer quando eles se conheceram, Sua Graça?

—No verão em que Lady Hastings tinha catorze anos. Lorde Hastings veio

visitar a Hampton House, nossa casa em...

—Oxfordshire, —disse Helena, grata por saber pelo menos isso.

—Qual a última coisa que você se lembra? —perguntou Srta. Redmayne.

Ela pensou. —O Natal depois da nossa mãe ter morrido.

Helena adorava sua mãe e ficou bastante desconsolada naquele natal. Venetia e Fitz persistiram em contar-lhe piadas atrás de piadas até que ela desse um sorriso.

—Deve ter sido logo antes de você fazer catorze anos —disse Venetia.

—Você esqueceu de conhecer Hastings por uns poucos meses.

Helena queria lembrar de tê-lo conhecido —e cada dia dos últimos treze anos de sua vida —mas particularmente dele. Ela não podia ser uma esposa de um estranho.

—Por favor, me diga que eu recuperarei minha memória.

—Eu não posso fazer promessas. —disse Srta. Redmayne. —Amnésia é uma condição incomum, que normalmente acompanha danos cerebrais mais sérios que o do seu caso.

Ela rabiscou algumas palavras em seu caderno.

—Se eu me lembro corretamente, você estudou clássicos enquanto esteve em Lady Margaret Hall?

Helena acenou, ela ainda estava pasma com o fato de ter frequentado a universidade. Não que ela não quisesse, mas quando Coronel Clements, o guardião deles, concordou com isso? Ela teria que, não apenas chegar na idade correta, como estar sobre o controle de sua pequena herança, antes que isso se tornasse possível.

—Você aprendeu latim antes disso?

—Lembro de Helene aprendendo latim por si mesma dos livros de escola de Fitz, —Venetia respondeu por ela. —Mas quando ela era um pouco mais velha. Dezesesseis anos, talvez.

—*Qui caputtuumvalet?* —perguntou Srta. Redmayne. *Como sua cabeça está?*

—*Non praecipueiucunde. Quasiequocalcitrata sum, itaaliquisdicat,* —respondeu Helena facilmente. *Não particularmente agradável. É como se eu tivesse sido chutada por um cavalo, se eu posso dizer.*

Srta. Redmayne acenou.

—É uma coisa estranha. A amnésia tira a memória de eventos e de pessoas. Mas costuma não afetar domínio de linguagens e outras habilidades adquiridas. Se você sabia como andar de bicicleta antes, por exemplo, você

não precisa aprender de novo.

—Você realmente sabe como andar em uma bicicleta segura —disse Venetia, parecendo quase otimista.

Helena tentou encorajar Venetia com um sorriso, mas apenas conseguiu dar a metade de um —esticar seus músculos faciais causavam uma sensação em seu couro cabeludo que era metade dilacerante, metade abrasadora. Ela teria desistido da fluência em latim e da habilidade de andar de bicicleta imediatamente se ela pudesse ter sua memória de volta.

Srta. Redmayne retirou as bandagens de Helena para ver os pontos. Sem nenhum cabelo, a cabeça de Helena perturbadoramente brilhante —e o ar no quarto inesperadamente frio contra seu couro cabeludo.

—Sua cabeça não está mais sangrando. —proferiu Srta. Redmayne —Mas os pontos precisam permanecer por mais alguns dias.

Ela pediu a Helena que saísse da cama e andasse em uma linha reta, fizesse cálculos simples e deduções lógicas.

—Seu raciocínio está bem, assim como sua coordenação motora. A oscilação que você sentiu pode ter sido causada pela fraqueza dos músculos invés de dano cerebral. O perigo agora é que você tenha alguma hemorragia interna no crânio. Vou mantê-la supervisionada pelas próximas quarenta e oito horas.

Helena suspirou —ela pensou que os perigos já tinham passado.

—Mas por outro lado —continuou Srta. Redmayne. —Se não houver hemorragia, então você pode se considerar curada e gradualmente retomar suas atividades normais. Nesse meio tempo você pode ter dores de cabeça, mais vômitos talvez até mesmo algumas perdas de consciência temporárias. Além disso, pela euforia de ter acordado, você pode não estar sentindo todas as suas dores, mas infelizmente sua ferida se estende até perto da sua têmpora, e lá tem alguns nervos do rosto, então certamente expressões faciais —franzir o cenho, por exemplo —pode puxar alguns pontos e ser desconfortável.

Helena não se importava com a dor, mas a possibilidade de uma hemorragia no crânio era assustadora.

—O que devemos fazer agora?

—Coma alguma coisa leve e descanse. Não é bom se esforçar. —respondeu Srta. Redmayne. —E não force sua cabeça tentando se lembrar. Isso não fará com que você recupere a memória mais rápido.

—Posso ler?

—Em alguns dias, sim, mas por agora só vai piorar sua dor de cabeça. Você precisa se lembrar, Lady Hastings, que mesmo que você tenha recuperado a consciência, só se passaram três dias do ferimento.

A mera ideia de ficar sentada na cama por dias sem fim com nada para fazer já piorava sua dor de cabeça. Mas algo na autoridade serena de Srta. Redmayne não deixou espaço para argumentação: Helena se sentiria como uma criança birrenta.

Srta. Redmayne autorizou Fitz e Hastings a entrarem no quarto. Os olhos de Helena se demoraram no último por um momento —aquelas maçãs do rosto eram capazes de cortar mármore. Ele retornou o olhar, mas invés da adoração de outra hora, ele a olhou com uma incerteza, como se ele estivesse atracado em uma costa distante e estivesse encontrando os nativos pela primeira vez.

—Onde está meu marido? —perguntou Venetia.

—Ele está no corredor —respondeu Fitz. —Agora que Helena está melhor, ele não quer se intrometer em sua privacidade, já que ele não é um parente de sangue.

Srta. Redmayne repetiu o mesmo que disse a Helena, mas adicionou —Sua graça, meus lordes, Lady Fitzhugh, eu peço que vocês não fiquem aqui. Não vai ser útil —deixe que a enfermeira cuide de Lady Hastings. Ela precisa descansar e vocês também. E senão, se exercitem e tomem um pouco de ar fresco. Vocês ficaram enfiados aqui por muito tempo.

—Eu gostaria que Lorde Hastings permanecesse —Helena se ouviu dizer. Ela não fez nenhuma pergunta sobre ele para Venetia e Millie, em parte porque ainda deseja que ele fosse embora, em parte porque ela acreditava que ele que deveria responder as perguntas sobre ele mesmo.

A julgar pela sua reação espantada, parecia que ela tinha pedido ao homem para pular em um pé só naquele mesmo instante. Mas ele rapidamente se recuperou.

—Sim, claro. Não há nada que eu gostaria mais.

Ela já havia escutado sua voz mais cedo, mas agora ela estava surpreendida pelo timbre rico e puro.

Venetia, Fitz e Millie abraçaram Helena, tomando cuidado para não tocar em suas feridas.

—Se você quiser alguns minutos de privacidade, eu falo para Enfermeira Jennings deixar seu turno da manhã mais cedo. —disse Srta. Redmayne.

—Obrigada. —respondeu Helena.

—Vocês podem conversar até a Enfermeira Gardner chegar, meu lorde, milady. Depois disso Lady Hastings precisa descansar.

A doutora e a enfermeira saíram. Helena e Hastings ficaram sozinhos no quarto, mas ele não se aproximou de sua cama. Ao invés disso ficou parado próximo a parede, com suas mãos atrás de suas costas. Ela percebeu depois de um tempo que ele esperava que ela falasse primeiro.

—Eu não tenho certeza se eu devo me desculpar por não me lembrar de você, ou se você me deveria desculpas por me sobrecarregar com um marido inesperado. O que você recomenda?

Ele a encarou. Então balançou a cabeça, como senão conseguisse acreditar no que ouvia.

—Então você realmente não se lembra de mim.

Era menos uma pergunta para ela do que um lembrete para si mesmo.

—Não, eu não lembro de você de forma alguma.

Ele passou a mão pelo cabelo. Suas ondas pareciam macias.

—Você pode ficar surpresa de saber que eu sou normalmente incrivelmente espirituoso e expressivo. Mas eu estou sem palavras no momento.

Ela inclinou a cabeça para trás suavemente.

—Você pensa muito bem de si mesmo.

—Você também —pensa muito bem de si mesma —ele disse, sorrindo levemente. —Você acredita, acreditou, que a modéstia era para aqueles que tinham algo sobre o que serem modestos.

Parecia algo com que ela poderia concordar.

Ela relaxou um pouco. A perspectiva de estar casada com um homem que ela não se lembrava fazia sua ferida doer com mais força que uma corda torcida. Mas falar com ele, até então, não foi uma experiência desagradável. A voz dele —se um violino falasse, provavelmente seria com essa voz. E aquele sorriso...

Ele não era, talvez, bonito de uma forma convencional, mas ele tinha o tipo de beleza —talvez até mesmo alguns tipos de beleza: Pele bonita, sobrancelhas grossas, uma covinha logo abaixo do seu lábio inferior causada pelo ângulo do seu queixo. Seus olhos estavam vermelhos, mas eles também tinham a cor de um mar calmo, uma hora aquamarina, na outra turquesa.

—Surpresa de estar casada? —ele perguntou, com um tom conspiratório, como se ele entendesse suas reservas. —E eu não digo casada comigo, mas casada de qualquer jeito.

Ela relaxou um pouco mais.

—Chocada. Eu... eu sempre acreditei que preferia ser uma solteirona.

—Logo depois dos vinte você começou a pensar que talvez casamento não fosse tão ruim com o homem certo.

Ela levantou uma sobrancelha apenas o suficiente para evitar machucar seus pontos.

—E você é esse homem certo?

—Eu sempre pensei que seria uma escolha —ele disse. —Você quer reinar como a rainha de tudo que você vê e eu gosto de ser o vizir conspirador que sussurra ideias astutas nos seus ouvidos.

Uma visão inesperada e atraente de um casamento com um marido que não precisa se colocar na posição de rei.

Ouviu-se uma batida na porta. As empregadas entregaram bandejas de café da manhã, uma com apenas mingau e chá para ela, a outra com muffins e uma torrada simples para ele. Ele pegou o assentou que o marido de Venetia usava, perto, mas não muito perto.

—É isso que você come no café da manhã? —ela perguntou. —Meio moderado.

—É sim. Mas nós pensamos que não seria bom ter bacon ou peixe grelhado no meu prato, no caso de o cheiro te enjoar.

Ela mexeu em seu mingau, esperando esfriar.

—Me diga algo sobre você mesmo.

Ela deveria ter dito —Me diga algo sobre nós —mas ela decidiu colocar isso por último. Ela não —não ainda —queria ouvir sobre uma corte maravilhosa que culminou em um casamento de conto de fadas, com ela como uma noiva radiante. Sua encarnação atual poderia estar intrigada com ele, mas ela não estava apaixonada. E ela não queria ser obrigada a ter sentimentos que não tinha.

Ele pensou por um momento, mastigando meditativamente um pedaço de muffin. Os olhos dela mais uma vez caíram para o formato de sua mandíbula —havia fiordes no norte esculpidos menos impressionantes. Conforme ele engolia, ela observou seu pescoço. Ele era um homem forte mas não havia nada grosso ou volumoso em seu pescoço. Era simplesmente... elegante.

—Eu gosto de Alice no País das Maravilhas. —ele disse.

Com um pouco de esforço ela voltou a olhar em seus olhos.

—Isso é aquilo que você quer me contar?

—Por que não? E coma. Nós não conseguimos te alimentar muito bem.

Você acordou bem a tempo, na verdade. Eles iam te entubar a partir de hoje.

Ela estava sendo cautelosa em comer logo depois do seu tumulto gastrointestinal. Mas as palavras dele a lembraram que seu corpo devia estar faminto após seu longo sono. Ela engoliu uma colher cheia do seu mingau.

—Você sabe que Alice no País das Maravilhas é um dos meus livros favoritos, não sabe?

—Sim.

A resposta dele a lembrou da assimetria de conhecimento que existia entre os dois —ele provavelmente sabia mais sobre ela que ela mesma. Empenhado como ele estava para parecer —com aqueles olhos que pareciam mudar de cor em cada menor movimento —e agradável de ouvir, ela não podia esquecer que ele estava mais para um homem com um objetivo.

Um objetivo que residia abaixo da sua cintura.

Ela estreitou seus olhos suavemente.

—Você está tentando conseguir alguma coisa comigo, Lorde Hastings?

Hastings não conseguia se cansar de ser um estranho para ela: a cortesia e atenção da parte dela —sem mencionar a abstinência completa de escárnio e repulsa. Sim, ela estava desconfiada. Mas em seu lugar, quem não estaria?

—Você ama livros; assim como eu. —ele respondeu.

—Já que não podemos contar com o nosso passado para nos guiar no que dizer um para o outro, um livro que nós dois gostamos parece um bom lugar para começar. —Ela respondeu imediatamente.

Ele estava estupefato: Ela considerava a resposta dele com cuidado, invés de descartá-la totalmente como se fosse lixo.

—Qual seu personagem favorito no livro? —ela perguntou, levando outra colher de mingau a sua boca. Havia um corte no seu lábio inferior; estava bastante curado, embora o machucado avermelhado ainda continuasse.

—O Gato de Chesire, —ele respondeu sem hesitar.

—Por que ele? —Os olhos dela, emoldurados por toda aquela austera bandagem branca, estava mais verde do que ele se lembrava, a cor de um adorável gramado regado.

—Ele é malicioso e imprevisível. E ele vai e vem conforme deseja. Quando eu era criança, teria adorado ser capaz de desaparecer quando eu quisesse.

Ela o examinou —ela o tem examinado desde que o pediu para ficar com ela.

—E o que você teria feito com essa habilidade? Escutado escondido?

Não era, como as outras perguntas, uma questão profunda. Ainda assim se ele tivesse lhe dado uma resposta apropriada, revelaria mais sobre ele mesmo do que ele jamais esteve disposto a deixá-la ver.

—Apenas para sair de onde eu estava —ele disse.

—E onde você estava?

—Sob o controle do meu tio. —Ele abaixou seu rosto para o prato, quase... tímido para falar tão abertamente sobre si mesmo.

—Ele era um disciplinador rigoroso?

Ele levantou a cabeça. O olhar dela estava fixo sobre ele, eles tinham uma atenção cautelosa, mas não estavam mais coloridos com os preconceitos de antes.

Ele frequentemente sonhava que um dia ela o veria como ele desejava ser visto. Isso não era a realização de um sonho de criança, mas ainda assim, era muito mais do que qualquer coisa realística que ele esperava: um recomeço verdadeiro.

—Sim —ele disse, mesmo que a admissão o tivesse feito se sentir vulnerável.

Ela olhou para ele um pouco mais antes de olhar de volta para sua xícara de chá.

—Sinto muito ouvir isso. Meu pai era um soldado, mas ele não era nenhum mandão. Amava rir. E ele era maravilhosamente gentil.

Essa era a visão que todas as crianças Fitzhugh tinham sobre o pai.

—Fitz uma vez me disse que ele sempre te chamava de seu encanto.

—Sim, assim eu podia crescer ao lado de Venetia sem sentir que estava sob sua sombra. —Os lábios dela se curvaram levemente. —O que provavelmente me deixou com um sentido muito inflado da minha própria aparência física.

—Ou talvez ele fosse simplesmente como eu. —ele disse impulsivamente. A expressão dela se tornou interrogativa.

—Como?

—Fitz me avisou sobre Venetia em minha primeira visita. Ele disse que homens adultos se tornavam gelatina só de olhar para ela. Bem, minha carruagem chegou a sua casa, uma jovem menina colocou a cabeça para fora de sua janela no andar superior, e eu virei gelatina bem no assento da carruagem. —Ele partiu um pedaço do muffin pela metade que permanecia no seu prato, o coração dele batendo mais que desconfortavelmente rápido. —Mas essa garota não era Venetia. Era você.

Ele nunca tinha contado para ela sobre a forte atração que ele sentiu por ele desde o começo —ele não podia por causa da indiferença que ela tinha por ele e, depois, pelo seu desprezo.

Era difícil dizer se ela havia gostado de sua confissão —ela levantou a chaleira para colocar mais chá em sua xícara e parecia ter olhos apenas para sua tarefa.

—O que mais eu preciso saber sobre você? —Sua voz era fria, como era seu costume.

Ele provavelmente a desconcertou, um estranho que ela desejava manter a distância falando sobre como ele a achou adorável. Ele partiu outro pedaço do muffin.

—Eu tenho uma filha chamada Beatrice.

Ele ter gerado uma filha ilegítima nunca agradou Helena. Mas ela precisava saber sobre Bea.

Sua declaração a deixou surpresa.

—Você já foi casado antes?

—Não.

Ela piscou diante da implicação de suas palavras. Desprazer surgiu entre suas sobrancelhas enrugadas —seguidas pelo desprazer da sensação de pressão em seus pontos. Suas contusões pareciam ter ficado mais escuras, como nuvens de tempestade em seu rosto.

—Quem é a mãe dela?

—Uma cortesã londrina chamada Georgette Chevalier, o nome real dela era Florie Mims. Ela foi minha amante por um tempo e morreu de pneumonia quando Bea tinha três meses.

—Quantos anos Bea tem?

—Seis anos em dois meses.

Suspeita e serenidade surgiram nos olhos dela.

—E a quanto tempo *nós* estamos casados?

—Não muito. Essa temporada.

Ela inspirou. Seu rosto perdeu um pouco da severidade. —Por um momento eu pensei que você gerou essa criança durante nosso casamento.

—Eu *nunca* trataria nosso casamento tão levemente.

Mesmo assim ele a perturbou com maior fervor que nunca depois que ela não teve nenhuma escolha além de se tornar sua esposa.

Essa Helena, entretanto, não se lembrava da sua idiotice passada. Sua mente estava focada unicamente no presente.

—Ela vive em sua... nossa casa, sua filha?

Seu coração bateu forte quando ela usou a palavra *nossa*.

—Ela vive em Easton Grange, minha... nossa casa em Kent.

Ela ficou em silêncio por um tempo, seus olhos o perfurando. Então perguntou —Você já pensou que criar uma filha ilegítima no mesmo teto que seus futuros herdeiros é altamente irregular?

A desaprovação implícita no seu tom o desconcertou, mas ele a olhou de volta diretamente.

—Sim. Mas eu sou seu pai e essa foi a forma que eu escolhi conduzir o seu crescimento, não a distância e sem diminuir o meu papel a um mero provedor de fundos.

—E não concordo com isso —ela declarou terminantemente. —Eu exijo que ela seja removida da minha casa.

O coração dele despencou. Ela estava pronta para conhecer Bea a apenas alguns dias. Ela mudou tanto assim com a perda da memória? E o que ele poderia dizer que não a afastasse e pusesse em perigo esse novo laço frágil entre eles?

—Eu entendo seu problema com isso —ele se ouviu dizer. —Mas eu não relegar minha filha aos cantos da minha existência apenas para satisfazer minha esposa.

Seu rosto era impassível como granito. Ele mal podia respirar. Se eles se chocassem nesse ponto... se ele se provasse tão obstinada como ela era capaz de ser...

Seus olhos se suavizaram.

—Bom. Sua ilegitimidade não é culpa dela.

Ele titubeou.

—Mas você...

—Eu estava te testando. —Ela deu um pequeno sorriso de desculpas, quase acanhado. —Você é um estranho, mesmo assim eu tenho que viver com você e, bem, ser sua esposa. Eu queria saber algo sobre o seu caráter nesse instante. Perdoe minha impaciência.

Ele respirou forte.

—Então eu passei.

—Lindamente.

Essa pode ser sido a primeira palavra de elogio sincera que ele já ouviu dela sobre ele.

Não era apenas um recomeço, era um novo mundo completo.

Ele virou de lado. Helena piscou. O perfil dele era perfeito. Mais que perfeito, o broche de camafeu deve ter sido inventado para que algum dia pudesse ser gravado com a silhueta dos seus traço.

—Eu gostaria de conhecer Bea na primeira oportunidade. —ela disse, para não ficar olhando para ele de boca aberta sem palavras.

Ele a olhou de volta.

—Eu te levarei para Easton Grange logo que você estiver bem o suficiente para viajar. E obrigado por ter interesse nela.

—Você não precisa me agradecer. Eu sou a madrastra dela, afinal de contas.

Ele sorriu, um sorriso caloroso e adorável.

—Então eu espero que você não se importe que eu tenha que ir ver Bea hoje.

Isso a surpreendeu.

—Fazer todo o caminho até Kent? É o aniversário dela?

—Não, mas ela me esperava na quarta-feira. Já é sexta.

—Por que não a trouxe até Londres?

—Coma mais —ele a lembrou. —Infelizmente Bea não sai de Easton Grange.

Ela cavou seu mingau. —Por que não?

—Porque ela não quer. —Ele deu um suspiro quase imperceptível. —E ela não é o tipo de criança que pode ser driblada com ofertas de doces e bonecas.

—Nem mesmo pela mulher que a está criando?

—Ela não te conhece ainda, você ia conhecê-la no dia do acidente.

—Entendo. —Helena supôs que fazia sentido que ela saísse de Londres só depois do fim da temporada, mas ela menos que impressionante que ela não tenha saído para conhecer a criança. Ela deveria ter se apresentado a Bea logo que ficou noiva do pai da menina, especialmente porque Bea não parecia ser o tipo de pessoa que se ajusta facilmente a mudanças. —Você está partindo agora?

—Não, eu estou detestando sair do seu lado. Provavelmente precisarem pedir a Fitz para me colocar para fora. Na verdade, eu provavelmente vou precisar que ele, Lexington e um laçao me empurrem dentro de uma carruagem e depois em um trem.

Quando ele contou a história de virar uma gelatina a primeira vez que a viu, ela respondeu severamente. Existia um antagonismo nela que refutava a ideia de se apaixonar tão facilmente por ele: Era a coisa mais esperada e

vantajosa a fazer, e ele não queria se entregar a ele simplesmente pelo bem da conveniência.

Mas dessa vez ela não conseguiu manter a mesma frieza. Ela deixou cair seu olhar na bandeja e comeu o resto do mingau sem falar.

A enfermeira do dia, Enfermeira Gardner, apareceu ao lado da empregada que veio levar as bandejas embora.

—Meu lorde, Srta. Redmayne pede que você não mantenha mais conversas depois do café da manhã da senhora. Mas eu posso ler para ela se você desejar, assim ela pode fechar os olhos e descansar.

—Mas não é nem meio dia. —Helena protestou. —E eu estive dormindo por três dias, não foi?

—Mesmo assim, é a ordem da doutora —disse a enfermeira.

Hastings se inclinou para examinar a pequena estante carregada de livros perto da janela.

—Você não precisa se preocupar. Eu não gosto particularmente de que alguém leia para mim, muito lento.

—Pense nisso como um luxo terapêutico, então: Geralmente consideram minha voz capaz de atrair unicórnios de suas florestas secretas.

Ela mal se lembrava de não levantar as sobrancelhas até a linha do cabelo.

—Estamos vaidosos, não é?

—Você costumava me dizer que eu tinha ar quente o suficiente para encher uma armada de dirigíveis. E quando eu contei que as pessoas achavam minha voz adorável o suficiente para rivalizar com um coro de anjos, você disse que esse bando de anjos em particular deviam estar cantando com suas extremidades traseiras.

Até que ela sentisse a pressão em seus pontos ela não percebeu que estava sorrindo. Sim, doía, mas ela não parou. A sensação de prazer e alegria foi tão inesperada quanto maravilhosa.

—Pronta para alguns sonetos da Sra. Browning? —Ele se sentou novamente e abriu o livro que recuperou. —'Como eu amo a vós? Deixe-me contar as maneiras.'

Capítulo 9

Helena percebeu, enquanto começou a cochilar, que Hastings não tinha uma boa voz, mas uma voz extraordinária: doce, maravilhosa, sutilmente poderosa, como um trovão retumbando a distância ou o ressoar de um mar longínquo.

Conforme ela balançava no limite do sono, ele se levantou e murmurou.

—Se você se lembrar de tudo antes de eu voltar...

Talvez o sono a pegou,; talvez ele nunca terminou a sentença; A próxima coisa que ela viu foi alguém a sacudindo de leve. Ela abriu os olhos um pouco grogue para o rosto lindo de Venetia.

—Olá, minha irmã querida —ela murmurou.

Venetia sorriu. Ela tinha um sorriso tão extraordinário quanto a voz de Hastings, mas que não conseguia disfarçar a preocupação.

—Desculpe te incomodar, querida. Mas fomos instruídos a te acordar de tempos em tempos, para ter certeza de que você só está dormindo.

Ela ajudou Helena a se sentar. Helena aceitou um copo de água e bebeu avidamente.

—Quanto tempo eu dormi?

—Cinco horas mais ou menos.

—Lorde Hastings já voltou?

Era estranho que nessa manhã a própria existência dele foi um choque para ela, mas agora ela queria saber o paradeiro dele.

—Não, sinto muito. Ele disse para não espera-lo antes do jantar. Você gostaria de comer algo? Você está em tempo de um almoço muito atrasado ou um chá da tarde muito adiantado.

—Mingau de novo?

—Já que você conseguiu manter seu café da manhã, Enfermeira Gardner disse que você pode comer calda e um pouco de pudim simples.

—Hmm, pudim. Eu estou sem palavras de tanta ansiedade.

Venetia sorriu de novo e abaixou para pegar o pudim.

—Você conseguiu descansar, Venetia?

—Eu fui me exercitar um pouco e saí para caminhar no parque com meu marido. Estou apenas grávida, não doente. Entretanto, eu me deitei por meia hora agora a pouco, já que ele me presenteou com um suborno irresistível.

Com grande pompa e circunstância, Venetia revelou o "suborno irresistível". O que Helena imaginava ser uma bugiganga bonita acabou não sendo nada do tipo, a menos que em sua perda de memória tenha se tornado moda entre as damas vestir garras de aparência sinistra como acessório em vestidos de verão de seda ou musselina.

—O que é isso?

—É um dente de um crocodilo pré-histórico. Esses animais tinham dentes enormes. Eles provavelmente podiam sair de suas casas pantanosas e abocanhar dois dinossauros menores com um copo de água.

—Nossa. E seu marido te deu isso como um suborno?

O rosto de Venetia caiu um pouco.

—Ah, eu esqueci que você não se lembra. Eu... nós, escavamos um esqueleto de dinossauro na costa de Devon no verão em que você tinha catorze anos.

—Um esqueleto inteiro?

—Oitenta e cinco por cento completo, eu diria.

A impotência de sua mente aborreceu Helena. Como ela podia não se lembrar de um evento tão marcante quanto encontrar um esqueleto de dinossauro quase completo no chão?

—Eu tenho fotos, se você quiser vê-las —disse Venetia hesitante. —Você está nas fotos, também.

Helena se obrigou a sorrir.

—Sim, claro. Eu adoraria vê-las.

Mas ver as fotos seria problemático, não seria, como se ela estivesse testemunhando outra pessoa viver a sua vida?

Ela mudou de assunto.

—Por falar nisso, onde estou? Eu posso dizer pelo cheiro no ar que estamos em Londres, mas essa é minha casa, sua ou...

—Essa é a casa de Fitz; ele a herdou junto com o título.

—Eu sempre pensei que o título iria para o nosso segundo primo, se o conde não tivesse um herdeiro por si mesmo.

—Todos nós pensamos, mas o Sr. Randolph Fitzhugh já estava bem velho e morreu antes do conde.

—Não tinha mais ninguém entre Fitz e o título?

—Sim, outro primo. Mas ele também não sobreviveu para virar conde.

—Nós temos algum primo que sobreviveu? —Helena tentou com um tom zombador, mas ela não conseguiu deixar de sentir um aperto de medo no

coração.

—Nossos primos Norris estão bem. Margaret se casou um oficial naval. Bobby é um oficial naval. E Sissy é uma missionária em Hong Kong.

Sissy que não conseguia parar quieta na igreja?

Uma semana atrás Helena saberia que Sissy tinha se tornado uma religiosa devota. Uma semana atrás ela seria capaz de dar descrições vívidas de um monstro da pré-história que Venetia escavou. Uma semana atrás a vida dela inteira estava em perfeita ordem: irmãos felizes, uma empresa próspera, e um marido devotado.

Ela comeu mais pudim, tentando se acalmar.

—E sobre nossos primos Carstairs?

A expressão de Venetia se tornou firme no mesmo momento.

—Não nos sobraram mais nenhum primo Carstairs.

—O quê? Mas tinham quatro deles!

—Infelizmente todos eles morreram no decorrer de dezoito meses. Lydia morreu no parto, Crespín de gripe, Jonathan de intoxicação por ostras estragadas, e Billy —Venetia fez uma careta de dor —Billy morreu por suas próprias mãos. Houve a fofoca que ele estava sofrendo de um caso avançado de sífilis.

O pudim ficou com gosto de lama; Helena abaixou sua colher. Ela foi apaixonada por Billy Carstairs, um jovem rabugento, mas amável, sempre guardando as sobras da mesa para dar aos animais abandonados da vila. E o resto dos Carstairs haviam sido um grupo barulhento, amoroso e divertido, o mais novo nascera no mesmo dia que ela.

Todos mortos, todos se foram, deixam para trás apenas uma fileira de lápides no cemitério de uma paróquia.

Ela segurou forte a mão de Venetia.

—Estou tão feliz de você ainda estar aqui, e Fitz também. Se eu tivesse acordado para descobrir que todos vocês se foram...

Ela não conseguiu continuar.

—Agora você sabe como nos sentimos, querida. —Venetia beijou as costas da mão de Helena. —E você pode ter uma ideia mínima do quanto ficamos felizes de ter você de volta. Não se preocupe sobre suas memórias antigas. Nós faremos novas. Todos nós juntos agora e essa é a única coisa que importa.

Hastings vacilava entre uma euforia descontrolada e um medo selvagem.

Helena gostou dele. Ela genuinamente gostou dele. Foi como se ele tivesse

olhado para o seu altar solitário no Saara e descobrisse que estava chovendo. Mal um chuvisco, para falar a verdade, mas ainda assim uma precipitação real, quando não havia nada além de um céu em chamas e areia seca por séculos e séculos.

No entanto pelo tempo que ele passou ao seu lado...

Uma coisa era nunca ter visto uma gota de chuva, outra bem diferente era sentir o salpico de água fria e doce em seu rosto, e então essa experiência ser negada para sempre de novo.

Se ele apenas pudesse ter ficado com ela, sugando cada pedacinho da sua atenção tão amável. E se ele apenas pudesse deixar esse momento para correr de volta para o seu lado. Mas ele estava sobre um joelho diante do baú de Bea e provavelmente ficaria por bastante tempo.

—Eu sei que eu não vim quando eu disse que viria e eu sinto muito por isso. —ele repetiu pela centésima vez. —Mas eu não pude, entenda. A Srta. Fitzhugh, Lady Hastings, minha esposa, sua nova mãe, ficou doente e eu não sabia se ela viveria ou morreria. Não podia deixá-la.

Sem resposta. Bea não tinha um caso tão grave de baú por pelo menos seis meses. Mas então de novo, por mais que ele tenha sido rigorosamente cauteloso em relação ao seu cronograma.

—Se você está tão machucada, você quer que eu fique com você, não é, Bea? Você não quer que eu vá e visite outra pessoa.

Ainda sem resposta.

Ele suspirou. Ele não tinha ideia de quanto tempo estavam assim. Havia agora três telegramas de Fitz em seu bolso, ele pediu para Fitz o avisasse de hora em hora de como estava Helena. Pelo menos ela não teve uma hemorragia. Ele abaixou para ficar sentado, com suas costas encostadas do lado do baú.

—Quer que eu leia um livro para você? Uma de nossas histórias?

—Eu estou muito machucada. —surgiu sua vozinha irritada.

Foi a primeira coisa que ela disse para ele desde que ele chegou. Ele sorriu pesarosamente, mas também aliviado.

—Onde você está machucada, bonequinha?

O baú tinha uma pequena porta no fundo. Ela se abriu e de lá saiu um pé pequeno e magro. Ele o pegou na mão, virando de um lado e depois para o outro.

—Ouça —ela disse.

—Ah, claro. Com licença um momento. —Ele buscou o estetoscópio de

seu quarto, voltou para o quarto da criança, e esfregou a mão no diafragma para deixar menos frio. Ele colocou as olivas nos ouvidos. Bea, que levava seu diagnóstico médico a sério, podia ver o lado de fora pelos buracos de ar que tinha nos lados do baú —e escutou o pé dela.

—Seu sangue parece esta bombeando devagar e isso nunca é bom para uma das extremidades, pode causar atrofia. Na minha opinião, querida Bea, você deveria caminhar. Exercícios fortalecem os músculos e podem fazer seu pé melhorar rapidamente.

Ela não disse nada.

—Eu irei caminhar contigo, claro.

Um longo silêncio.

—E a ceia?

—Eu ficarei para a ceia. E lerei uma história para você na cama, também. Agora você vai sair? Ou pelo menos me diga que horas você vai sair.

Outro longo silêncio.

—Quatro.

Faltava apenas alguns minutos para as três, mas pelo menos era algo pelo que esperar. Ele murmurou um agradecimento silencioso.

—Sir Hardshell?

—Claro, bonequinha.

Sir Hardshell era a tartaruga de estimação de Bea e uma das maiores dores de cabeça de Hastings. Ninguém sabia exatamente a idade dela, exceto que estava em Easton Grange desde que a propriedade tinha sido construída seis anos atrás, logo antes da aquisição pelo tio de Hastings. E antes disso, Sir Hardshell serviu de mascote de navio por pelo menos uns trinta anos para vários mercantes marinhos.

Hastings só podia rezar para que Sir Hardshell vivesse até uma idade lendária. Bea não lidava bem com mudanças, e não existia uma mudança mais permanente do que a morte. Ele fez um espetáculo escutando o coração da tartaruga e vários de seus órgãos.

—Ele soa velho, bonequinha, ancião. Uns cento e vinte anos, pelo menos. Você tem que se preparar para a possibilidade de ele não estar aqui no próximo inverno.

Bea não deu nenhuma resposta. Ele inspirou —pelo menos Sir Harshell estava vivo até hoje. Ele colocou a tartaruga no chão para vaguear pelos bordas do quarto.

—Devo pedir um pouco de chá e biscoitos para você, Bea? E ler para você

nesse meio tempo?

—Sim. —ela disse. —Sim, papai.

Ele sempre se derretia por dentro quando ela o chamava de papai. Ele tocou a campainha para pedir o chá, se sentou de novo próximo ao baú e fechou os olhos por um momento —cheio de exaustão e felicidade —antes de abrir o livro de história que ele fez a mão para ela.

—Devo começar com a sua favorita, aquela sobre o aniversário de Nanette?

O relógio marcou dez horas.

Marcando pelo menos quinze minutos do beijo sem fim de Fitz e Millie.

Helena não pretendia espiar. Próximo de nove e meia, depois de ela falar com seu irmão e sua cunhada por um tempo, ela cochilou. Quando ouviu o próximo quarto de hora badalar no relógio, ela se forçou a acordar, não quero dormir muito e nem muito cedo e então ficar acordada durante a noite.

Também não queria perder Hastings. Ele mandou uma mensagem antes de sair de Kent para dizer que estava a caminho, e ela sentiu um pequeno alvoroço de ansiedade quando ela soube da novidade.

Mas quando ela abriu os olhos, viu Fitz e Millie ocupados em um abraço apaixonado, as mãos de Fitz estavam no cabelo da esposa, uma das mãos de Millie na nuca de seu marido, a outra em algum lugar muito baixo para Helena ver da posição que estava.

A coisa mais cortês a se fazer, Helena decidiu, era fechar os olhos e deixar com que eles terminassem o beijo antes de demonstrar que estava acordada de novo. Mas aparentemente não existia isso de terminar um beijo, do jeito que os dois estavam.

Ela estava mortificada, os sons que eles faziam era altos e ela nunca mais seria capaz de olhar os dois nos olhos de novo. Mas ao mesmo tempo, ela estava...

Ela não se importaria de fazer parte de um beijo tão caloroso como esse.

Como seria segurar nas curvas suaves de Hastings? Ter ser lábios nos dela? E ouvi-lo emitir esses sons involuntários de desejo e prazer?

Uma batida suave se ouviu da porta. Pelo menos, Fitz e Millie se separaram. Então surgiram risadinhas baixas e palavras sussurradas conforme eles tentavam fazer o cabelo de Millie parecer menos bagunçado.

A batida se ouviu de novo, levemente mais alta.

Novamente risadinhas e sussurros, seguidos por Fitz limpando sua

garganta.

—Entre.

A porta abriu.

—Me desculpe —disse Hastings. —Vocês já estavam dormindo?

A voz dele, podia não ser capaz de fazer com que os unicórnios saíssem de suas florestas secretas, mas podia fazer versos muito ruins soarem quase como uma obra prima de Byron. E a pergunta foi bastante esperta, dando a Fitz e Millie uma desculpa fácil para a demora em responder a porta.

—Nós cochilamos um pouquinho. —respondeu Millie.

Helena ficou abismada com o quanto Millie parecia sincera. Sua cunhada era mais complexa que Helena poderia ter adivinhado só de olhar para o seu jeito doce e seu comportamento discreto.

—Você está atrasado. —disse Fitz. —Bea não estava contente com você, acertei?

—Me levou horas para persuadi-la a sair do baú. Como está Helena?

—Melhor. Ela quer que lhe sirvam bife amanhã.

—Achei que ela não gostasse de bife.

Ela não gostava?

—Nós vamos deixa-la descobrir por si mesma se ela se sente da mesma maneira. —disse Fitz. —Sobre bifos... e outras coisas.

Que outras coisas? Helena decidiu que era hora de entrar na conversa. Ela fez um grunhido suave e sonolento.

—Ela ainda está acordada? —perguntou Hastings.

—Ela estava adormecida antes. Talvez nós a incomodamos conversando aqui.

Helena produziu outro pequeno grunhido e lentamente abriu seus olhos. Hastings deu um passo em sua direção.

—Nós a acordamos, Helena?

Suas palavras eram suaves, mas sua mandíbula estava tensa. Na verdade, ele inteiro estava tenso, como se estivesse prestes a entrar em uma batalha que era impossível vencer.

—Você está de volta. —ela murmurou.

Ela deve ter dito algo reconfortante, porque instantaneamente a tensão em seu rosto foi substituída por um olhar de alívio indescritível. Ele sorriu.

—Sim, estou de volta.

—Eu não lembrei de você. —ela se sentiu obrigada a observar.

Ele tocou a ponta dos dedos na borda da cama, um gesto espantosamente

íntimo mesmo que ele não tenha feito nada sugestivo.

—Isso não diminui a minha alegria em ver você de novo, minha querida.

Fitz limpou a garganta. Se Helena não tivesse seus pontos na cabeça, ela teria levantado uma sobrancelha mais alto que os batalhões da Torre de Londres. Ela não conseguia ver por que um homem que beijava a esposa como um homem morrendo de fome devorando uma fatia de pão fresco deveria interferir quando outro homem se encontra com sua própria esposa do jeito mais decoroso.

—Você já comeu, David? —Fitz perguntou.

—Sim, obrigado. —Hastings se virou para Fitz. —Onde está a enfermeira da noite?

—Nós falamos para ela levantar e esticar as pernas. Ela ficou sentada nessa cadeira por horas. —disse Millie.

Hastings acenou.

—Entendo.

—Fitz, Millie, por que vocês dois não vão descansar? —disse Helena. *Ou podem ficar acordados metade da noite fazendo indecências barulhentas, se vocês preferirem.* —Lorde Hastings pode ficar comigo até a enfermeira noturna voltar.

Vários olhares foram trocados entre Fitz, Millie e Hastings após sua sugestão. Helena estava vagamente desconcertada. Por que todo mundo sempre ficava surpreso sempre que ela queria um momento de privacidade com seu marido?

—Bem, então, David, nós deixaremos a segurança e o bem estar dela nas suas capazes mãos —consentiu Fitz.

Fitz e Millie beijaram Helena na bochecha boa antes de murmurarem boa noite. Hastings fechou a porta suavemente atrás deles.

—Como você está, minha querida?

—Muito, muito melhor. Sem mais problemas abdominais, apenas um náusea fraca e... —Ela esqueceu o que estava dizendo por um momento enquanto ele seguiu para o pé da cama. Seus longos dedos traçando o segmento pontiagudo da cabeceira mais próxima a ele, dedos esses, que levando em conta que eram recém casados, devem ter traçado as curvas do seu corpo livremente apenas alguns dias atrás.

—E o quê? —ele incentivou.

—E...a dor de cabeça está mais tolerável.

—Excelente. —Ele espalhou seus dedos pela cabeceira. Ela engoliu em

seco. —Minhas desculpas por ter te acordado. Eu queria ter voltado mais cedo, mas Bea não queria sair do seu baú.

Ele mencionou o baú mais cedo, para Fitz e Millie.

—Que baú?

—Ela tem um baú que ela entra quando está chateada.

Tardiamente ela percebeu que ele parecia diferente: Ele colocou pomada no cabelo o suficiente para apenas o final continuar ondulado. A pomada também fez com que o cabelo dele parecesse mais escuro, mais castanho que loiro.

—Ela fica asfixiada dentro?

—Eu fiz buracos nos lados do baú. E também tem uma abertura pequena no fundo onde uma mão pode pegar chá e biscoitos.

Um criança ímpar. Helena não podia pensar nada pior do que se trancar dentro de um baú.

—Ela não se parece com outras crianças, não é?

—Nenhuma criança é igual a outra, mas ela tem essa falta de instintos e habilidades que a fariam remotamente parecida com outras crianças. —Ele suspirou de leve. —Entre mim e você, eu não tenho ideia se estou fazendo certo esperando do lado do baú e persuadindo-a a sair. Meu tio teria queimado o baú, forçando-a a acender o fósforo, nada menos que isso.

Ela não sabia porque achou sua incerteza tão atrativa. Ela supôs que gostava de um homem que era humilde o suficiente para questionar suas decisões e corajoso o suficiente para admitir.

—Ela está genuinamente chateada quando entra no baú?

—Sim.

—Então você não está fazendo nada errado sendo paciente e gentil.

Ele sorriu para ela novamente, um sorriso cansado e feliz. E ela sentiu como se tivessem puxado o seu coração. Ela deslizou os dedos para o topo da cabeceira da cama.

—Eu nunca tive um baú. Não conseguia tolerar estar dentro de um nem para brincar de esconder. Mas nós tínhamos uma árvore muito alta em Hampton House. Quando eu ficava particularmente irritada por alguma razão, eu subia no galho mais alto e então ficava lá, sem saber como voltar para o chão. Meu pai tinha uma escada feita especialmente para me buscar. Ele casou bem tarde e tinha quarenta e cinco anos quando eu e Fitz nascemos. Então ele tinha pelo menos uns cinquenta quando eu desenvolvi minha habilidade de escalada zangada. Mas ele sempre vinha por si mesmo, ao

invés de enviar um servo, e algumas das memórias de infância mais felizes consistem em ser carregada nas suas costas enquanto ele descia a longa escada.

Ele a olhou firmemente enquanto ela contava a história, mas agora que ela estava em silêncio, ela achava mais difícil segurar seu olhar.

—Você provavelmente já conhece essa história. —ela disse, para ter algo para dizer.

—Não, essa foi a primeira vez que eu ouvi. —ele respondeu, soando feliz. —Você acha que algum dia Bea falará sobre o baú e seu pai paciente para alguém?

—Ela deveria. Eu iria.

O elogio pareceu muito caloroso, tão caloroso que suas bochechas ficaram quentes. O jeito que ele a olhou, ela teve certeza que ele sentiu a temperatura ambiente aumentar. Ela direcionou o assunto para algo menos caloroso.

—O que você fez com seu cabelo? Eu não gosto muito desse jeito.

A sobancelhas dele se uniram.

—Como *você* prefere?

—Eu prefiro as ondas.

Ele a olhou como se ela tivesse dito que o preferia com três olhos. —Você costumava caçoar delas. Você me disse que se Bo Peep tivesse um filho com a sua ovelha ele teria o cabelo como o meu.

Ela explodiu em risadas e arfou com a dor que surgiu do seu couro cabeludo. —Você não está inventando, está? Eu realmente disse isso?

—Às vezes você me chamava de Galdilocks.

Ela se lembrou de não ri de novo.

—E você casou comigo? Eu pareço um tipo de garota muito odiosa.

—Eu era um tipo de garoto muito odioso, então você pode dizer que nós estamos empatados.

Ela não sabia o suficiente para comentar sobre isso, mas quando ele estava perto, ela ficava... mais feliz.

Nenhum deles disse nada por algum tempo. O silêncio começava a ficar estranho até que ele olhou para a porta e perguntou, —Fitz e sua esposa não estavam cochilando de verdade, estavam?

Esse parecia ser um assunto muito mais seguro. Ela se agarrou a isso.

—Não, eles estavam se beijando como se não houvesse amanhã.

Ele deu um grande sorriso.

—E você estava espiando como se não houvesse amanhã?

Se ela apenas pudesse lançar a cabeça para trás.

—Você tem que saber que quando eu percebi o que eles estavam fazendo, eu fechei meus olhos firmemente. Eles deveriam ter se assegurado que eu estava dormindo de verdade antes de se apalparem.

—Provavelmente era tudo que eles podiam fazer para despachar a enfermeira para qualquer lugar. —Ele olhou em direção a cabeceira, onde os dedos dele sondaram a profundidade das ranhuras em espiral. —Quando alguém tem beijos em mente, é difícil pensar em outras coisas.

O homem estava fazendo algo com ela. Apesar de sua fraqueza e desconforto do acidente, e apesar do fato de que apenas horas atrás ela não tinha ideia de quem ele era, ela se sentia agitada.

—Nós costumávamos nos beijar desse jeito?

Com certeza ela não quis fazer uma pergunta dessas. Mas aí estava, pairando brilhante e sem vergonha sobre eles.

Os dedos dele se acalmaram. —Ocasionalmente.

Ela mordeu o interior do seu lábio inferior.

—Só ocasionalmente?

Ele a olhou com desconfiança, um meio sorriso em seus lábios.

—Quão frequentemente você recomendaria que fizéssemos isso?

Ela não tinha escolha a não ser descarada.

—Tão frequentemente quanto queiramos, claro.

Se não fosse a hora da noite ela poderia não ter ouvido sua respiração ser interrompida, ou a instabilidade subsequente com que ele expirou. Seu estômago ficou quente.

—Nesse caso, nós fazíamos tão frequentemente quanto você queria. —A mão dele estava novamente na borda da cama, seus dedos passavam pelos lençóis de linho. —E você gostava muito, muito mesmo, se eu posso acrescentar.

O mesmo calor agora estava por todo lugar dentro dela.

—Eu supostamente tenho que acreditar na sua palavra sobre isso?

Ele deu um passo para mais perto, seus olhos tinham a cor de um céu limpo.

—Você pode ter uma demonstração se você não acredita em mim?

Uma batida surgiu na porta, a despertando.

—Deve... deve ser a enfermeira.

—Droga! —ele disse, com um toque de lamento em seu sorriso. —Tanta coragem, tão pouca chance de prova-la.

—Talvez quando você tiver o cabelo ondulado de novo.

—Talvez eu faça você me beijar primeiro e prove a sua sinceridade, —ele disse enquanto andou em direção a porta —mas antes eu pararei de passar pomada no cabelo.

Depois que a enfermeira se sentou, ele não saiu, mas se sentou na mesma cadeira que ocupou de manhã quando leu os sonetos da Sra. Browning.

—Meu lorde, a senhora precisa descansar. —a enfermeira o lembrou.

—Sim, claro, boa enfermeira. Eu não vou incomodar Lady Hastings, apenas sentar aqui quieto.

Helena ficou feliz e surpresa.

—Você não prefere dormir em uma boa cama?

Ela balançou a cabeça firmemente.

—Eu estive longe de você o bastante por hoje.

O coração dela bateu rápido.

—Vai ser desconfortável.

Ele pegou a sua mão e deu um beijo no centro.

—O que é um pequeno desconforto comparado com a alegria de estar perto de você? Agora durma, minha querida; você ainda tem muito que descansar.

Não levou muito tempo para que ela voltasse a dormir. Hastings permaneceu acordado por muito mais tempo, saboreando cada momento junto dela.

Parecia um sonho poder se sentar ao lado dela por horas a fio. A doce intimidade de vê-la cair no sono era um privilégio que ele nunca esperou, nem mesmo quando escrevia históricas fictícias sobre os dois. E conversar como eles fizeram, trocas que significavam algo, era um completo mundo novo.

Ele não soube quando dormiu, mas faltava apenas um pouco para as quatro da manhã quando ele despertou de repente com um medo feroz em seu coração. Ele imediatamente olhou para ela. Na luz muda que vinha da arandela coberta, ela estava deitada sobre as costas, seu peito subindo e descendo com uma cadência reconfortante. Ele deixou escapar um suspiro de alívio e só então viu que seus olhos estavam abertos e uma linha de lágrimas brilhavam em sua têmpora.

Ele tocou a mão dela.

—Qual o problema? —ele sussurrou, não querendo interromper o ronco

suave da enfermeira noturna.

—Nada. —Helena limpou suas lágrimas, fazendo uma expressão de dor quando seus dedos tocaram a pele ainda ferida. —Estou apenas sendo sentimental.

—Posso perguntar pelo que ou por quem?

Ela inspirou vacilante.

—Meus primos Carstairs. Você os conhece?

—Sim. Eu fui a muitos dos funerais deles.

Outra lágrima rolou pela sua têmpora até o cabelo.

—Eu não posso acreditar que todos se foram, especialmente Billy.

Os olhos dele se alargaram.

Ela, encarando o teto, não percebeu sua reação.

—Ele era provavelmente o favorito do meu pai de todos os meus primos. E meu também. Ele era tão bondoso com os animais, eles o amavam, todos. E o jeito que ele morreu foi tão horrível, não consigo evitar de sentir o meu coração partido por ele. O que é bobo, claro, já que eu já devo ter derramado baldes de lágrimas antes.

—Você não derramou nenhuma lágrima por ele. —ele disse.

Os lábios dela tremeram.

—Eu provavelmente não deixei que você me visse chorar, já que não éramos casados na época.

—Você não foi ao funeral dele, Helena.

Ela parou de chorar.

—O quê? Eu estava doente?

—Não, você estava perfeitamente bem. Você não foi porque você detestava o Billy.

Ela se levantou um pouco para que suas costas encostassem na cabeceira da cama.

—Isso é impossível. Eu adorava o Billy. Você tinha que ver como ele era fofo com meu filhotinho, e até animais abandonados.

Ele conseguiu ver como ela resistia a ideia. E ele, ah... sempre conseguia fazer com que ela resistisse a ideias ainda mais. Mas ele não tinha escolha a não ser continuar.

—Billy era bom com filhotinhos, mas ele era detestável com mulheres. Ele estuprou cinco mulheres no trabalho. Toda vez era abafado, mas todo mundo sabia. Quando ele morreu, não tinha nenhuma mulher trabalhando na casa dos Carstairs.

Ela o encarou de boca aberta.

—Você não quis acreditar na primeira vez também. Você só mudou de ideia quando tinha dezoito anos e foi até ele impedi-lo de violar uma empregada de catorze anos. Se você não acreditar em mim, eu entendo.

Ela balançou a cabeça mais forte do que deveria.

—Não, não, você me entendeu mal. Claro que eu acredito em você.

Dessa vez ele a encarou, incrédulo e estático. Ela aceitou sua palavra. Confiou nele. Nada assim tinha acontecido antes.

—Você não tem motivo para falar mal dos mortos. —Ela continuou, os dedos de sua outra mão flexionavam sem parar. —E seria uma vantagem para você, na verdade, dizer alguma coisa boa enquanto eu chorava por ele. Eu apenas estou sem palavras pelo quanto que eu estava errada. Meu pai morreu quando Billy tinha doze anos, então ele pode ser perdoado por não ter percebido que tipo monstro Billy se tornaria. Mas onde eu estava pelos próximos anos? Não deveria ter levado tanto tempo para eu ver a verdade e até agora eu pensava que era tão inteligente sobre tudo.

—Você é inteligente sobre tudo. —ele disse a ela. —Inteligente, exigente e astuta. Mas também há uma camada de sentimentalismo em você. Você não se apega facilmente. Mas quando você se apega, você ama com uma grande intensidade e você perdoa as falhas e fraquezas.

Ela pareceu surpresa pela forma como ele a defendeu, então agradecida, então envergonhada.

—Você não está falando de você mesmo, não é? Você parece um homem cheio de falhas e fraquezas. —ela disse, com seu tom meio zombador.

—Eu posso ser, mas você nunca perdoou nenhuma única falha minha, para meu desapontamento.

Ela olhou para outro lado por um momento, seus dedos agarrando e soltando os lençóis.

—Bem, pelo menos isso deu um final para minha choradeira boba.

Ele foi para frente e colocou a mão sobre as dela.

—Por que você não volta a dormir? Você precisa descansar.

Ela o olhou de lado, mas não disse nada.

—O que foi? —ele perguntou.

Ela apenas sorriu com os olhos, ou talvez deu um sorriso de lado.

O batimento cardíaco dele se acelerou.

—Você está pensando em alguma coisa.

—Talvez eu esteja.

—Me diga.

Sua mão ainda cobria a dela. Mas agora ela virou a mão para que seu polegar desenhar uma linha lentamente até o centro da sua mão. Ele conteve a respiração; um calor percorreu seu braço.

—Aquela demonstração que você ofereceu...Eu aceito. —Os olhos dela se tornaram ainda mais travesso. —Mas não ainda. Você deve esperar um pouco mais.

—Sério? —ele disse.

Ele se levantou do acento, colocou os braços um de cada lado dela e diminuiu a distância entre seus lábios até sobrar apenas um centímetro restante.

Ela ficou surpresa e animada. Mesmo na penumbra ele pode ver as pupilas dela dilatando. Ela lambeu os lábios; os dedos dele agarram os travesseiros. As respirações agitadas deles se encontraram, e tudo que ele tinha que fazer era abaixar a cabeça um pouquinho mais.

Ele levantou, se sentou de novo e deu um sorriso tão travesso quanto o dela.

—Você está certa, não ainda. Você deve esperar um pouco mais, minha querida.

Na manhã seguinte, Helena examinou sua cabeça, se perguntando se Hastings a teria beijado a noite passada se ela tivesse apenas uma nuvem suave de cabelo ondulado espalhado pelo travesseiro, o visual equivalente ao canto de uma sereia. —Acredito que posso declarar com grande autoridade que eu preferia não ser careca, —ela disse pesarosamente.

Ela estava cercada de mulheres: a enfermeira diurna, esperando para colocar novas bandagens em sua cabeça; Venetia segurando o espelho; e Millie, com um dedo na bochecha.

—Você não está completamente careca. —apontou Millie. —Seu cabelo já está crescendo de volta.

—Esqueça o cabelo. —disse Venetia. —Aquela ferradura poderia ter te arrancado um olho; pelo menos cabelo cresce de novo.

Helena suspirou. Isso era verdade.

—Sem mencionar que eu não consigo me lembrar nada sobre o seu dino...

Em sua mente surgiu um turbilhão de imagens de um verão quente, com o ar tocando a pele de sua nuca, alternando com as brisas salgadas e frias da costa. Ela estava sentada sob uma árvore com um livro na mão —Morro dos

Ventos Uivantes, para ser exata —não era? E Venetia gritou de algum lugar atrás dela, *Fitz, Helena, venham ver o que eu achei.*

—Eu lembro. —ela disse suavemente, não querendo espantar as novas memórias que retornaram. —Eu *lembro*. Era enorme, seu fóssil. Nós trabalhamos nele por uma hora até que decidíssemos que três de nós não ia dar certo. Fitz sugeriu pedir ajuda para o povoado, então nós pedimos. E cada homem com mais de cinco anos se voluntariou.

Venetia a encarou por alguns segundos. Então gritou e abraçou forte Millie da forma que não ela podia abraçar Helena.

—Foi exatamente o que aconteceu. Você se lembra! Sim, sim!

Ela deixou de apertar Millie, riu e abriu ainda mais seus olhos ao mesmo tempo.

—Bem, na verdade, não foi exatamente o que acontecer. Não tinham homens de cinco anos de idade me seguindo. Sete anos, talvez, mas cinco anos não.

Helena riu também, e não se importou do desconforto que causou.

—Talvez não *cinco* anos de idade, mas tinha um menino que não deveria ter mais de quatro, e pelo restante da escavação ele ficou a quinze centímetros de você, te encarando. —Ela se virou para Millie. —Você acha que Venetia é bonita agora, mas isso não é nada comparado a sua versão de dezesseis anos. Ela costumava amontoar as ruas de espectadores.

Venetia deu um grande sorriso.

—Espere até eu dizer a Lexington que negócio terrível ele conseguiu, com a minha versão velha e feia, ao invés da jovem e bonita.

Ela não precisou achar seu marido. A porta abriu e ele estava ali.

—Você está bem, Duquesa? Ouvi você gritar.

Venetia foi para ele e agarrou seu braço.

—Estou perfeitamente bem. Helena se lembrou da nossa escavação.

—O *cetiossauro*? —se entusiasmou Lexington, colocando sua mão sobre a de sua esposa. —Excelente. Foi o quê? Seis meses depois do que ela já conseguia se lembrar?

—Pelo menos sete. —Venetia o corrigiu.

Fitz e Hastings se juntaram a Lexington na porta, que estava começando a ficar cheia.

—O que é esse alvoroço?

—Eu lembrei do dinossauro de Venetia. —Helena anunciou, se sentindo orgulhosa como se fosse a primeira vez que ela leu um livro inteiro sozinha.

—Graças aos *céus*! —exclamou Fitz. —Isso é uma notícia maravilhosa.

A atenção de Helena se voltou a Hastings, cujo cabelo ainda estava molhado do banho. Ele sorria também, mas tinha uma insinceridade no sorriso.

—Venetia achou o dinossauro só algumas semanas antes de eu visitar Hampton House pela primeira vez. Você também se lembra disso?

A alegria de Helena se dissolveu um pouco.

—Não, não isso. Pelo menos, não ainda.

Hastings suspirou.

—Acredito que vai acontecer em algum momento, então.

A reação dele a confundiu. Juntando o alívio dele da noite anterior por ela ainda não se lembrar de nada, e sua indiferença geral pelos anos que eles compartilharam juntos, poderia se dizer que ele não estava particularmente animado com a perspectiva de sua memória voltar.

—Minha senhora, —disse a enfermeira Gardner —nós temos que colocar suas novas bandagens.

Só então Helena se lembrou de sua cabeça careca.

—Cavalheiros, vocês se importam?

Eles murmuraram desculpas e saíram. Hastings olhou para ela, com o olhar temeroso, como se ela não estivesse melhorando, mas sim piorando, e qualquer momento poderia ser o último deles.

Era só uma questão de tempo.

Hastings estava sentado ao lado de sua cama, a cabeça entre as mãos. Ele sabia disso. Ele sabia disso o tempo todo. Mas ele esperava por um pouco mais de tempo, um pouco mais desse milagre.

—Vejo que você sabiamente decidiu não esconder suas ondas do meu olhar atento. —ela disse, o surpreendendo.

Ele se ajeitou na cadeira.

—Você está acordada.

—Estou já faz algum tempo.

Ele a ajudou a sentar e a alcançar seu almoço.

—Admirando meu cabelo nascido do cruzamento entre um Golden Retriever e um Poodle Francês?

Um lado da boca dela se ergueu.

—Eu estou arrebatada pela beleza dessas ondas.

Provavelmente ela não flertaria se eles não estivesse sozinhos. Mas a

enfermeira diurna foi usar o lavatório. Ele voltou para seu assento.

—Arrebatada, é?

—Sim. Mas eu me sentiria ainda mais arrebatada se eu não estivesse me perguntando por que você parece tão abatido.

Naturalmente que ela notaria. Não foi ele mesmo que disse a ela, há apenas algumas horas atrás, que ela era inteligente, exigente e astuta? E ele não foi exatamente sutil em suas reações que ricocheteavam de cheio de esperança e de volta novamente a confusão sucessivamente.

Ele passou a mão pelo cabelo.

—Desculpe. Eu não quis distraí-la da pura alegria que é a minha beleza.

Ela o examinou por um momento. Os machucados no seu rosto estavam desaparecendo rapidamente; em alguns dias estariam apenas umas fracas manchas de descoloração. E seus olhos, seu olhar era intenso e empático. Ele já a viu olhar para outras pessoas assim, mas nunca a ele.

—Por que você não quer que eu recupere a minha memória?

A franqueza da sua pergunta o fez transpirar. Mas ele a olhou nos olhos e respondeu sinceramente.

—Eu quero que você recupere a sua memória. Você fez muitos amigos e viveu uma vida interessante e realizada. Seria uma vergonha se você não pudesse olhar para traz e ver o caminho que você trilhou por si mesma.

Ela considerou sua resposta por um momento.

—Mas?

Ela estava pronta para verdade completa? Ele estava?

—Você se lembra que eu contei sobre derreter como uma gelatina da primeira vez em que te vi?

Ela sorriu levemente.

—Sim.

—Meus sentimentos não foram recíprocos. Você deu uma olhada em mim e voltou para os seus livros. Você não é do tipo de garota que se apaixona fácil, sem mencionar que eu era quinze centímetros mais baixo que você. Eu, por outro lado...

Ele declarou seu amor repetidamente quando ela estava em coma. Mas se ele pronunciasse aquelas palavras agora, com ela perfeitamente acordada e lúcida, ele nunca seria capaz de colocar esse sentimento de lado. E ela sempre saberia.

Ele brincou com a borda da cama, sem olhar para ela.

—Eu, por outro lado, me apaixonei loucamente. E quando eu percebi que

era invisível para você, resolvi ganhar sua atenção de qualquer jeito possível.

—O que você fez? —Seu tom era divertido, até mesmo carinhoso.

—Na verdade, a melhor pergunta seria, o que eu não fiz? —Ele levantou o rosto. —Uma semana depois que nos conhecemos eu tentei beliscar o seu traseiro.

Ela o encarou, meio ultrajada e meio risonha.

—De verdade?

—Minha única defesa é que não foi para que eu sentisse nada, as mulheres usavam umas armações enormes naquela época. Tudo que eu queria era que você me notasse.

—Eu te bati?

—Um grande e merecido soco na cara. Eu andei por aí com um olho escuro por uma semana e foi um pouco triste quando sumiu completamente.

Os lábios dela tremeram com um riso contido.

—Minha nossa, tão romântico.

—Você acha engraçado agora. Mas imagina se você recuperasse sua memória mais algumas semanas até incluir minha primeira visita à Hampton House. Você me acharia uma grande melega desprezível.

—E tudo que você tem que fazer é me provar que você não é. —Ela ergueu a mão e pegou uma mecha do cabelo dele. —Simples assim.

Ela gentilmente puxou uma onda e a soltou.

—É tão flexível.

Ele mal falou a verdade, mas ela estava satisfeita e distraída. Pelo cabelo dele, acima das outras coisas.

—Me sinto como uma ovelha sendo inspecionada para a tosquia da primavera. —ele murmurou.

—Sim, adoravelmente fofinho.

Em outro momento ele poderia ter protestado pelo uso do adjetivo. Mas agora ele estava muito aliviado.

—Você gostaria que eu colocasse minha cadeira mais perto, para que você possa afofar meu cabelo mais facilmente? —ele perguntou.

Ela lhe deu um grande sorriso. —Sim, eu gostaria exatamente disso.

Quando chegou a noite ela pediu a ele para ler Alice no País das Maravilhas. O que ele obedeceu feliz, reprisando sua performance anterior, com vozes distintas e sotaques para os personagens. Ele foi tão bem que a Enfermeira Jennings, a enfermeira noturna, bateu palmas no fim do capítulo.

Helena a acompanhou no aplauso.

—Bravo! Bravo! E você já leu o livro para mim antes, não? Eu tinha a impressão que não foi a primeira vez que ouvi o ronronado do Gato de Cheshire desse jeito.

—Não, a única vez que eu li esse livro para você foi quando você estava inconsciente.

Ela pareceu incrédula.

—Eu não acho que possa lembrar de coisas daqueles três dias, não é? Mesmo assim eu tive essa impressão de ter ouvido você ler de um jeito similar.

Será que ela estava começando a se lembrar outra vez? E o quanto ela se lembraria agora? Seus dedos seguraram as páginas mais forte.

—Eu não sei o que dizer a você.

Ela puxou seus lábios resignadamente.

—Eu devo estar imaginando coisas, apesar de eu jurar que não.

Ele olhou para o livro.

—Você gostaria que eu lesse outro capítulo?

Ela pensou em sua escolha.

—Enfermeira Jennings, você se importa de tomar um pouco de ar fresco agora?

Não foi preciso perguntar duas vezes à enfermeira.

—Eu adoraria. Obrigada, minha senhora.

Hastings segurou a respiração. Helena queria falar com ele em particular. Será que ela lembrou de algo crucial?

A porta se fechou atrás da Enfermeira Jennings. Helena se virou na direção de Hastings.

—Devo ter ficado totalmente distraída pelas suas ondas arrebatadoras mais cedo. Quanto mais eu penso nisso, mais fico confusa. Por que você ficaria nervoso pela volta da minha memória se o pior que você já fez foi colocar a sua mão no meu bumbum?

Então ela não recuperou mais da memória, pelo menos não ainda.

—Bem, vamos ver. Quando eu visitei a sua casa no verão seguinte, eu cresci uns cinco centímetros, e você também. Você olhou para mim tanto quanto você já fazia e me ignorou com uma crueldade perversa. Então eu montei uma armadilha e nos tranquei juntos em um armário no sótão. Infelizmente, você estava um passo na minha frente e me trancou sozinho lá dentro.

Ela deu um grande sorriso.

—Bem feito.

—Você não me deixou sair por seis horas e foi apenas pela graça de Deus que eu segurei minha bexiga. E quando você finalmente veio me libertar, você estava um sorriso irônico espetacular, que me assombrou por meses e meses. No verão que tínhamos dezessete, eu era quase tão alto para te olhar nos olhos, mas ainda era dois centímetros mais baixo, para minha frustração. Por outro lado, eu não era mais virgem, tinha recém perdido uma quinzena antes, então eu me assegurei de te puxar em um conto a cada oportunidade e te inundar com todos os detalhes sórdidos. Você sempre foi um pouco magrela, então eu quis te contar como eram enormes os peitos da garçonete e como a bunda dela era cheia. Então eu te falei sobre a virgindade dela, nada desagradável, mas que parecia ter me engolido inteiro.

O boca dela se abriu, era um tipo de conversa chocante, mesmo entre cônjuges.

—O que eu disse disso?

—Você diz, 'Para você caber inteiro, deve ter um instrumento bem pequenino.'

Ela explodiu em gargalhadas.

—O que você disse para isso?

—Eu balbuciei alguma coisa, protestando que não foi o que eu quis dizer, mas eu não podia exatamente abaixar as calças para provar que você estava errada. Você, uma bruxa sem coração, replicou, 'Eu tenho certeza que você não quis divulgar uns detalhes pessoais tão vergonhosos, mas não se preocupe. Pague as garçonetes o suficiente para não rirem de você. Então você piscou para mim. Eu fiquei completamente humilhado.

Ela gargalhou com alegria.

—Nossa, eu era uma coisa.

—Eu também, devo dizer, um bobo irritante.

E era o suficiente para a explicar o medo dele de que ela voltasse a recuperar a memória?

Ela cobriu a boca e bocejou.

—Me desculpe. Eu não posso acreditar na quantidade de sono que eu tenho esses dias.

Ele pôde se sentir desmanchando em alívio.

—Então durma. Sua saúde é a coisa mais importante agora.

—Você se importa de começar o próximo capítulo do livro?

—Claro que não. Eu lerei até que você durma.

Ela pegou uma das suas ondas.

—Fitz deu um quarto para você. Você não precisa ficar sentado na cadeira a noite toda.

Ele esfregou um dedo na ponta do livro.

—Eu quero.

Então ela passou a sua mão inteira pela parte debaixo do seu cabelo.

—No caso de eu acordar no meio da noite chorando de novo e precisar de alguém para enfiar algum bom senso em mim?

No caso de ser a última noite que ele tenha permissão para tamanho privilégio.

—Algo assim. —ele respondeu. —Eu posso ter sido um bobo e uma meleca antes na vida, mas eu cresci para ser a voz da razão e um depósito de bom senso.

Os pontos de Helena foram removidos na manhã seguinte. Também foi declarado que ela estava fora de perigo, sem medo de alguma hemorragia no crânio. Imediatamente ela quis sair, mas concordou sob o peso combinado da Srta. Redmayne e sua família que insistiam que ela devia continuar em repouso na cama por mais alguns dias.

Pelo menos ela foi permitida a ler. Hastings a apresentou ao livro que ela escreveu para os escritores que buscavam entender como funcionava uma editora por dentro. Ele também levou a ela sua secretária, Srta. Boyle, para fornecer as explicações necessárias sobre como lidar com a correspondência da Fitzhugh e Companhia que se acumularam em sua ausência.

Foi até interessante, não o processo desencorajador que ela pensou que seria, tentar reaprender em poucos dias tudo que ela levou anos para aperfeiçoar. Ela estava mais frustrada pelo progresso escasso da parte de sua memória. Dado que ela não recuperou nenhuma porção significativa logo depois de acordar, ela esperava ter um progresso similar, se não todo dia, pelo menos outros dias.

Mas a recuperação da memória, oras, não seguia uma programação regular. Ela estava começando a se afligir pensando que nada mais voltaria, até que no quarto dia depois de ela ter acordado, enquanto Hastings havia ido de novo a Kent visitar sua filha, ela de repente lembrou de algumas semanas por volta do primeiro casamento de Venetia.

Venetia tinha dezessete anos e Helena e Fitz quinze. A maior parte do dos

pensamentos da época envolviam o medo de que Venetia tenha cometido um erro terrível com a escolha do noivo. Hastings não apareceu em qualquer memória ressurgida, exceto em uma conversa entre Helena e Fitz em que ela esperava que ele não levasse o seu amigo estúpido para a festa, e Fitz respondeu que Hastings não iria mesmo que ele quisesse, porque teria que comparecer no funeral do seu guardião no mesmo dia.

Quando Hastings voltou, ela avidamente o contou sobre a nova coleção de memórias e brincou com ele sobre seu medo infundado. A opinião dela no presente não foi afetada pelas novas revelações do passado.

Ele respirou profundamente. —Mas eu não estava errado. Você não gostava de mim no passado.

—No passado *distante*. —ela apontou. —E eu já sabia disso.

Ele sorriu meio abatido.

—Bem, parabéns. Eu sei o quanto você queria se lembrar mais.

Ela afofou seu cabelo adorável.

—Não fique com medo. Eu permanecerei com você, mesmo que seja só por causa das suas ondas.

A segunda recuperação de memória dispersou muito de sua ansiedade: Era apenas uma questão de tempo até que ela tivesse tudo de volta. E nesse meio tempo, seu corpo ia ficar ainda mais forte e ainda mais ativa, seus irmãos estavam bem e felizes, e ela tinha Hastings que, quando os olhos delas já estavam doloridos e cansados de ler a correspondência da Fitzhugh e Companhia, leu as cartas para ela, fazendo com que mesmo o envio mais seco de negócios soassem como cartas de amor de Keats para sua amada Fanny Brawne.

Uma tarde, Helena acordou de um cochilo rápido e encontrou Fitz, ao invés de Hastings, sentado ao lado de sua cama, lendo um relatório de negócios dele mesmo.

—David está em uma reunião com seus empresários. —ele a informou antes que ela pudesse formular uma pergunta.

—Excelente, —ela disse —então ele tem mais alguma coisa para fazer. Eu estava começando a ficar preocupada de eu ser a vida dele inteira.

—Você não parece preocupada. —Fitz replicou ironicamente. —Na verdade, você parece muito contente que ele devota tantas horas a você.

Ela sorriu e escolheu não responder diretamente ao comentário. —Estou surpresa de ver você sem sua esposa.

—Eu também, na verdade. Mas ela tinha um encontro do comitê de

caridade para ir, e eu pensei em me beneficiar me ocupando de uma das minhas mulheres favoritas.

Ele sorriu, os cantos de seus olhos se enrugavam bem levemente com a luz do sol que vinha pela janela. Fitz sempre foi um jovem bonito, mas era possível ver que ele também seria tão bonito quanto quando mais velho.

—Eu fui um problema tão grande para você. —ela disse impulsivamente, sentindo uma pontada de amor pelo seu irmão.

—Eu entre duas respostas. —A expressão dele se tornou maliciosa. —Devo dizer, 'De forma alguma'? Ou 'Nós estamos acostumados'?

Ela gargalhou.

—Mesmo assim, você e todos, tem sido muito bons para mim.

Fitz deixou de lado seu relatório.

—Incluindo David?

—Sim, incluindo Lorde Hastings.

Ele se inclinou para frente do seu assunto e a fitou por um momento.

—Você gosta dele.

Ela não estava ainda muito confortável em admitir a total atração dela por seu marido, mas estava aberta a dizer.

—Eu poderia ter feito muito pior acordando com um estranho como meu marido. Estou muito grata pelo meu próprio bom gosto.

—Hmm —disse Fitz.

Ela levantou uma sobrancelha, como era ótimo ser capaz de usar todos os músculos do rosto sem temer sentir dor.

—Agora, o que isso quer dizer, senhor?

—Significa, minha querida irmã, que eu estou feliz de ouvir meu amigo sendo tão elogiado. Ele ficou devastado de você ter ejetado o que tinha no seu estômago logo depois de ser apresentada a ele.

Ela fez uma careta.

—Isso foi uma completa coincidência. Meu estômago não estava bem desde a hora que eu abri os olhos. A náusea aconteceu de ir crescendo até que Hastings foi apresentado a mim, não teve a ver com ele de jeito nenhum. Além do mais, eu tenho formado uma opinião favorável a respeito dele.

Fitz colocou a mão sob o queixo.

—Então você está pronta para levantar acampamento na casa dele e ser sua esposa?

—Eu não posso viver debaixo do teto do meu irmão para sempre quando eu já sou uma mulher casada. Mas sobre me tornar a esposa de Hastings de

verdade, eu farei ele me cortejar um pouco mais. Mamãe sempre disse, abençoada seja, que uma garota não deve conceder seus favores muito facilmente ou muito rápido.

Ela estava meio brincando, mas Fitz enrugou suas sobrancelhas.

—Você não está planejando flertar, então frustra-lo, não é, minha querida?

Não era a opinião que ela esperava que seu próprio irmão tivesse sobre ela.

—Você acredita que é isso que eu farei?

—A verdade é, eu não tenho a menor ideia do que você fará. —Fitz suspirou. —Eu apenas te peço para você ter cuidado com o meu amigo, Helena. Ele está completamente bobo por você, e isso o coloca inteiramente em seu poder. Tenha em mente que enquanto ele é perfeitamente capaz de fazer graça de si mesmo, ele está longe de ser um casca-grossa. Aliás, ele é mais sensível que a maioria.

Isso a surpreendeu. Hastings parecia ser invencível.

—Ele é?

—Sim, muito sensível. E muito orgulhoso.

Ela ficou desconcertada de ser lembrada que conhecia seu marido por apenas alguns dias, que o conhecimento dela sobre ele, assim como sua própria mente, estava longe de estar completo.

—Obrigada, Fitz. Eu lembrarei disso. E... —Ela hesitou por um segundo. —E o coração dele está seguro comigo.

Fitz a fitou por mais um longo momento antes de sorrir de novo.

—Estou feliz de ouvir isso. Devo pedir um pouco de chá?

No último dia da convalescença de Helena, Hastings foi obrigado a viajar até Oxford para comparecer ao funeral de um professor de obras clássicas que ele estudou e com quem ele se correspondia regularmente por anos a fio.

Ele estava nervoso na viagem de volta —da última vez que ele saiu por um momento maior, ela recuperou um bloco sólido de memória. Ele seguiu até a casa de Fitz cheio de ansiedade e preocupação.

Provavelmente já era hora de contar a ela a verdade inteira. Sua vida não estava mais em perigo; sua mente era tão forte quanto sempre foi; seria uma descortesia continuar a mantê-la no escuro.

Ela não estava na cama quando ele entrou no quarto, estava sentada diante da penteadeira, franzindo o cenho para seu reflexo no espelho. Na cabeça ela vestia um turbante que a empregada de Millie arrumou para ela, esse feito com seda castanho avermelhado que combinava com a cor de suas

sobrancelhas.

—Estou de volta. —ele disse.

Ela se virou e o encarou severamente. O coração dele pulou pela garganta. O que ela tinha lembrado agora?

—É porque eu estou careca que você não me beijou ainda? —ela exigiu saber.

—O quê? —ele a olhou com surpresa, espantado que ela pudesse ao menos pensar algo assim. —Claro que não.

—Então por que você não deu continuidade para aquela demonstração ainda? Já faz quase uma semana que você me ofereceu.

—Porque... você não estava bem e eu não quis te apressar.

A resposta dele não era desonesta, mas ele ainda estava deliberadamente se afastando da verdade maior.

—Você não pode me apressar, eu não vou permitir que você me apresse. —ela disse, seu tom altivo. —Mas você me deve aquela demonstração. Um homem que se atreve a me dizer que eu gostei de beijá-lo é melhor que esteja preparado para provar.

Ela ergueu a mão e passou pelo limiar do turbante. O gesto, com um contraste nítido das suas palavras imperativas, era muito hesitante. Ficou claro para ele que ela estava genuinamente preocupada que a sua falta de cabelo fosse de alguma forma responsável pela sua falta de iniciativa.

—Minha querida Helena, eu te asseguro, você continua linda sem seu cabelo.

Ela repuxou seus lábios com força.

—Mentiroso.

Ele se aproximou dela e, com um gesto rápido, arrancou o turbante de sua cabeça.

—Devolva! —ela exclamou. Uma das mãos dela cobriu o topo da cabeça; a outra agarrou o turbante.

Ele a pegou pelos ombros e a virou de frente para o espelho.

—Olhe para você mesma.

Ela deixou cair a mão da cabeça, mas evitou firmemente o seu olhar.

—Eu pareço uma prisioneira.

—Eu sei que as ideias convencionais de feminilidade pede a presença de cabelo, uma grande quantidade dele, preferivelmente. Mas deixa para trás essas pré-concepções. Não julgue a sua aparência pelo que você não tem, mas pelo que você tem.

Ela olhou para o espelho e fez cara feia.

—Você é linda como você é. —ele murmurou. —Eu não acho que já tinha percebido antes a forma das suas maçãs do rosto, o jeito das suas sobancelhas, ou os seus lábios cheios, tão bem como eu vejo agora.

Ele segurou o queixo dela, o polegar pressionando o centro do seu lábio inferior. Os olhares deles se encontraram no espelho. Os lábios dela se separaram; sua respiração acariciava a mão dele.

O coração dele bateu forte: Ela queria beijá-lo. Não porque ele a chantageou, não porque eles tinham que convencer a Sra. Monteth, mas porque ela queria ter seus lábios sobre os dela, sua língua na sua boca.

Ele pretendeu fazer apropriadamente, começar suave e devagar, e apenas gradualmente ficar mais selvagem, da forma como os beijos eram caracterizados. Mas no momento que ele tocou seus lábios nos dela, ela fechou um braço em seu pescoço, e todos os pensamentos de lentidão e cavalheirismo voaram pela janela.

Ele a devorou. Enquanto ela movia a língua ágil e ávida, o devorando em resposta. Ele a puxou de sua cadeira e a empurrou contra a penteadeira. Ela agarrou seu cabelo e gemeu, um som feroz e voraz, ele fez tudo que pôde para não tirá-la de sua camisola e afundar nela ali mesmo.

Ele se puxou de volta antes que ficasse mais excitado. Eles se encararam por um momento, ofegantes.

—É isso que acontece quando nos beijamos? —ela perguntou, umedecendo seus lábios inchados pelo beijo.

Ele apertou as mãos para evitar de ir para cima dela de novo.

—Precisamente.

Ela ofegou mais um pouco, então sorriu.

—Você está certo. Eu gostei muito, muito mesmo.

Capítulo 10

Na tarde do dia seguinte quando a carruagem de Hastings chegou na casa da cidade, Venetia decidiu realizar um piquenique em família como uma comemoração. A sociedade já havia trocado Londres pelo interior e eles aproveitaram uma ceia ao ar livre em um parque vazio na melhor manta xadrez de Venetia, fazendo brinde pelo bebê e pela saúde renovada de Helena.

Hastings e Helena desceram da carruagem. Ela apoiou sua mão no cotovelo dele.

—Então isso é o que um grande negócio de dinheiro novo pode comprar.

—Entre outras coisas. —O avô dele era um mero advogado do interior. O tio dele, entretanto, acumulou uma vasta riqueza através de fabricação de máquinas industriais. —Eu sei que você não se importa com a fragrância de dinheiro novo, já que você mesma é uma empreendedora comercial.

—Realmente não. Eu gosto bastante de dinheiro. Ele significa independência e autoridade.

Como ela não se lembrava de seus funcionários, ele os reuniu novamente para darem as boas vindas.

—Obrigada —ela murmurou, assim que os criados se foram para seus lugares habituais.

Quanto mais eles se aproximavam, mais ele temia o eventual retorno de sua memória. Mesmo assim na sombra desse medo, uma semente de esperança era germinada.

—É um prazer e um privilégio te mostrar o caminho, senhora.

—Ah, isso não é justo. —ela brincou. —Um homem com a voz de uma sereia não pode possuir também o linguajar sedutor de um Casanova.

Elogios, ele não conseguia se cansar de seus elogios.

—O que eu posso dizer? Deus estava de ótimo humor no dia em que ele me fez.

Ela bufou de forma bem humorada.

—Mas vamos deixar claro que ele correu da modéstia antes de ser a sua vez.

—Deixe que aqueles com falhas tenham modéstia, e me deixe ser um hino ousado do seu poder e glória.

Ela riu.

—Blasfêmia.

—Você gosta, —ele murmurou.

Ela lançou para ele um olhar demorado.

—Vamos ficar aqui parados o dia todo ou em algum momento você vai me mostrar meu quarto?

O coração dele bateu forte, dessa vez não pela possibilidade iminente do retorno de sua memória.

—Então vamos subir as escadas.

Ela abaixou a voz.

—Você pode dizer isso sem soar tão descaradamente sugestivo?

—Você não consegue ouvir minhas palavras inocentes sem transforma-las em uma sugestão descarada? —ele sussurrou de volta.

Ela balançou a cabeça, rindo. A visão dela, satisfeita e sociável, era uma flecha em seu coração. Millie estava certa: Ele deveria ter admitido seus verdadeiros sentimentos anos atrás. Então ele não estaria nesse estado, temendo que sua felicidade fosse arrancada no próximo minuto.

Eles subiram os degraus de braços dados. Diante da porta do quarto dela, ele a pegou no colo. Quase como se ela esperasse por esse gesto, ela colocou suas mãos envolta do pescoço de Hastings e virou o rosto de encontro a seu paletó.

—Hmm, eu gosto do seu cheiro.

—Meu cheiro? —ele perguntou, colocando-a no chão.

—De lâ, livros com a capa de couro e uma pitada de tabaco. Como alguém que você não é um proprietário rural à moda antiga, talvez.

As mãos dela desceram pelas suas mangas, obviamente sentindo a musculatura dos seus braços.

—Aliás... —ele murmurou —no caso de você ainda não ter reparado, eu também sou perfeitamente construído.

Ela o segurou pelo queixo.

—Insolente.

Os olhos dela se encheram de carinho. O coração dele parou: Essa era a forma que ele sempre esperou que ela o olhasse.

Viciada em livros como ela era, foi em direção para as estantes de livros.

—Vá para o quarto antes. —ele sugeriu.

Ela se virou.

—O Senhor também esqueceu a sutileza quando te fez?

—Não, Ele não esqueceu. Mas certamente te deu uma mente suja, minha querida. Eu quero que você *veja* o quarto, não que o use.

—É excepcionalmente bonito?

Ele inspirou.

—Eu acho que sim.

Ela abriu a porta.

Então se eu não gostar, devo fazer elogios sobre...

A voz dela sumiu. Ela levantou o rosto e sua cabeça girou, enquanto observava o panorama que ele deve ter levado anos para completar, através de muitas temporadas frustrantes, quando alcança-la não parecia mais viável do que segurar a luz das estrelas em suas mãos.

—Você encomendou isso? ela perguntou, a voz intimidada, quase respeitosa.

O coração dele parecia sair do lugar.

—Eu pintei sozinho.

—É incrível. De tirar o fôlego. —Ela se virou. —Para mim?

—Claro.

Ela se aproximou de uma das paredes, a que tinha a vista de um rio distante, e tocou o dedo na linha entre as duas paredes.

—Minha nossa, você pintou das gravuras que eu trouxe da Toscana? Eu reconheço tantos detalhes.

—Agora você se lembra.

Quando ele visitou a Hampton House, frequentemente ele a via em seu quarto, debruçada sobre fotografias antigas, ou diante das pinturas da Itália, como se ela pudesse uma vez mais andar sob o céu da Toscana, com sua mãe ao seu lado.

—Eu não lembrei antes?

—Não.

—As gravuras se perderam?

—Não, mas você não visitou a casa por muito tempo. E mesmo quando você foi, eu duvido que você tenha tirado um tempo para examina-las. Parou de prestar atenção no que estava ao redor há muito, muito tempo.

Ele também esteve ao redor há muito, muito tempo.

Ela abaixou a cabeça por um momento, parecendo estar imersa em pensamentos. Então ela diminuiu a distância entre eles e traçou um dedo pela sobancelha dele.

—Foi indesculpável da minha parte não ter reconhecido antes. Tenha

certeza que isso não é reflexo nenhum da sua arte, apenas uma prova da minha terrível falta de atenção.

Ele se perguntou muitas vezes, em seu ressentimento e em seu desespero, o motivo de ele amar essa mulher irritantemente não receptiva. Ele não podia se lembrar agora o porquê de ter duvidado algum dia.

—Você gostou dos murais então?

—Sim —. Ela se distanciou para admirá-los de novo. —Eu amei. Nunca vi nada tão lindo.

Ele observou a mão dela deslizar gentilmente pelo mundo que ele pintou meticulosamente para ela.

—Então é tudo que importa.

Helena não conseguia entender totalmente a sensação de aperto em seu peito.

Ela apreciou a visão, o som, o cheiro, e os sentimentos do seu marido. Ela gostava de sua companhia. E ela gostava de ser o objeto de sua afeição. Então por que ela não estava completamente radiante? Por que ela se sentia tão próxima a romper em lágrimas quando deveria rir?

—Você gostaria de ver os livros que você publicou? —perguntou Hastings.

—Você os tem aqui?

—Claro.

Tantas questões eram respondidas com "claro", como se o contrário fosse impensável. Como se o único caminho possível para ele fosse tê-la em sua vida. Como se *ela* fosse o único caminho possível.

Eles desceram as escadas de braços dados, com ela o olhando a cada segundo. A visão do seu perfil espetacular faziam crescer nela sentimentos mais desregrados, um caos de dor aguda, doce.

Sua biblioteca era tudo que uma biblioteca deveria ser: Estantes de livros alcançavam o teto por todas as paredes, um canto construído para ler com uma fragrância penetrante de capas de livros feitas de couro e poeira de livro.

Ele tirou uma chave de uma grande mesa diante da janela e abriu um armário, as portas tinham placas de vidro fosco. O armário tinha algo entre quarenta e quarenta e cinco volumes de livros.

Uma alegria indescritível tomou conta dela —esse era o trabalho de sua vida —até ela começar a examinar as lombadas com os títulos.

—Os livros no fundo são projetos de vaidade que você cobra para

publicar. —ele explicou. —Os livros no meio são aqueles que você publica primeiramente pelo seu apelo comercial. E os do topo são aqueles que você se sentiu inclinada a trazer à luz.

—Ah bom, —ela disse, aliviada. —Todos esses manuais espiritualistas no meio, eu estava começando a temer que tivesse tomado gosto por sessões espíritas. Eles venderam bem?

—De acordo com você, sim.

Ela inspecionou os livros do topo. Aqueles que falavam sobre ajudar as mulheres a conseguir emprego e educação ela com certeza aprovava, mas alguns dos outros títulos a confundiram.

—Você tem certeza que esses não foram colocados no lugar errado? Eu estou inclinada a produzir livros de história sobre o nordeste da Inglaterra? Ou eu desenvolvi um amor sem fim por essa região em algum ponto dos meus anos esquecidos?

—Não, mas você se tornou uma grande amiga do autor desses trabalhos.

Havia uma densidade em sua voz. Ela o olhou com curiosidade, então puxou um dos volumes. Poucas despesas foram poupadas na produção. O livro foi encadernado em couro fino, o título dourado em relevo, as arestas em ouro.

—A.G.F. Martin —Ela leu o nome do autor. —Não me lembro dele, assumindo que é mesmo um homem.

Ouviu-se o som de uma carruagem parando em frente a casa, ele foi até a janela e olhou.

—O Sr. Martin foi um companheiro de classe meu de Oxford. Eu apresentei vocês dois, o levei a Henley Park quando Fitz e a esposa deram a primeira festa de campo.

Ele soava estranho *mesmo*. Ela o observou.

—Você não gosta dele?

Ele recuou, como se algo inexplicavelmente horrível tivesse aparecido do lado de fora na rua.

—O que houve?

Ele respirou pesadamente, como se tivesse corrido de uma gangue de ladrões assassinos.

—Nós temos uma visita.

As horas aceitáveis para visitas mudaram tanto durante o período perdido da sua memória?

—Está tarde? Nós não somos obrigados a receber visitas, somos?

A expressão dele era selvagem, mas suas palavras soavam convictas.

—Nós somos. Ou você é, pelo menos. Ele é seu autor e seu amigo.

Um lacaio entrou.

—Sr. Martin veio para te ver, Lady Hastings. Você está em casa para ele?

Ela olhou para o marido.

—O mesmo Sr. A.G.F. Martin?

Ele se virou para o lacaio.

—Você pode trazer o Sr. Martin para cá em cinco minutos.

—Por que fazê-lo esperar tanto?

A resposta dele foi outro beijo —dessa vez um beijo feito para ser um primeiro beijo apropriado. Parecia quase como falar, um beijo desse jeito era como sílabas entrando em contato com os lábios. O movimento dos lábios dele e as línguas diziam que ele a adorava e a estimava, que ele podia beijá-la dessa forma para sempre e nunca parar.

Mas ele parou. Ele passou o polegar pelos lábios dela e respirou fundo quando ela lambeu a ponta.

—Vamos dizer para o Sr. Martin voltar amanhã, —ela sussurrou. —Eu não estou interessada receber ninguém além de você.

—Eu gostaria de poder. —Ele segurou sua cabeça, cuidadoso para não apertar demais. —Independente do que acontecer, lembre-se que eu te amo. Que eu sempre te amei.

E com isso, ele se virou e se foi. Helena ficou completamente desorientada —ela não tinha ideia do que significava receber o Sr. Martin por si mesma.

Por quê?

O homem que entrou no minuto depois era um sujeito bem apessoado, com ares de sábio e um ar de timidez. Ele parecia tão surpreso quanto ela com a ausência de seu marido.

—He... quero dizer, Lady Hastings, como você está?

—Estou muito bem, obrigada. E você, Sr. Martin? Não quer se sentar?

Ele se sentou cautelosamente, direcionando olhares furtivos para a porta como se esperasse que Hastings retornasse a qualquer momento. Apenas depois de um minuto de silêncio constrangedor ele limpou a garganta e deu toda sua atenção para ela.

—Você está bem, He...Lady Hastings?

Ela relaxou um pouco, esse homem podia não ser o conversador mais gracioso, mas ela sentiu nele uma sinceridade e bocado de boa vontade, pelo

menos para ela.

—Sim, estou, muito obrigada. Embora eu lamentavelmente tenha que te informar que perdi uma grande parte da minha memória e por isso não me lembro de quem você é, além do que meu marido me contou que eu sou sua editora e que ele nos apresentou anos atrás na casa do meu irmão no interior.

Esferas minúsculas de suor surgiram no rosto do Sr. Martin.

—Você...você perdeu sua memória?

—Como resultado do meu acidente. Aparentemente eu corri em direção contrária ao tráfego e recebi uma batida forte na cabeça.

Ele puxou um lenço branco, cuidadosamente dobrado para o seu lábio superior.

—Você quer dizer que eu sou um estranho para você?

—Temo que sim.

Ela pensou que tinha se explicado perfeitamente logo no começo, mas ele permaneceu o mesmo. O lenço dele pairou no ar, como uma bandeira branca levantada em rendição.

—En... Entendo.

—Por favor, sinta-se livre para me contar qualquer coisa que eu precise saber. Lorde Hastings me assegurou que eu fiquei encantada de publicar seus livros, então estou certa que qualquer coisa que você tenha a me dizer será muito bem vinda.

Sr. Martin engoliu em seco.

—Não há... Não há muito para dizer. Eu sempre quis escrever sobre história. Quando você começou a sua editora, você me encorajou, me obrigou, devo dizer, a te entregar meus manuscritos. Os livros foram bem recebidos e eu estou extremamente grato a você.

—Isso é maravilhoso de ouvir. Estou feliz de ser capaz de ajudar um dos amigos de Lorde Hastings.

Sr. Martin olhou para baixo. Ele pegou a xícara de chá que foi trazida para ele. Ela começou a perceber que a mão dele tremia.

—Me desculpe. —ela disse imediatamente. —Meu marido mencionou que você também era um amigo querido para mim. Que descuido meu pensar em você apenas como amigo dele.

—Não, não, se alguém tem que se desculpar, sou eu. Acredito que você iria se encontrar comigo no dia do seu acidente. Provavelmente por uma questão relativa ao meu último manuscrito. —Ele riu um pouco, não de alegria, mas pelo que parecia ser uma grande e crescente inquietação.

—Estou muito desapontado por ser a causa de tamanho problema.

Isso podia explicar tamanho desconforto, se ele pensasse em si mesmo como sendo o culpado pelo seu acidente. Ela sentiu pena dele, mas também sentiu como se tivesse ensaiado para uma peça e tivesse sido jogada no meio de outra.

—Como eu posso culpa-lo pela minha própria falta de atenção ao atravessar a rua? E você não deve se culpar, tampouco.

Ele levantou o rosto. —Talvez isso seja mais fácil de dizer do que fazer.

Ela percebeu que ele dividia com ela a mesma cor, embora menos intensa, de cabelo marrom avermelhado e olhos de avelã.

—Estou viva e sã, e não terrivelmente irritada pelo que eu não posso me lembrar.

A expressão dele apenas ficou mais angustiada. Por que ele e Hastings exibiam essas reações tão extremas? Seria possível que ele temia perdê-la como editora?

—Estou contratada para publicar seus futuros trabalhos?

Os dentes dele se fecharam sobre seu lábio inferior.

—Sim, dois volumes a mais de história da Inglaterra.

—Então eu mantereí meu compromisso. E lerei seus trabalhos para me familiarizar, ou re-familiarizar eu mesma com eles, então estarei melhor preparada para seu próximo manuscrito. Nosso acordo de publicação não será afetado pela minha indisposição.

Diante de sua garantia, entretanto, ele apenas pareceu mais abatido. Ele assentou a xícara.

—É muito gentil da sua parte. Fico feliz de ver você bem, e eu realmente não devo tomar mais o seu tempo.

Ele se inclinou e fez uma reverência suave.

—Você não se incomodaria de falar sobre seus livros? —ela perguntou, ainda aturdida pela peculiaridade do seu comportamento.

Mas ele já tinha ido embora.

Hastings a muito considerava acrescentar a família Fitzhugh nos murais. As imagens deles seriam bem pequenas, seus rostos não muito visíveis para serem reconhecidos. Mas estariam vestidos com a moda inglesa da década passada, inequivocamente um bando de turistas.

Ela traçou um dedo pelo caminho que descia como uma ferida pelo lado da colina. Ele poderia coloca-los no caminho, e a brisa iria levantar os laços dos

chapéus das senhoras. A atenção deles podia muito bem ser desenhada em direção ao Mosteiro arruinado na colina ao lado, exceto por Helena. O rosto dela estaria virado em direção ao espectador, para ele.

—Todos os meus autores agem de um jeito tão esquisito na minha presença? —A voz dela surgiu na direção da porta. —E você sempre fica branco como um lençol e corre quando eles vêm visitar?

O coração dele caiu em alívio, Martin em pessoa não causou um colapso na represa que contém a maior parte de sua memória.

—Quem é aquele homem?

Ele ficou tenso novamente. Algo na voz dela dizia que dessa vez as suspeitas dela foram muito e verdadeiramente despertadas, que não teria como distraí-la com uma cabeça cheia de cachos dourados, não importava o quão fofas e flexíveis elas fossem.

—Você tem alguma ideia do porquê ele pensou que era aceitável me visitar a essa hora? E por que, aliás, você agiu tão esquisito?

Ele não respondeu imediatamente.

A voz dela se tornou mais insistente.

—O que o senhor está escondendo de mim? Por que você não olha para mim? Você sabe que está parecendo muito culpado, embora eu não saiba qual a profundidade do que quer que você tenha feito de errado?

A hora da verdade, a verdade completa, o perfurou.

Ele deslizou a ponta do seu dedo indicador pela parte superior do lambril.

—Eu costumava ter um ciúme secreto do Sr. Martin, que era um grande favorito seu. —ele disse, ainda sem olhá-la.

O tom dela foi totalmente perplexo.

—Sr. Martin?

—Sim, Sr. Martin.

—Mas eu casei com você, não foi? O que deve ter resolvido o problema de quem era meu favorito.

Os dedos deles seguraram a extremidade do lambril, como se um toque tão frágil pudesse ancora-lo quando a tempestade chegasse.

—Nós não somos casados. —ele disse. —Nós apenas fingimos ser casados.

Helena entendeu as palavras que Hastings pronunciou individualmente, mas juntas elas não faziam o menor sentido.

—Como alguém pode *fingir* ser casado? Nós fizemos um casamento de mentira também? E por que minha família permitiria esse tipo de coisa?

—Ela respirou fundo. —Ou eles nem sabem?

—Eles sabem, mas eles não tiveram escolha além de permitir, pelo menos para as outras pessoas.

Vários músculos do seu rosto se contraíram e ficaram tensos. Ela não tinha ideia se ela estava rindo ou tentando rir da comicidade do que ele estava dizendo.

—Se explique.

Ele olhou em direção ao céu, como se estivesse rezando por uma intervenção divina.

—Na vida que você não se lembra, não sou eu quem você amava, e sim o Sr. Martin.

Distante dali, ela estava maravilhada de ainda estar de pé.

—Eu não acredito em você. —ela disse. Ou talvez gritou, pois ele parecia assustado com a veemência de suas palavras. —Eu não posso ter amado o Sr. Martin. Eu não senti nada, *nada mesmo*, quando o vi.

—Mesmo assim você o amava desde que tinha vinte e dois anos de idade. —ele disse, com um olhar melancólico.

Isso era um sonho do qual ela não conseguia acordar? Cinco anos amando o Sr. Martin?

—Então por que eu não casei com ele, se eu o amava a tanto tempo?

Ele deu de ombros.

—Circunstâncias.

Ela tentou olhar através da cortina da sua mente, mas seu passado era tão impenetrável como uma sopa de ervilha londrina.

—Ele é um cavalheiro e eu sou uma dama. Que tipo de circunstâncias nos impediria de nos casarmos se escolhêssemos?

—Ele já estava prometido para se casar com outra pessoa, não que estivesse envolvido, mas sob grandes expectativas —Hastings puxou seus lábios para um lado. —Ele não desafiou essas expectativas.

A implicação dessa última afirmação fervilhou na sua cabeça.

—Sr. Martin é *casado*? —Muito casado.

—Quando ele se casou?

—Fevereiro de 1892, seis meses depois de vocês se conhecerem.

Ela sentiu como se tivesse sido empurrada para o chão.

—E até antes do meu acidente, eu *ainda* estava apaixonada por ele?

—Você nunca quis outro pretendente. Ele e a esposa tinham pouco a ver um com o outro. Então você o persuadiu a ter um caso com você.

Ela não estava apenas jogada no chão, ela estava sendo pisoteada por uma manada de antílopes.

—*O quê? Quando?*

Uma sombra de dor atravessou o rosto de Hastings.

—Só vocês dois sabem quando começou. Tudo que eu posso te dizer é que eu descobri em janeiro desse ano. Sua irmã e sua cunhada imediatamente tiraram você do país.

Ainda bem que fizeram, ela teria feito exatamente a mesma coisa.

—Infelizmente a força dos seus sentimentos por ele era tanta que quando você retornou a Londres, se esquivou da vigilância que a sua família montou e foi encontra-lo no Hotel Savoy. O encontro, entretanto, não foi armado por nenhum de vocês e sim pela cunhada dele, que pretendia expô-lo.

Ela sentiu seu esqueleto chacoalhar com a força do choque. Ela encarou Hastings, desejando que ele parasse de falar. Mas ele continuou, sua onda de notícias maldosas continuou implacável, inexorável.

—Aconteceu de eu conhecer o marido da cunhada, que me disse que ela estava armando algo. E também aconteceu de eu interceptar a mensagem que ela mandou para o Sr. Martin, fingindo ser você. Eu segui o Sr. Martin do nosso clube até o hotel. Quando eu percebi o que estava acontecendo, corri as escadas para te avisar, com a cunhada subindo grosseiramente ao mesmo tempo. Não tinha tempo suficiente para salvar o Sr. Martin, então nós o colocamos no banheiro e fingimos que *nós* fugimos para nos casar e estávamos aproveitando nossa lua de mel.

Uma parte dela torcia para que ele gritasse —primeiro de abril! —a qualquer momento. Mas no fundo do coração, ela reconhecia a verdade inescapável.

Ela engoliu.

—Quanto tempo se passou entre o incidente no Hotel Savoy e o meu acidente?

—Seu acidente aconteceu na manhã seguinte.

O que o Sr. Martin disse quando ele falou com ela? *Se alguém tem que se desculpar, sou eu. Acredito que você iria se encontrar comigo no dia do seu acidente, provavelmente por uma questão relativa ao meu último manuscrito.*

O que quer que ela tivesse para falar com ele, não tinha a ver com seu último manuscrito. Ela corou. Não conseguia se imaginar perseguindo-o pela rua a luz do dia, tão concentrada que quase perdeu a vida para uma carruagem.

—Você ainda não se lembra, não é? —Hastings perguntou em voz baixa.

Ela balançou a cabeça. Talvez fosse melhor assim. Ela estava mais que mortificada. Um homem casado, e ela o seguiu pelas ruas como se ele tivesse fugido com sua bolsa.

—O que eu vi nele? —ela perguntou para ninguém em particular. Ela não podia se imaginar quebrando todas as regras por alguém que não inspirava qualquer sentimento nela como o Sr. Martin.

—Ele era um homem doce, com um grande coração. Você confiava imensamente nele.

—Meu julgamento estava obviamente debilitado. Eu me coloquei em risco de ficar arruinada e a minha família ao risco de sofrer uma humilhação. Eles não seriam capazes de me ver de novo. E meu deus, o bebê de Venetia. Eu não poderia nunca ver meu sobrinho ou sobrinha.

—É da sua família que estamos falando. Eles deixaram que você se tornasse uma editora com pouco mais que um levantar de sobrelance ou dois. Eles deixariam que você visse o filho de Venetia, mas você teria que ser extremamente discreta.

Ela mal conseguia respirar pela aversão lancinante a essa mulher imprudente e egoísta que foi descrita.

—Não seja tão dura consigo mesma. —ele disse gentilmente. —Você está julgando a sua ação e a do Sr. Martin fora de contexto. Ele era um homem jovem e atraente, muito admirado pelos seus sorrisos brilhantes e natureza gentil. Depois da insistência da mãe dele na questão do casamento ele se tornou mais tímido, cheio de dúvidas e, ultimamente, menos feliz. Mas você se apaixonou por alguém que não tinha ainda cometido um erro terrível, que era cheio de esperança, sonhos e um idealismo sincero. Você o perdeu quando você o amava mais, foi um golpe que nunca foi suavizado com o tempo. Quando você encontrou como Sr. Martin nos anos seguintes, você não viu o homem que ele se tornou, mas apenas aquele que ele foi, aquele que você teria se casado feliz se tivesse tido a chance. Talvez você o perdoou demais, mas quem entre nós não desejou ser tão generosamente amado e tão generosamente perdoado?

Ela se encostou no batente da porta. A gentileza dele era um bálsamo na sua alma tão machucada. Ela se deixou ser tomada pela magnificência da sua compaixão, a doçura da sua amizade.

Ele deu um passo em direção a ela, seu cenho franzido de preocupação.

—Helena, você está bem? Espero que você não esteja zangada por eu não

ter te contado antes. É uma história complicada e não é das mais felizes, e nós não queríamos que você soubesse como...

Ela segurou a mão dele para que parasse. A única pessoa com quem ela estava zangada era ela mesma.

—Helena...

Ela ajustou o punho da manga direita sem realmente ter necessidade.

—Onde você está nessa minha história de amor idiota e condenada?

A surpresa dele com a pergunta foi seguida de um sorriso ansioso.

—Do lado de fora olhando.

—Então tudo isso... —Ela apontou para o glorioso mural que ele criou para ela e não soube exatamente como continuar.

—Eu sempre te amei. —ele disse, os olhos deles eram de um azul quase violeta. —Você sabe disso.

Ela engoliu um soluço.

—Eu só me pergunto se eu mereço tamanha devoção.

—Às vezes as pessoas se apaixonam por aquelas que não retribuem com a mesma força. E as coisas são assim. —ele disse com intensidade. —O que eu dei, eu dei livremente. Você não me deve nada, nem amor, nem amizade, ou qualquer obrigação.

Capítulo 11

Agora estava tudo claro.

Hastings se sentia exausto e terrivelmente mais leve, todos os segredos descarregados. Ela, por outro lado, o olhava como se o peso de um continente tivesse sido posto em seus ombros.

Ele diminuiu a distância entre eles e tocou a manga da camisa dela.

—Foi um longo dia. Você não quer descansar? Eu posso enviar algumas bebidas para cá.

Ela o agarrou pelas lapelas e o puxou para ela com uma força surpreendente.

—Como você ousa me deixar sozinha no meu momento de necessidade?

Ele raramente ficou tão surpreso.

—Não foi o que eu...

—Eu sei. —Ela o soltou e sorriu tristemente. —E o que *eu* quero dizer é 'Fique comigo.'

—Claro. Você gostaria de um pouco de chá? Tem livros que você gosta na sala de estar. Eu posso lê-los para voc...

Ela o agarrou pelas lapelas de novo. —Eu pensei que você era mais esperto que isso.

Ela enlaçou seu braço livre pelo pescoço dele o beijou, a língua dela procurando a dele numa necessidade que o deixou gemendo alto.

Ele se forçou a se recompor.

—Espere!

—Não.

—Helena, você acabou de receber algumas notícias chocantes. Não está se sentindo muito você mesma. Deveria tomar um banho, ou comer alguma coisa, não saltar sobre um sujeito de quem você nem gostava dez dias atrás.

Ela colocou as mãos abaixo das orelhas dele, seus dedos frios sobre a pele.

—Eu quero isso. E eu quero que essa seja nossa noite de núpcias. Agora.

Ela olhava para seus lábios. Levou um momento para ele se lembrar do que queria dizer.

—Helena, você não pode renegar um passado do qual você nem se lembra me levando para a cama.

—Eu não quero renegar meu passado. —ela sussurrou. —Eu só quero

você. Eu nunca quis tanto algo como eu quero você nesse momento.

A cabeça dele girou. As orelhas queimaram. E seus pulmões devem ter explodido com o choque, para ele não conseguir mais respirar. Não estava apenas chovendo no deserto do Saara; a chuva caía como se fosse o começo do dilúvio.

No fundo de sua mente uma voz implorava para ele para se separar. Essa não era hora de ceder ao desejo, a voz suplicava. Ela o odiaria quando a memória voltasse.

Mas um coro alegre completo gritava contra a tímida voz solitária da razão. Por que todas as memórias antigas deveriam ter a supremacia? Faça novas memórias cheias de esplendor e beleza para que, quando as antigas voltarem, elas sejam pálidas e impotentes em comparação.

—David, —ela murmurou.

O coração dele se apertou. Ela nunca antes o tinha chamado pelo seu nome de batismo.

—David. David. David, —ela repetiu.

Os olhares deles estavam travados. Ele tentava achar algum desespero irracional nos olhos dela, mas ele só conseguia enxergar admiração, afinidade e desejo sem disfarces.

De repente era ele quem a puxava com força, era ele quem a beijava como se fosse sua hora final na Terra, aquele que levantava os braços em direção ao Céu em êxtase e gratidão enquanto a chuva caía torrencialmente no coração do Saara.

Helena já sabia que seu marido era um homem de muitos talentos. Agora ela acrescentou seus dedos extremamente hábeis a lista de dons. Ela não tinha ideia que ele tinha aberto o corpete do seu vestido até a cintura até que ele empurrou as mangas pelos braços.

Ela deu um tapa de leve na mão dele.

—Isso é por flertar com todas as mulheres enquanto você devia estar castamente esperando por mim.

Ele a beijou novamente.

—Que penitência você vai me dar? Vai me fazer cair de joelhos e te adorar entre as suas lindas coxas?

O lugar entre as suas coxas palpitaram com força diante da sugestão. Ela não conseguiu dizer nada de volta.

—Sim, eu acredito que vou fazer isso mesmo. —ele murmurou.

—É melhor você fazer muito, muito bem. —Ela de algum jeito encontrou a voz. —Ou vou considerar não feito.

Ele falou diretamente dentro do seu ouvido.

—Eu amo quando você me ordena precisamente o que eu quero fazer.

O roçar de sua respiração, o toque dos seus dentes no lóbulo da orelha delata fez tremer com a onda de prazer inesperado e cravou seus dedo no cabelo dele.

Ele beijou seu pescoço.

—Eu nunca soube que queria que uma mulher puxasse meu cabelo, até você.

Ela o puxou pelo cabelo e o beijou com força.

—Assim?

—Meu deus, exatamente assim.

Então ela fez de novo, sua garganta sozinha fazia pequenos barulhos não muito diferentes daqueles que Millie fazia enquanto ela e Fitz estiveram no quarto de Helena.

Ao longe ela ouviu um ruído e percebeu que o som era o do seu corpete atingindo o chão. Ela o empurrou.

—Você não vai remover nenhum outro artigo do meu vestuário até você remover alguns do seu.

Ele riu enquanto tirou o seu lenço de pescoço.

—Você é uma mulher tão mandona.

—Sou. —Ela levantou a mão para tocar uma mecha do seu cabelo até que percebeu que ela não tinha mais cabelo para flertar. Sem se importar, ela atirou seu turbante e balançou seus cílios para ele. —Mas eu apenas estou ordenando exatamente aquilo que você quer. Aposto que você esteve esperando para mostrar seu corpo "perfeitamente esculpido" por anos.

O paletó dele caiu no chão, seguido pelo colete. Ela o olhou de lado retirando suas abotoaduras.

—Você está pronta? Não vai desmaiar, né?

Ela lambeu vagarosamente seu lábio inferior.

—Me faça isso, querido.

A camisa dele desapareceu. Ela respirou fundo, ele não estava exagerando. Tudo era bem feito: seus ombros, seus braços, seu abdômen liso e bem definido.

—Bom o suficiente. —Ela exalou. —Agora o resto.

O que ela estava ainda mais ávida para ver.

Ele estalou a língua e se aproximou. Ela podia ser esguia, mas era tremendamente alta e não necessariamente magra. Mas ele a ergueu de seu vestido como se ela não pesasse mais que botas de montaria.

—Eu quero ver você nua há tanto tempo. Você vai ter que esperar pela sua vez.

—É melhor que tenha elogios celestiais esperando por mim. —ela o avisou conforme ele retirava suas anáguas. —Eu não me despi por nada menos que isso.

—Senhorita, você ganhará esses elogios celestiais. —Ele capturou seus lábios para outro beijo. —Os jovens de hoje são mimados com aplausos não merecidos e eu não tenho intenção de dar um único elogio sem nenhuma garantia.

Ele abriu todos os botões da combinação e a empurrou para o chão. Então deu dois passos para trás, semicerrou os olhos e a examinou. Ela ficava mais nervosa a cada segundo que passava. Não tinha uma figura das mais femininas. Quando era criança costumava ter joelhos e cotovelos ásperos. Seus seios provavelmente eram os menores pares que deus tinha em mãos. E ele nunca enviou quadris, deixando-a com um corpo tão curvilíneo quanto uma tábua.

O homem diante dela ficou sem ar.

—Eu não se isso constitui um elogio celestial, mas vou te dizer isso: Eu passei muitos, muitos anos te imaginando sem suas roupas. E eu tenho a uma imaginação muito boa, uma das melhores da nossa geração, ousei dizer. E você, em pessoa, ofuscou essa imaginação.

O coração dela batia rápido e forte diante dos seus olhos famintos. Ele continuou a olhá-la, com um olhar quente, a respiração irregular.

—Bem, não fique parado aí. —A voz dela também estava irregular. —Faça alguma coisa.

Antes que ela pudesse terminar de falar ele já tinha diminuído a distância entre os dois e colocou a mão em seu seio. Ela soltou um pequeno suspiro.

—Você sabia que por anos você não tinha peito nenhum? —ele disse enquanto a beijava só com lábios. —E eu amava fantasiar sobre os seus peitos, lisos, nada além de mamilos lindos e duros.

Ela engoliu e olhou para as mãos dele. Sem se mover, ele capturou seu mamilo entre dois dedos e apertou devagar. A visão disso, o prazer agudo, fez com que ela respirasse pesadamente, como se estivesse subindo escadas por horas a fio.

—Eu quase fiquei decepcionado quando despontaram esses seios bonitos, mas não mais. —ele murmurou. —Não mais.

Ele esfregou a ponta do seu polegar em seu mamilo. Ela prendeu a respiração. O prazer atingiu com força seu abdômen.

Ele abaixou a cabeça e pegou seu mamilo com a boca. Ela gemeu alto com a pressão dos seus lábios, a lentidão, o redemoinho úmido de sua língua, e ocasionalmente, particularmente, o inesperado arranhar dos seus dentes.

Ele fez o mesmo com seu outro mamilo enquanto ela preenchia o quarto com gemidos e suspiros.

Ela arfou quando a mão dele desceu, os dedos cavando sua carne. Ele grunhiu e afundou seus dentes no seu ombro.

—Você bem que poderia colocar sua outra mão ali também, —ela conseguiu dizer, —já que você gosta tanto.

Mas ele não fez. Ao invés disso ele a levantou e a levou para a cama, tirando o seus sapatos no caminho. —Essas bem podem ser as pernas mais lindas no mundo inteiro. —ele disse, tirando suas meias.

Ele subiu na cama e o beijou o caminho até suas pernas. Instintos que ela nem sabia que tinha a fizeram apertar as coxas. Sem nenhuma hesitação ele as separou, expondo-a ao seu olhar.

—As portas de um templo, querida, nunca se fecham para um noviço devotado.

E com isso, ele começou seu culto, gentil, quase doce de sua língua entre suas dobras, antes de repente mergulhar sua língua dentro dela. Ela se sobressaltou, seus dedos do pé afundavam nos lençóis, seu corpo se arqueava para ele, as mãos agarravam seu cabelo.

A língua dele fez um rápido movimento na sua parte mais sensível, mas apenas uma vez, fazendo-a gemer e ordenar que fizesse de novo. Ele a ignorou até que ela ficou tomada pelo prazer que ele criava por todo lugar que esqueceu seus próprios pedidos. Então de repente ele voltou para aquele lugar, sem poupar atenção, fazendo-a gritar com prazer e urgência.

Quando ele usou os dentes, seu prazer chegou a um auge arrebatador. Ela se dobrou e estremeceu, choramingando com incoerência, suas coxas tremiam enquanto ele, sem deixa-la ir, a levou a outro auge, e outro, e outro.

—David. Oh David, David, David.

O som do seu nomes nos lábios dela era a própria música do paraíso. O dilúvio no Saara transbordava seu humilde tempo, afogando-o com boa sorte e orações atendidas.

Ele beijou o caminho até o torso dela. Ou talvez, ele tenha sido puxado pelas mãos dela em seu cabelo.

—Devo fazer o mesmo para você? —Ela perguntou com urgência, a respiração irregular.

Ele quase perdeu a cabeça.

—Outra hora, talvez, —ele disse com a voz arranhada, —quando você não for mais virgem.

—Uma o quê?

—Nós todos pensamos o contrário, mas você nos disse que ainda era virgem. —Ele a beijou no ombro.

—Que tipo de caso foi esse? —Ela soava estupefata.

—Do tipo prudente, obviamente.

—Bem, então, me deflore rápido, daí eu posso te colocar na minha boca e...

Ele beijou em sua boca ávida e se colocou em cima dela, incapaz de saborear o momento tão lentamente quanto ele tinha imaginado. Nem conseguiu afundar tão profundamente quanto seu corpo quase sem controle gostaria, porque apesar de estar impossivelmente escorregadia, ela também era impossivelmente apertada.

Ele grunhiu, louco de prazer.

—Meu deus. —ela murmurou.

Ele se conteve imediatamente.

—Desculpe. Está doendo?

A mão dela abaixou para segurar o *seu* fundo.

—Sim, está, mas eu quero você inteiro dentro de mim.

Com suas palavras incendiárias, ele entrou profundamente, muito profundamente, dentro dela, incapaz de evitar.

—Então... —ela disse, seus dedos nas bochechas dele, —Então eu fiz você meu.

Ele pegou os dedos dela na mão e beijou um por um.

—Você me fez seu há muito tempo, mas agora você finalmente me reivindicou.

Ela lambeu os dedos dele.

—Eu não sei porquê esperei tanto. Amo te reivindicar.

Ele cerrou os dentes.

—Pare tudo. Ou você vai me fazer ejacular prematuramente.

Ela sugou os dedos *dele*, sua língua brincava.

—O que é isso?

Ele respirou fundo.

—Despejar minha semente sem te agradar apropriadamente primeiro.

Os olhos dela eram infinitamente maliciosos.

—Mas você já me agradou apropriadamente. Vá em frente, despeje a sua semente. Eu quero que você faça.

Ele quase fez com o som daquelas palavras.

—Fique quieta, Helena. Tenho meu orgulho para considerar.

—Hmm. —Ela o beijou no pescoço, *lambeu* seu pescoço. A mão dela deslizou entre os seus corpos para tocar a base do seu pênis.

—Pare. —Para pontuar as palavras, ele saiu e se moveu para dentro dela de novo.

Os olhos dela se escancararam.

—Minha nossa. O que foi isso?

Ele fez de novo, mais fundo, mais forte.

—Isso?

A respiração dela ficou mais rápida.

—Sim, isso.

—Isso é o que você não vai ter mais caso eu chegue lá cedo. —ele rosnou.

—Mudei de ideia. Quero que você continue fazendo isso.

—Deus! —Ele blasfemou, quase arruinado por outra onda de luxúria.

—Eu não vou durar se você não ficar calada.

Ela não tinha nenhuma piedade.

—Você deve, você tem seu orgulho para considerar. E eu quero te dizer o quanto é bom te sentir dentro de mim, como é grande, forte e poderoso. —Ela o envolveu com as pernas. —Eu devo deixar você jantar mais tarde, mas não vou deixa-lo dormir. Você vai me satisfazer a noite inteira.

Ele a beijou para silenciar-la, mas não tinha escapatória das suas mãos inteligentes ou do seu corpo inquieto. Anos de fantasias se empalideceram com insignificância diante da realidade de fazer amor com ela. Porque mesmo em seus sonhos mais loucos ela permanecia ainda um pouco indiferente. Não havia indiferença aqui, nenhuma relutância. Ela era toda intensa boa vontade e toques safados, querendo-o tanto que já estava estremecendo de novo, gemendo delirante em seus lábios.

Ele tremeu com seu próprio clímax, esvaziando-se dentro dela tanto e por mais tempo do que ele pensou ser possível, cada convulsão mais prazerosa que a anterior. Ela o beijou nos lábios, no nariz e entre seus olhos. Ele

desmoronou em cima dela, seu coração explodindo com doçura, totalmente drenado e totalmente perdido.

Ela puxou seu cabelo.

—Estou acordado —ele murmurou.

—Você estava tão silencioso. —ela disse, brincando com o lóbulo de sua orelha.

Ele sorriu dentro da curva do seu pescoço.

—Eu estava imaginando o Lago do Saara.

Ela se moveu levemente para olhar nos olhos dele.

—Como assim?

Ele levantou uma mão para tocar sua bochecha.

—Eu costumava pensar que te amar era como rezar para chover no meio do deserto do Saara. Bem, a chuva chegou, tanta chuva que logo metade do norte da África será um lago. Haverá novos campos e florestas, um infinidade de peixes, vida selvagem abundante de todos os tipos. E quando o sol nascer, pássaro em bandos aos milhares voarão sobre o lago, suas asas brancas como bandeiras na luz da manhã.

Ela o encarou, seus olhos tão verdes e suaves como os campos de sua imaginação.

—Isso é lindo.

Ele se sentia como um viajante diante das costas do lago do Saara, depois de andar descalço por centenas de milhas, ainda assim toda a dificuldade deixada para trás, preenchida com milagres e referência a maravilha de tudo.

Ela o beijou lentamente, suavemente, e então disse as palavras mais amáveis sob o céu.

—Vamos fazer chover um pouco mais, David.

Capítulo 12

Helena estava de ótimo humor. Quem não estaria depois de uma noite de amor gloriosa?

Além disso, parada na plataforma da estação de trem, ela estava cercada pela família de novo, estavam todos saindo de Londres, ela e David para Kent, Fitz e Millie para Somerset, e Lexington e Venetia para Derbyshire. E no topo de tudo, as memórias recuperadas estavam sendo úteis.

Duas damas, que também esperavam por Helena, pararam para desejar a Helena boa saúde e felicidade conjugal. E Helena não precisou ser apresentada a elas de novo, porque ela já havia as conhecido no primeiro casamento de Venetia e lembrou perfeitamente.

E miraculosamente, nada pareceu mudar sobre isso tampouco. Srta. Tallwood ainda usava óculos e era ligeiramente encurvada, mais interessada na história dos tecidos do que vesti-los de fato. Sua bela irmã Sra. Damien persistia na viuvês, dando preferência a nutrir orquídeas do que maridos e filhos.

Helena gostou de ouvir a conversa das irmãs, já que ela estava ciente de Fitz e David que conversavam discretamente, um pouco mais distantes dos outros.

Srta. Tallwood poetizava sobre um raio de brocado do século XV que ela recentemente acrescentou a sua coleção quando a Sra. Damien resmungou.

—Oh, olhe, não é o gentil Sr. Martin que te ajudou a provar a procedência do seu brocado?

Com a menção daquele nome, o coração de Helena pesou desagradavelmente. Venetia, Millie e Lexington olharam para ela, David escreveu para todos, informando que Helena já sabia da verdade do seu passado.

—Você está certa. —disse Srta. Tallwood. —Foi ele. E você é sua editora, não é, Lady Hastings?

Helena manteve sua voz neutra e deu um resposta curta.

—Sim.

Srta. Damien acenou para o Sr. Martin.

—Olá, Sr. Martin!

Com o som de seu nome, Sr. Martin olhou na direção delas e

imediatamente ficou vermelho. Ele parecia procurar um lugar para se esconder. Mas a Sra. Damien não toleraria nenhum impulso anti-social e o chamou de novo: —Venha aqui, Sr. Martin.

Agora ele não tinha escolha a não ser se aproximar. Helena, com o rosto cautelosamente endurecido, o apresentou ao marido de Venetia, que ele ainda não conhecia. Sr. Martin gaguejava entre as apresentações. Ela estava envergonhada por ele e mortificada por si mesma, se sentindo mais incrédula por não ter nada a fazer com esse homem além de cumprimentos e apertos de mão.

Ela arriscou uma olhadela para David. Ele observava tenso, mas deu uma pequena levantada de queixo para reafirmar que estava tudo bem. O passo era o passado, disse o gesto; não tinha sentido se preocupar com o que não podia ser mudado.

—Você está indo para casa, Sr. Martin? —perguntou Srta. Tallwood, alheia ao que ocorria.

O Sr. Martin enxugou sua testa com um lenço.

—Eu, Eu estou indo visitar minha mãe.

—Ouvi dizer que ela ficou doente mais cedo nessa temporada. —disse Millie gentilmente. —Mas entendi que ela já se recuperou totalmente.

—Infelizmente a recuperação não está tão completa como nós gostaríamos. —respondeu Sr. Martin, parecendo perturbado. —E agora essa notícia sobre febre deixou os médicos preocupados.

Helena sentiu uma onda involuntária de simpatia por ele. Ele ainda se lembrava de tudo; sua frieza com ele devia ser terrivelmente desconfortável, dado a dedicação com que ela o perseguia. Agora a mãe dele estava tão doente que ele se preocupava pela sua vida...

—Eu espero que a Sra. Martin tenha uma recuperação rápida. —ela disse. —E que você tenha a companhia dela por muitos anos ainda.

Todos os outros também ofereceram solidariedade ao Sr. Martin que murmurou agradecimentos e saiu com uma reverência.

Helena suspirou de alívio com a saída dele. Ela não o culpava por nada —estava muito evidente que ela que devia ter instigado o caso e pressionou a concordar. Mesmo assim, ela estava feliz que com o fim da temporada, ela não esbarrar com ele de novo por meses e meses.

—Olhe a hora! —ela disse vivaz. —É quase hora de embarcarmos, Lorde Hastings. Devemos nos despedir?

O coração de Hastings bateu forte quando ele e Helena se sentaram no vagão privado. Sem a visão daqueles que continuavam na plataforma, a mão enluvada dela pegou a dele.

Com a mão livre ela acenou para sua família, Srta. Tallwood e Sra. Damien.

—Eu não estou mais pensando nele e nem você deveria.

Ele estava perigosamente feliz, mas momentos como esse faziam as crises de desespero terem valido a pena. Ele se juntou a ela no aceno.

—Eu não estava pensando nele, mas em nós.

Um assobio de vapor explodiu estridente, indicando que a partida iminente do trem. Na plataforma, um guarda pedia para a multidão se afastar. Ela continuou acenando.

—Você não estava falando com Fitz sobre isso, estava?

—Minha nossa, não, pelo menos não da maneira que você está pensando. Nós estávamos falando sobre a Sra. Englewood, seu antigo amor.

—Um amor antes de casar com Millie?

Ele a olhou, surpreso.

—Ninguém mencionou isso para você ainda? Fitz teve que desistir dela porque precisava casar com uma herdeira.

Ela balançou a cabeça.

—Não. Fitz e Millie sempre falavam da vida deles juntos como se tudo tivesse estado em um perfeito estado de harmonia e felicidade desde que se casaram. Eu nunca adivinharia que tinha outra pessoa.

—Pois tinha. A Sra. Englewood voltou da Índia durante a temporada, essa temporada e ela e Fitz estavam prontos para formar sua própria família. Ele tomou juízo um pouco antes do seu acidente.

Ela piscou.

—Nunca imaginaria.

—Nem eu acreditaria agora, mas foi o que aconteceu.

O trem começou a se mover, o ronco das rodas ganhou volume e profundidade. Eles acenaram uma última vez para todos na plataforma.

Um nó de viajantes se arrastou após serem detidos na pressa para sair da estação ferroviária. Uma mulher virou a cabeça para olhar ríspidamente em direção de Venetia, capturando a atenção de Hastings.

Sra. Andrew Martin. Martin estava em algum lugar na mesma estação, pegando o trem, mas sua mulher visivelmente voltou de uma jornada diferente. Hastings supôs que fosse a norma de casais que viviam vidas

separadas.

E as vidas dos Martins eram totalmente separadas. Um homem bem vestido cumprimentou a Sra. Martin pegando suas duas mãos nas dele, embora brevemente.

—Eu lembro dela —, Helena gritou..

Sobressaltado, e com o coração na boca, ele se virou para Helena. Você lembra da *Sra. Martin*?

Ela não poderia se lembrar da Sra. Martin sem antes se lembrar de Andrew Martin.

—Não, eu lembro da Srta. Isabelle Pelham, o amor de Fitz. —Seus olhos se abriram totalmente, as mãos dela se apertou em sua garganta. —*Ela é quem você chamava de Sra. Englewood agorinha?*

—É.

Muitas emoções atravessaram as feições de Helena: choque, tristeza, admiração.

—Fitz a amava muito. E eles eram tão perfeitos um para o outro —Pensei que isso o destruiria.

—Quase destruiu. —Hastings disse através de lábios de repente entorpecidos.

Fitze e Helena tinham dezenove anos quando Fitz herdou o condado. A sua memória tinha se estendido tanto, ou ela exclamaria, a qualquer momento, o primeiro encontro com Andrew Martin?

—Você se lembra de conhecer Millie? —ele perguntou, testando a memória dela indiretamente.

Ela franziu o cenho e balançou a cabeça.

—Não, ainda não lembro dela.

Mas antes que pudesse suspirar de alívio, ela fez um lançamento suave. Então seus olhos se estreitaram e ela o olhou de um jeito que ele lembrava muito bem, fazendo-o ficar frio como gelo.

—Eu ainda não lembro dela. —ela repetiu. —Mas agora eu lembro de você.

A expressão dele seria cômica, se Helena tivesse a menor vontade de rir. Mas ela sentiu apenas descrença, desânimo, e um profundo senso de humilhação, tudo em dobro. Mais atroz pela fraqueza da inconfundível agitação de náusea.

Ela lembrava dele.

Não a ocasião que eles se conheceram, mas sim os sólidos quatro anos de

suas visitas: verão, Natal, e Páscoa. Ele amava visitar Hampton House, e a única coisa que ela amava sobre essas visitas era sua eventual partida.

Ela recebeu de Fitz um telegrama avisando de seu casamento iminente três semanas depois de ela retornar da escola na Suíça. Antes que ela estivesse em casa para o feriado de Páscoa, e diariamente, às vezes horas seguidas, Hastings, ela não conseguia mais pensar nele como David, a importunou. Às vezes com um mero olhar malicioso, mais frequentemente com um estalido lascivo da língua quando ninguém podia vê-lo, e no resto do tempo um insulto rapidamente proferido quando ele passava por ela em uma sala ou uma passagem. *Eu vejo que a cor do seu cabelo não melhorou com o tempo. Editora? Você realmente está morrendo para ser uma velha empregada seca, não é? Quando deus te fez, ele deve ter pensado na Holanda —liso e sem graça.*

E essa era só a ponta do iceberg.

Um Hastings de quinze anos fora do lado de fora da janela da casa antiga, usando um espelho para refletir a luz do sol dentro dos olhos dela. E quando ela jogou um copo de água na sua cara, ele balançou uma bandeira branca, exceto que a bandeira branca era feita de uma de suas anáguas que ele roubou da lavanderia.

Um Hastings de dezesseis anos dizendo para ela que ela nunca iria ter peitos a menos que ela o convidasse a massageá-los. *É o único jeito de fazê-los ficarem maiores, o toque de um homem.*

E o que ele disse sobre Easton Grange? *É uma masmorra, Srta. Fitzhugh —meu tio era um calvinista fora de moda, e você sabe o que esse tipo de homem são na privacidade de sua casas. Eu escutei que frequentemente tinha uma menina na masmorra, acorrentada a parede ou presa numa engenhoca que a deixava indefesa diante dos desejos egoístas de um homem.*

Não estou dizer que vou assumir depois do meu tio. Mas se sim, você sabe o que eu amaria fazer? Descer nessa masmorra e atormentar minha pequena escrava quando a casa estiver cheia de convidados, sua família inclusa, cheia de pensamentos aconchegantes e agradecidos pela minha hospitalidade.

Ela não conseguia juntar ar suficiente em seus pulmões. As memórias a irrompiam sem fim, Hastings, sempre presunçoso, sempre obsceno, sempre determinado a reduzir sua existência a uma fogueira de solteironas insatisfeitas dentro de um par de peitos sem graça.

Tardamente ela percebeu que seus dedos ainda cobriam os dele. Ela

puxou sua mão, levantou de um salto e foi para o mais longe dele que era possível sem saltar de um trem andando.

—Helena...

Ela o olhou. Ela entendeu, teoricamente, que a expressão dele era sincera e triste, mas tudo que ela conseguia ver era o zombador descarado e arrogante que ela lembrava tão bem. Sua garganta queimava de asco.

Ela virou seu rosto para a janela mais próxima.

—Por favor, me deixe sozinha. Você já disse o suficiente.

Capítulo 13

Hastings temeu que o desprazer de Helena se despejasse no seu encontro com Bea.

Ele não devia ter se preocupado. Até eles chegarem na porta do quarto infantil, ela estava friamente distante. Mas uma vez que a porta abriu, ela era nada além de calorosa e sorridente.

Bea, entretanto, era mais sensível que a maioria das crianças à tensão —talvez ela sentiu que o cumprimento amigável de Helena era forçado, ou que seu pai estava completamente perturbado. Ela nunca gostou de conhecer estranhos, mas hoje ela estava duas vezes mais fria. Seu movimento, enquanto ela fazia uma reverência a Helena, era terrivelmente descoordenado. Hastings, temendo que ela perdesse o equilíbrio, tinha a mão estendida de prontidão.

—Eu sou sua madrastra. —Helena ficou sob um joelho —ela tinha um jeito simples, bem natural com crianças. —Posso chama-la de Bea?

Bea assentiu com um movimento rápido, como se alguém a puxasse por uma corda para mover sua cabeça.

—Sou uma editora de livros. Você gosta de ler?

Bea assentiu de novo.

—Mas você não gosta de falar?

Bea olhou para baixo e agarrou a mão de Hastings.

—Ela é tímida. —ele disse.

Tímida e temerosa, sua pobre filha.

Helena não deu atenção a ele.

—Estou muito contente em conhecê-la, Bea. Espero que nos tornemos boas amigas, como desejamos —a voz dela falhou por um momento —passando um bom tempo juntas.

Ela ficou incapaz de falar por causa do pensamento de um casamento com ele ser uma estaca em seus pulmões? Os próprios pulmões dele queimavam com uma tristeza inútil.

Helena se endireitou.

—Ouvi dizer que crianças devem ser vistas e não ouvidas. Eu nunca acreditei nisso. Vai ser ótimo te ver, Bea. Eu espero algum dia ouvir a sua voz.

Ela sorriu de novo para Bea, mas foi um sorriso abatido. Sobressaltou Hastings perceber que ela estava desapontada. Sem pensar sobre, ele disse: —Se lembra do que o papai te disse, bonequinha? Lady Hastings ficou muito machucada recentemente, mas ela veio até aqui só para te ver. Você pode acenar para ela? Seu aceno especial?

Ele percebeu seu erro logo que terminou de falar. Mesmo crianças normais frequentemente respondiam imprevisivelmente a ordens repentinas. Bea, que era piedosamente devotada a sua rotina e já estava nervosa de ser apresentada a uma estranha, ficou totalmente paralisada por seu pedido inesperado.

Ela contraiu suas bochechas, pressionou seu lábios juntos, e encarou as pontas de suas botinhas. Como uma tartaruga colocando sua cabeça e membros dentro da concha quando encaram perigos e incertezas, Bea, também, se contraiu em sua concha.

Helena mordeu seus lábios. Ela ficaria bem em sair sem nenhum gesto especial de Bea. Ela não precisava que Hastings pressionasse a garota, ou da cena que provavelmente ocorreria.

Hastings já parecia derrotado, como se ele estivesse a dizer a Bea para não se importar com o que ele disse e voltar ao que estava fazendo. Mas no momento seguinte, ele suspirou profundamente e abaixou para deixar seus olhos no mesmo nível do de sua filha.

—Eu não quero deixar as coisas difíceis para você, bonequinha, e eu peço desculpas se deixei. Mas veja, é um dia muito especial para o papai trazer Lady Hastings para casa. E eu estou muito feliz e animado.

A voz dele...ele podia pedir para uma mulher remover seu corpete em público e algumas teriam concordado. E seu perfil, um perfil tão maravilhosamente perfeito, a lembrou de uma pintura de anjo rezando de um velho mestre, sincero e...

Humilde.

Ela não estava acostumada a vê-lo humilde. Sua mente não conseguia reconhecê-lo como o mesmo garoto desagradável que ela conheceu na adolescência, e falhou em impô-lo sua zombaria repelente de garotos acima de seus recursos.

Tudo que ela conseguia enxergar era um jovem e uma criança que devia ser envolvida em delicadeza, tratada com grande carinho e respeito.

Bea ainda se mantinha rígida, não dando nenhuma indicação de ter ouvido seu pai. Ela não era uma criança desagradável. Sua postura, cabelo bonito de um loiro quase pálido. Ela tinha olhos azuis grandes, uma boca rosa suave, e

uma um tanto quanto adorável sobreposição em seus dentes. Mas faltava nela o charme e a vibração tão frequente em jovens meninas bonitas adorada pelos seus pais.

—Essa é a primeira visita da Lady Hastings a casa, bonequinha. E papai está entusiasmado de ela estar aqui. —disse Hastings suavemente.

Helena sentiu um onda forte de dor no coração. Foi ontem a noite que ela se jogou de cabeça para ele, convencida do encaixe perfeito entre os dois e da futura felicidade?

Ela sabia o que ele disse para ela, que toda a má conduta dele era derivada da sua inabilidade de declarar seu amor. Mas ela não conseguia ver amor em sua longa história de insultos e indiretas, apenas uma podridão completa.

—Eu quero que ela se sinta tão bem vinda que nunca queira ir embora. —ele continuou. —Você vai ajudar o papai, bonequinha?

A voz dele podia derreter a inimizade entre o céu e o inferno. Bea, entretanto, não seria vencida tão facilmente. Ela apenas continuou a encarar suas botas, como se o resto das pessoas na sala não existissem. Ou, se ela as ignorasse por tempo suficiente, ela poderia fazê-los não existir.

Srta. McIntyre, babá de Bea, mordida os lábios nervosamente. Helena não pretendia ficar ansiosa, ela não queria se importar com o sucesso dele ou a falta dele. Mas de alguma forma ela segurava a respiração.

Ele não falou mais, mas esfregou seu polegar gentilmente através do palmas da mão tão frágil de Bea e esperou. Helena não gostava de esperar, a fazia ficar nervosa e zangada. Mas ele possuía a paciência de um eremita.

Um minuto se passou. Dois minutos. Três minutos. A babá de Bea estava visivelmente inquieta.

Helena colocou o peso sobre um pé, então voltou para a posição inicial. Outro homem baniria Bea em seu quarto sem jantar, mas Hastings permanecia esperando, levantando sua mão da de Bea para alisar um mecha de seu cabelo que se perdeu da trança.

Quando a tensão no quarto se tornava intolerável, Bea levantou sua mão livre e acenou brevemente para a direção de Helena, com apenas um pequeno dedo estendido. A babá emitiu um audível suspiro de alívio. Helena expirou quase violentamente.

—Obrigada, Bea, —ela disse. —Posso te dizer que estou muito tocada. Você me fez sentir incrivelmente bem vinda.

Hastings lançou para ela um olhar ilegível de tanta intensidade. O caos em sua mente começava a se multiplicar de novo.

—Preciso ir para o meu quarto me trocar e descansar, —ela aqui disse a Bea. —Eu vou deixar seu pai aqui com você. Você vai cuidar dele?

Bea assentiu imediatamente, obviamente apreciando a ideia. O amor dela por ele fazia o coração de Helena se apertar com uma nova dor.

Assim que ela passou por Hastings, ele disse suavemente, —Obrigado.

Ela saiu sem responder. Mas uma vez fora do quarto, ela parou e escutou a porta se entreabrir suavemente. Ao contrário do que ela esperava, Bea não se tornou de repente loquaz, —Papai, isso e papai, aquilo.

Na verdade, pai e filha permaneceram em absoluto silêncio. Helena empurrou a porta aberta um centímetro a mais e viu Hastings e Bea com as mãos apertadas. Eles estavam diante de um vidro que continha um pequena tartaruga, solenemente assistiam a criatura fazer a sua volta devagar, porém determinada.

Nenhum grande mural esperava por Helena em seu quarto, mas uma parede inteira de livros esperava, livros que ela já havia lido e gostado ou que amaria ler assim que tivesse a chance.

Poderia ser que a mulher que ocupou o quarto anteriormente, a tia de Hastings, possuísse um gosto similar ao de Helena? Ou a outra opção era...

Ela não se deixaria completar o pensamento.

Muitas empregas a ajudaram a colocar seus pertences nas gavetas e armários. Ela supervisionava distraidamente. Depois que elas saíram, ela se sentou com uma pilha de livros e tentou ler. Uma batida surgiu na porta meia hora depois, quando ela ainda estava na página dois do primeiro livro. Era um laçao, trazendo um mensagem de Hastings.

Querida Helena, Se você não está muito cansada da viagem, Bea e eu gostaríamos de fazer um convite para que você se junte a nós para o chá. Ela decidiu, para o meu deleite e surpresa, te mostrar seu livro favorito. Eu espero que você goste da leitura tanto quanto eu.

*Seu servo,
Hastings*

Se o convite tivesse sido feito só por Hastings, Helena teria recusado; A viagem de trem foi excruciante com ele tão perto; ela precisava de algum tempo a mais para si mesma, longe dele. Mas ela não tinha coragem de recusar Bea, se foi meio ideia dela dividir seu livro favorito com Helena.

Ela foi guiada para um quarto que o laçao se referiu como a sala de chá da Srta. Bea. Quando a porta abriu diante dela, ela ficou parada por um

momento no limiar, surpresa pela visão da pintura que encontrou, um lindo lago cercado por pequenos chalés de onde flores brotavam das floreiras, vasos fixados na parede e, no caso da casa de campo em particular, um telhado inteiro coberto de terra.

Mas o que a parou não foi o cenário, mas sim os animais com trajes de campo fazendo suas coisas. Aqui um esquilo com uma grande touca branca e um saco marrom como vestido regava suas roseiras com um olhar sonhador; havia um grupo de coelhos em tweeds e calças curtas no meio de um jogo de críquete; e na lagoa, em um pequeno barco com remos azuis, um par de patinhos pescavam, um com um chapéu curvo com uma pipa presa em seu bico, a outra, uma garota, ostentava um chapéu de palha cheio de flores frescas bem como aquelas que ela usava para a procissão anual de barcos de Eton.

—Obrigado por se juntar a nós. —disse Hastings, se levantando da mesa cheia de meia dúzia de pequenos pratos com bolo e sanduíches.

Helena assentiu, não exatamente olhando para ele, e tomou seu lugar do outro lado de Bea, que parecia muito mais animada. Ela não sorria ou falava quando Helena a encontrou, mas ela segurava um caderno grosso revestido em tecido.

Quando Helena tentou pegar o caderno de suas mãos, entretanto, Bea não deixou.

—Ah, entendo. —disse Helena. —Fico feliz em olhar na mesa, minha querida, se você virar as páginas para mim.

Hastings a enviou um pequeno sorriso agradecido conforme se sentava novamente. Ela não sorriu de volta, mas dobrou sua atenção ao caderno.

—Então esse é o seu livro favorito, Bea?

Depois de uns segundos, Bea assentiu.

—Você poderia abrir para mim?

Ela levantou a capa azul de brocado. As primeiras páginas estavam em branco, um papel de alta qualidade que parecia pesado e macio, separados um do outro por camadas de papel de arroz translúcido, esse não era apenas um livro, mas um caderno de rascunhos excepcionalmente bem construído de um artista.

A próxima virada de páginas revelou um patinho com um tweed de campo e um chapéu de feltro, um sujeito de aparência alegre, apesar das cotoveleiras muito sóbrias em seu casaco e um cachimbo de tabaco saindo da aba do bolso.

Helena se virou para os murais e percebeu pela primeira vez que eles ainda não estavam completos: Uma parede permanecia em branco; os traços de uma pequena ponte e uma árvore com um balanço em um galho foram desenhados a lápis, mas nenhuma pintura foi feita. A sala era um trabalho em progresso.

Ela não sabia o motivo de isso causar um pontada em seu coração.

—O patinho no barco na parede é o mesmo que esse?

Bea assentiu de novo. Helena não precisava perguntar a Hastings para saber que ele era o artista. Onde ele escondeu tanto talento durante o tempo enorme e inútil que eles se conheciam?

Próximo ao pé do pato estava escrito o nome Tobias.

—Minha nossa! —disse Helena, —Percebi que ele tem quatro pés. Por que Tobias tem quatro pés?

Bea virou a página. Agora Tobias era mostrado se inclinando para um lado, revelando uma patinha atrás dele: uma patinha no barco, vestindo um chapéu cheio de flores.

—Você tem um chapéu como esse? —Helena perguntou a Bea.

Bea olhou para o pai. Ele lhe deu um sorriso encorajador, uma expressão de gentileza e afeição infinitas. Helena não sabia que o encarava até Bea puxar sua manga. E quanto Helena voltou sua atenção para a menina, Bea assentiu devagar e enfaticamente, como se ela estivesse repetindo sua resposta.

Helena quase tinha se esquecido da pergunta. O chapéu, certo, o chapéu florido. —Você gosta muito de flores?

A pergunta foi respondida com outro aceno.

—Você faz jardinagem?

Dessa vez a resposta era mais complicada. Bea assentiu, franziu o cenho, então balançou a cabeça, parecendo vagamente desencorajada.

—Ela rega uma parte do jardim nas segundas-feiras. —Hastings explicou.

Ele não falava por alguns minutos, deixando a conversa para Helena e Bea. O som de sua voz a vez voltar de repente para quando estava de cama, ouvindo-o ler sonetos de Elizabeth Barret Browning.

Ela empurrou suas memórias para o fundo e abaixou um pouco sua cabeça para olhar mais diretamente para os olhos de Bea.

—Eu publiquei um livro de jardinagem, um muito bom. Se você quiser, Bea, você pode pedir para o seu papai ler para você, então você pode aprender como plantar as flores mais lindas. E também, minha cunhada, Lady

Fitzhugh, tem um dos jardins mais lindos da Inglaterra. Quando você começar seu próprio jardim, nós podemos pedir para ela algumas sementes e mudas.

O que Helena disse não cabia perfeitamente nem em um aceno e nem em uma negativa. Bea pareceu desorientada por um momento. Depois de um tempo ela simplesmente olhou para baixo e virou a página de novo.

Agora havia um chalé com teto de palha, suas janelas cheiras de ásteres e gerânios. O chalé estava localizado na borda de uma lagoa. Um caminho de paralelepípedos alinhados com flores em um gramado levou para um pequeno cais, onde um barco a remo foi amarrado.

Helena olhou em direção aos murais de novo e encontrou uma casa exatamente igual, exceto pelo barco, ao invés de estar atado ao píer, estava em uso na lagoa.

—É ali onde Tobias e seus amigos vivem?

Bea virou página para mostrar o nome da patinha, escrito em cima dos ombros. Nanette. Ela então continuou para a página depois da ilustração do chalé, onde as primeiras linhas de texto apareceram e esperou com expectativa.

Ela queria dizer para Helena ler a história em voz alta.

Helena concordou.

—Fazia um tempo desde que Tobias e Nanette encontraram uma aventura. Duas semanas, exatamente. Agora, você pode dizer que duas semanas não são muito tempo. Mas para os patinhos, aventuras são como bolos. Uma vez que você experimenta um bolo, duas semanas se tornam um longo tempo sem tê-lo.

—Você é o autor também, Hastings? —ela perguntou sem se virar para ele.

—Sim.

O Garoto do Olhar Malicioso cresceu para escrever e ilustrar livros infantis. Por que ela se sentia tão... irritada? Ou ela estava irritada porque preferia a simplicidade da raiva do que a complexidade confusa do resto de suas emoções?

Bea, que já tinha virado a página, bateu de leve no livro para ganhar a atenção de Helena. Helena sorriu em desculpas e continuou.

—Mas na manhã brilhante de fim de verão, eles não encontravam Aventura. Aventura viajou todo o caminho do Egito em quatro pernas. Veja, o Nilo ficava intoleravelmente quente nessa época do ano, e o Sr. Crispin

Crocodilo, portanto, fazia sua viagem anual ao norte, onde os verões são frios e refrescantes como sorvete de limão. E lá estava o Sr. Crispin Crocodilo, em seu terno de verão, esfregando sua testa com o lenço de bolso. Ele parecia enorme e faminto. Tobias estava fazendo sua caminhada matinal de sempre em volta da lagoa. Todos os vizinhos, os esquilos, os castores, os coelhos, etc, pareciam ter desaparecido. "Parece a época do ano para férias", ele murmurou consigo mesmo. Mas ele estava bem feliz de permanecer na lagoa com sua querida Nanette, até que viu o Sr. Crispin Crocodilo sentado com sua mala de viagem para sentir as chaves seu bolso. De repente Tobias entendeu porque seus vizinhos tinham sumido, e porque ele foi capaz de comprar seu maravilhoso chalé no outono anterior por um preço tão bom.

O Garoto com Olhar Malicioso cresceu não apenas para escrever e ilustrar livros infantis, como para fazê-lo com uma segurança e charme excepcionais.

Bea bateu na página de novo, esperando para Helena continuar.

—Eu posso ler para ela se você não quiser. —Hastings ofereceu.

Ainda sem olhá-lo, Helena disse —Estou bem. Lerei o resto.

Srta. McInture, babá de Bea, veio para busca-la no fim do chá, deixando Hastings e Helena sozinhos na sala. Ele esperava que Helena saísse logo depois de Bea, mas invés disso ela o lançou um olhar duro e disse.

—Essa é uma história muito boa.

O coração dele quase saiu do peito com o elogio.

—Obrigado. Estou feliz que você tenha gostado, já que você é a editora da história e de outras onze como essa.

Ela franziu o cenho concentrada, como se pensasse reunir cada detalhe de toda correspondência e documentos que leu recentemente.

—Então você é a Srta. Evangeline South e esse é um dos Contos do Sapo da Lagoa?

—Correto. —Ela se inclinou para frente e pegou um sanduíche de pepino. Ele encarou a linha do seu braço. Ela tinha braços maravilhosamente ágeis e longos. Em um vestido de baile eles eram um espetáculo para ser visto.

—Você poderia ter pedido mais que cento e dez libras pelos direitos. —ela disse.

Ele deu de ombros. Não precisava de dinheiro e ficaria contente com o quanto ela oferecesse.

—Deixe-me adivinhar: Você nunca me disse que era o autor.

—Correto.

A expressão dela não era revoltada, como antes, mas vagamente, embora profundamente, aborrecida.

—Por que não?

Ele deu de ombros novamente: —Não queria que você caçoasse de mim.

—Eu não nego que pudesse caçoar de você, a princípio. Mas no fim eu não ria de talento e trabalho duro. E seria uma maneira incrivelmente melhor de ganhar minha atenção do que esses métodos detestáveis que você escolheu.

Ele olhou nos olhos dela, olhos amáveis e imperiosos que o escravizaram desde o começo.

—Você está certa. Me desculpe.

Ela abriu a boca. Por um momento pareceu que ela diria alguma coisa em resposta, mas não fez. Ela comeu o resto do sanduíche em silêncio, limpou a mão em guardanapo, e saiu.

Helena estava quase indo para cama quando ouviu uma batida na porta.

—Sim?

Era Hastings, que poderia ter usado a porta que unia os dois quartos, mas escolheu se aproximar pela entrada formal.

A última vez que ela o viu no chá da Bea foi horas atrás, então não havia necessidade de seu pulso se acelerar com sua proximidade. Mas acelerou. As mãos dela estiveram por todo o cabelo dele —e por todo o resto dele. Ela lambeu seu lindo pescoço. E se ofereceu para colocar a masculinidade dele em sua boca e satisfazê-lo até ele...

—Precisa de algo, Lorde Hastings? —Pelo menos sua voz soava apropriadamente distante.

Ele tinha um grande envelope em mãos.

—Tenho outro manuscrito para você.

—Outro conto do Sapo da Lagoa?

—Não, algo muito menos apropriado para crianças.

—O que é?

—Uma história erótica.

Ela piscou, surpresa.

—Escritores de livros infantis também se arriscam em pornografia hoje em dia?

Ele hesitou.

—É uma história erótica sobre você e eu.

O coração dela bateu forte de aflição e, infelizmente, ainda mais excitação.

—Você acha que eu gostaria de uma história sobre você fazer sexo comigo e aproveitaria?

Os olhos deles estavam no envelope em suas mãos, seus dedos enrugavam o canto da aba.

—Não foi escrito para excitar, ou talvez eu deva dizer que não foi escrito apenas para excitar. Quando sua família te levou para a América no começo do ano, eles esperavam que o tempo e a distância esfriassem sua paixão pelo Sr. Martin. Eu, por outro lado, temia que a privação fizesse você ficar imprudente, o que te levaria a ser pega. Seria nesse momento que eu, claro, apareceria e te pediria em casamento. E você aceitaria minha mão para salvar sua família do escândalo. Mas eu não conseguia evitar de imaginar o quão infeliz seria esse casamento, o que me levou a escrever a história.

A explicação dele não fazia sentido para ela.

—E a história nos faria menos tristes?

—Iria... —Ele inspirou profundamente. —Sim, eu acho que sim. É uma carta de amor, entende, cheia de tudo que eu nunca consegui dizer pessoalmente.

Uma doce tristeza a engoliu. Então ele tentou, mesmo de uma maneira indireta, corteja-la.

—Lamentavelmente —ele continuou —Eu provavelmente escrevi e illustrei a história de um jeito que garantiria que você nunca passasse das primeiras duas páginas.

Ela poderia estrangulá-lo de desapontamento.

—Você é realmente seu maior inimigo, não é?

Ele levantou o rosto, seus olhos um mar cinza na luz das lâmpadas.

—Sim, eu sei disso há bastante tempo.

Ela não disse nada em resposta, mas ele quase poderia ouvir o seu grito, Seu idiota, na cabeça.

Ele bateu seus dedos no envelope que continua tudo que ele deveria ter dito há muito tempo ou uma cópia, já que o original ainda estava no seu escritório na Fitzhugh e Companhia.

—Vou deixar isso com você, então... —Ele deixou o envelope na mesa. —Boa noite.

Na porta, entretanto, a voz dela o parou.

—Quando eu ainda estava na casa dele, Fitz me disse para lembrar que você é sensível e orgulhoso. Eu não me importo com pessoas sensíveis e

orgulhosas, mas você é tão sensível e orgulhoso quanto o TajMahal é um mausoléu comum, um monumento branco de mármore com jardins, minaretes, e uma piscina refletora também.

Ela suspirou longa e vacilantemente, tentando se acalmar.

—Por quê? Por que você é assim?

Ele não tinha ideia de como responder essa pergunta.

Os olhos delas se estreitaram, então ela se virou para a cornija. Ele percebeu que ela apenas seguiu a direção da sua linha de visão, e ele estava olhando, sem ter intenção, para a fotografia de sua mãe.

Ela caminhou até a cornija para olhar de perto a fotografia que retratava sua mãe usando um traje. Na pequena placa na moldura se lia, *Belinda Montagu como Viola*. —Minha nossa —ela murmurou. —É sua mãe?

Ele herdou as ondas e as maçãs do rosto de sua mãe; a semelhança era inegável.

—Sim.

Helena se virou.

—Ela era uma *atriz*?

Ele não podia dizer se Helena entendeu qual palco era, além da avenida onde sua mãe vendia seus favores, mas pessoas suficientes pensaram o mesmo em sua vida então ele em reflexo saiu em sua defesa mais comum.

—Ela era muito boa em sua profissão.

—Não duvido disso. Apenas estou chocada pela família do seu pai ter permitido esse casamento acontecer.

—Meu tio tinha dezesseis anos a mais que o meu pai e era muito permissivo com seu irmão menor. Sem dúvida meu pai o convenceu que minha mãe se acomodaria e se tornaria uma boa dona de casa, e naquela época seu passado nos palcos já estariam esquecidos como as novidades do ano anterior.

Era estranho falar sobre a história de sua família, quase como se ele estivesse se despidendo em público, até ficar só de roupa de baixo. Ele nunca fez isso antes: Todos já conheciam ou logo descobriam de outra pessoa. E quando os garotos da escola descobriram, as únicas explicações que ele deu foi com seus punhos.

—E Belinda Montagu se tornou a domesticada Sra. Hillsborough?

—O nome real dela era Mary Wensley. E não, depois de dois anos ela retornou aos palcos. Ela e meu pai estavam no meio de anulamento quando ele morreu, eu nasci oito meses e meio depois. Meu tio estava convencido

que meu nascimento era um estratagema sem vergonha da parte de minha mãe para ganhar um pedaço de sua fortuna, já que ele e a mulher não tinham filhos.

Mas eu pensei que seu tio era seu guardião.

—Eu vivi com minha mãe até os sete anos. Então, um dia, nós nos deparamos com meu tio. E dentro de semanas ele assumiu minha guarda.

Olhando para trás, ele percebeu que era bem possível que sua mãe tivesse arranjado o encontro. Ela sabia que não viveria muito e queria que ele tivesse tudo que o tio pudesse oferecer. Mas Hastings não queria nada que o tio tivesse, não enquanto seu tio estivesse determinado a reparar sua permissividade com seu irmão, negando a Hastings cada liberdade e prazer sob o sol.

Enquanto sua mãe viveu, ele fugiu para visita-la toda vez que sua babá virava as costas. Depois que ela morreu, ele viveu com um bando de ciganos por quase seis meses até que alguém o capturasse e o levasse para casa. Ele não se incomodava de fugir de Economismo com todos os valentões era melhor que viver em casa com seu tio. E eventualmente os valentões aprenderam a deixá-lo em paz, porque ele era um lutador muito mais sujo que eles, e ninguém saiu de uma briga com ele ileso.

Helena franziu o cenho, mas seus olhos se tornaram mais suaves, como se ela tivesse começando a entender algo sobre ele que não entendia antes.

—Não —ele disse imediatamente. —Não me desculpe por ser um canalha simplesmente pela profissão da minha mãe ter me causado dificuldade com meu tio e na escola. Você nunca fez isso antes e eu sempre gostei disso em você. Eu ganhei sua rejeição não pela graça dos meus parentes, mas por causa do meus próprios feitos.

Ela o encarou, essa estupidez poderia fazê-lo perder sua simpatia.

—Bem, então, se você diz. Você é um completo canalha e sua adorável mãe deveria estar envergonhada de você.

Por algum motivo, a maneira que ela pôs sua reprimenda, rolando os olhos com metade admiração, metade exasperação, o fez sorrir, o primeiro sorriso genuíno desde que ela se lembrou que realmente era um completo canalha.

Os cantos dos lábios dela também se levantaram, mas se foram antes que ele pudesse ver essa semente de alegria se tornar algo mais.

—Boa noite. —ela disse —E você pode deixar sua história obscena aqui. Eu posso dar uma olhar quando terminar com todos os outros livros que você tem.

Uma promessa feita, era mais que suficientemente boa para ele.

Não foi antes de abrir a porta que ele se lembrou de contar para ela.

—Aliás, você passa a maior parte da história amarrada na cama. Espero que você goste.

Capítulo 14

Helena circulou a mesa onde o envelope estava, segurando O queixo, limpando a garganta, considerando o manuscrito de Hastings com desconfiança. Era tarde; ela deveria estar descansando e não tinha muito apetite para erotismo ou pelo menos, não desenvolveu muita apreciação pelo assunto até ter dezenove anos.

Mas, afinal de contas, não podia simplesmente deixar sem ler uma carta de amor obscena em que estava amarrada a cama para o prazer de seu marido.

O manuscrito, intitulado como *A Noiva de Larkspear*, tinha um lugar onde Hastings havia deixado uma nota dizendo "Se você não ler nada mais, leia isso". Mas se ela não lesse nada mais, como ela saberia em qual contexto estava a passagem que ele selecionou?

Ela abriu o manuscrito em uma página aleatória para ver o que absolutamente *não* precisava ler.

—*Por que minhas mãos estão amarradas?* —ela murmurou, —*Você está com medo delas?*

—*Claro. —Eu respondi. —Um homem que persegue uma leoa sempre deve ficar atento.*

—*E o que ele faz quando captura uma leoa e a coloca em uma gaiola?*

Eu acariciei um mecha de cabelo que caiu diante de seus olhos —Ele a ensina que o cativo pode ser maravilhosamente apreciável e a treina para se tornar um gato doméstico, um bichano doce e disposto.

Os olhos dela se escureceram diante das minhas indiretas não muito sutis.

—*Leões não se tornam gatos domésticos.*

Minha mão caminhou e arranhou seu tórax.

—*Para que subestimar uma habilidade de mudar? É a apenas a sua primeira hora de encarceramento.*

Eu sempre amei antagonizá-la. Não é de se admirar que ela tenha me recusado por tanto tempo. No fim ela me escolheu invés da ruína absoluta. Não era uma escolha que me agradava, mas agora ela é minha, para o bem ou para o mal.

E era mesmo os dois.

—*Por quê?* —ela perguntou, sua voz firme —*Você é um homem com fortuna e posição. Você não carece de atenção feminina. Sempre ouvi você*

ser descrito como charmoso, embora eu nunca tenha entendido. Por que então você escolheu me encarcerar quando muitas outras ficariam felizes em serem seus animais de estimação, seus bichanos doces e dispostos?

Eu me aproximei e vi o pulso de sua garganta se acelerar. Os peitos dela se levantavam e caíam com uma cadência lindamente agitada. A luxúria crescia como uma maré escura no meu sangue.

—A avidez delas me entendia. —Eu sussurrei, meus lábios praticamente acariciavam sua orelha. —Seria mais divertido ver você lutar.

Um tremor passou através dela. Minha querida estava me achando mais difícil de ignorar.

—Você me revolta. —ela disse duramente.

Eu não duvidei disso. Mas se a revolta dela fosse pura e absoluta, nós não estaríamos aqui. Dentro do seu desprezo frio sempre teve, ou eu acredito que sim, um elemento de interesse que ela se recusa a reconhecer.

—Excelente. Nada apimenta mais o prazer como um pouco de repulsa.

Bem, até agora não tinha nada terrivelmente obsceno.

Eu segurei seu seio e esfreguei meu polegar ao redor seus mamilos já endurecidos.

Helena quase derrubou todas as páginas. Ela julgou cedo demais; isso certamente era uma história erótica.

O mestre de Larkspear deu a sua noiva relutante prazer com seus dedos enquanto ela estava amarrada aos postes da cama. Então ele a amarrou na cabeceira e deu a ela outro clímax trêmulo —dessa vez com seu pênis.

Precisou de algum tempo para que Helena parasse de arquejar. Ela não ousou ler mais, ou ela derrubaria a porta que conectava os quartos e violentaria Hastings e ela estava longe de ter certeza sobre como se sentia sobre ele.

Mas assim que deixou o manuscrito de lado, ela viu a nota de Hastings de novo: Se você não ler nada mais, leia isso.

Oh, por que não?

O orgasmo era poderoso, uma longa e voluptuosa convulsão de prazer mútuo. Depois eu desatei seus pulsos e a segurei em meus braços. Ela acreditava que era o seu corpo que me enfeitiçou, sua pele macia e beleza severa. Ela não estava errada; eu fui seduzido pela sua pele macia e sua beleza severa. Mas era isso que me mantinha em seu encalço, esse momento paradisíaco quando ela ainda estava muito inundada de prazer para usar suas mãos livres para me mandar embora.

Eu afundei meu rosto na glória do seu cabelo solto. Coloquei seu cabelo de lado e beijei sua nuca. Acariciei seu ombro, seu braço e sua barriga macia com avidez de um beberrão engolindo gin.

Mas muito cedo, ela tirou minhas mãos dela.

—Quero dormir agora.

Coloquei minhas mãos debaixo da minha cabeça com um ar indiferente —com se não tivesse sido rejeitado de novo.

—Me deixe te contar uma história de boa noite.

—Se for sobre o que o príncipe realmente fez com a Bela Adormecida quando a encontrou, eu já escutei antes.

—Ninguém dorme nessa história, ou pelo menos não quando importa.

Ela não disse nada por um momento. Fiquei tenso, esperando a rejeição que viria.

—Bem, por que não? Eu posso muito bem ouvir que outras depravações rateiam pela sua cabeça.

Ela me surpreendeu. Me virei para ela, minha cabeça sustentada pela minha mão. Ela olhou para o teto, minha adorável esposa, que não tinha interesse em me dispensar.

—Era uma vez, um país chamado Orgulho. —Eu comecei. —Era um país orgulhoso; todos do rei a rainha para o menor varredor de rua eram orgulhosos. Mas ninguém era mais orgulhoso que o príncipe do reino, um rapaz elegante com o nome de Narciso.

—E então se apaixonou pela própria beleza e não conseguia parar de olhar seu próprio reflexo?

—Meu amor —eu censurei —Que pouca fé você tem em mim. Você acha que eu me incomodaria de uma recontar uma história tão banal para você? Confie em mim: Você nunca ouviu essa.

Ela deu de ombros, indiferente.

—Continue, então.

—O modo mais estiloso de viajar no país de Orgulho era em um dirigível que funcionava a base do próprio orgulho do seu dono. Quanto mais orgulhosa era a pessoa, maior era o dirigível dele ou dela, e mais rápido ele voava. Ninguém em todo Orgulho tinha um dirigível maior e mais rápido que o Príncipe Narciso, que era, apropriadamente, chamado de "Orgulho de Narciso".

Eu revirei os olhos.

—Só forasteiros ignorantes proporiam um ato tão desagradável. Em

Orgulho as pessoas pensariam em furar o dirigível de outra pessoa tanto quanto em vender a mãe na rua.

—E o quão comum era a prática de vender a mão em Orgulho?

—Não existia, as pessoas de Orgulho amavam suas mãos.

Dessa vez minha noiva revirou os olhos.

—Certo. Continue.

—O príncipe fazia seu próprio concurso para damas que queriam ganhar sua mão. Por sete anos ele correu, o concurso do príncipe era uma corrida de dirigível de três dias que ele ganhava habilmente toda vez. O país inteiro começou a ficar muito ansioso por seu príncipe, porque ele estava em uma idade em que deveria se estabelecer e gerar herdeiros. Sem conhecimento do mundo em geral, Narciso estava há muito tempo apaixonado por uma jovem de Orgulho chamada Fidelia, que tinha uma livraria na capital. Fidelia sabia que Narciso existia, é claro; ela já fez negócios ocasionais com ele. Narciso amava livros, e Fidelia era a melhor transportadora de livros raros e valiosos naquela terra. Mas Narciso e seu dirigível sofisticado não importavam para Fidelia. Na verdade, ela tirava sarro dele com seus amigos, debochando do tamanho do seu dirigível, e o que um homem podia fazer com tanto ar quente a sua disposição. A palavra voltaria para Narciso e ele caminharia pelas altas muralhas do palácio, incapaz de dormir. De hora em hora ele virava os telescópios na torre da astronomia para a livraria de Fidelia na cidade, para ver a luz na janela do segundo andar, desejando que ele pudesse estar no quarto com ela, lendo juntos.

—Caramba, por um momento eu pensei que ele a amarraria em suas estantes de livros —disse minha noiva.

—Por favor, ele não é de modo algum tão romântico quanto eu. Agora, onde eu estava? Ah, a cada três meses Fidelia saía em uma viagem para comprar livros nas terras vizinhas. O príncipe sempre observava seu retorno. Quando ela voltava dessas viagens era quando ela iria ao palácio com um grande cesto de seus melhores achados para Narciso inspecionar, e ele esperava esses encontros com um anseio que apenas quem tem um amor não correspondido podia entender. Orgulho era um país com um clima muito previsível. Eles estavam no meio da estação seca. O transporte de livros de Fidelia era em um carrinho normalmente utilizado para barris de cerveja, e não os vagões cobertos que ela usaria em estações mais chuvosas. Mas o príncipe observava seu professo nas planícies áridas fora dos limites da cidade, o que fez com que ele visse uma tempestade fora de época no

horizonte, se aproximando rapidamente. Ele imediatamente chamou o Orgulho de Narciso, seu dirigível. Mas quando ele alcançou os carrinhos, a tempestade estava praticamente em cima deles. Não haveria tempo de transferir os livros dela para o local seguro dentro da gôndola do dirigível. O príncipe não hesitou. Apesar do choque de Fidelity, ele empunhou sua adaga e cortou seu dirigível, transformando sua lona resistente a água em uma cobertura para os livros. Fidelity, recuperando a compostura, achou grandes pedras para fazer de peso para a lona, dessa forma ela não voaria durante a tempestade. Eles terminaram e entraram dentro da gôndola no mesmo momento em que a chuva chegou em torrentes. 'Por que você destruiu seu dirigível lindo? Fidelity perguntou por fim. 'Eram apenas livros.'

—'Talvez', respondeu Narciso. 'Mas eles eram seus livros.'

—Até hoje as pessoas falam sobre como o príncipe ganhara a mão de sua amada após enfiar uma faca em seu orgulho. Narciso e Fidelity casaram na primavera seguinte. Eles viveram e governaram juntos e felizes por muitos anos.

Não era só uma carta de amor, mas uma oração, um esperança fervorosa de que coisas melhores viriam. E enquanto Helena fechava o manuscrito, se encontrou esperando pelo mesmo .

Capítulo 15

A vida em Easton Grange girava em torno de Bea, que não tinha a menor ideia de como era esse arranjo. Ela se esquecia de muitas coisas, mas todos podiam contar com a devoção apaixonada que ela tinha pela rotina diária, seguindo-a com a meticulosidade de um maestro conduzindo uma sinfonia de Beethoven.

Ela comia o café da manhã às oito e ia caminhar com seu pai às nove —aderindo estritamente a três caminhos, a cada dois dias da semana, mais um caminho especial de Domingo. Depois de voltar ao quarto às dez, ela recebia lições até o almoço. Uma outra hora de lições se seguia à tarde, e então vinham as atividades específicas de cada dia. Segunda ela regava os jardins, terça ela penteava os cabelos das bonecas e trocava suas roupas, e assim por diante. Ela cavalgava às quatro, tomava chá às cinco, o que também servia como seu jantar, tomava banho, ouvia uma história e ia para cama.

Se sua caminhada levasse menos tempo que o normal, ela esperava do lado de fora do quarto infantil até que o relógio chegasse às quatro. Se domingo estivesse chovendo, ela ainda iria para o jardim, com um regador em mãos, uma capa em torno dela.

Esses, entretanto, eram apenas caprichos. Sempre que a integridade de sua agenda ficava ameaçada, os olhos de Bea cresciam, seu rosto se tornava pálido. Ela sugava o interior de suas bochechas, suas mãos ficavam ainda mais apertadas uma a outra.

Uma vez no chá, eles descobriram que um sanduíche que foi preparado para ela era do tipo errado para quarta-feira. Normalmente uma palavra rápida com a cozinha arrumaria o problema. Mas quarta-feira acabou por ser dia de folga e os criados tiraram a tarde para sair. Na hora em que Hastings achou todos os ingredientes para fazer o sanduíche de quarta-feira, Bea já estava tremendo de nervoso, com medo de se atrasar para o banho.

—O que aconteceria se ela se atrasasse para o banho? —Helena perguntou, conforme eles esperavam do lado de fora enquanto Bea cantarolava e brincava com a água da banheira, calma novamente, depois de a crise ter sido evitada.

Hastings encostou sua testa contra a parede.

—Desastre. Ela subiria para dentro do seu baú e não sairia por horas. Pelo

menos na hora do chá o dia já estaria praticamente acabado. Deus nos ajude se algo der errado de manhã.

—Ela sempre foi assim?

Hastings suspirou.

—Não posso dizer com certeza. Quando eu concordei em ficar com ela, eu contratei uma babá que vinha com excelentes cartas de recomendação, as coloquei em um chalé no limite da propriedade e pensei que meu dever estava cumprido. De acordo com as empregadas que limpavam o chalé, foram elas que me alertaram que algo estava errado, ela era um bebê dócil. Mas quando chegou aos dois anos, se tornou impossivelmente teimosa. A babá não acreditava que crianças tinham alguma palavra em sua criação e o que se seguiu não foi bonito.

Ele encarou o papel de parede do lado oposto do corredor.

—Eu fiquei furioso comigo mesmo. Minha desculpa anterior por não prestar atenção era que ela vivia em uma casa pobre. Não era aceitável ser simplesmente melhor que o pior. Eu era responsável por essa criança e deixei que ela fosse maltratada debaixo do meu nariz, se tornando essa criatura temente e agitada.

A luz do sol ainda descia pela janela no fim do corredor, uma corrente de luz angulada por cima dele fazia parecer uma auréola.

—Você tem ido bem desde então. —disse Helena.

Ele suspirou de novo e passou os dedos pelo cabelo. Ela invejava sua mão. Não tocava o cabelo dele desde que chegaram a Easton Grange.

Ele descansou a mão no topo de sua cabeça.

—Não sei se eu serei capaz de reverter o dano. Você viu como ela pode ser, e isso foi só pelo pensamento de sua agenda ser interrompida. Não estou certo o que ela fará se a *vida* dela for interrompida entre nós, eu vivo aterrorizado pelo dia que alguma coisa possa acontecer com o Sr. Hardshell.

Qualquer apreensão que Helena pudesse ter sobre sua adaptação a uma esposa, ela não tinha dúvidas de sua devoção e segurança como pai. Podia se dizer que seu amor por Helena ainda guardava a esperança de uma recompensa no final: que ela o amasse tão ardentemente quanto ele, e fosse seu paraíso particular na cama. Mas seu amor por Bea não buscava nenhum prêmio além de fazer a coisa certa pela menina que a fizesse melhorar tanto que um dia ele poderia se perdoar por sua negligência anterior.

A cada manhã Helena caminhava atrás do pai e da filha, seus olhos presos da visão de suas mãos dadas, seus ouvidos nadando na música de sua

conversa —quase completamente um monólogo da parte dele, às vezes ensinando Bea sobre as propriedades medicinais de uma planta nativa, às vezes recontando uma história de uma rainha que era uma menininha, às vezes explicando porque a governanta se irritou com uma das empregadas.

Explicando o mundo, detalhe por detalhe, para uma garota que não tem uma compreensão instintiva de muitas das complexidades da vida.

Ele não se contentava em apenas prover o conforto de Bea; ele pensava no dia em que ela se tornasse uma jovem mulher, os desafios que ela encararia. Ele queria uma vida normal para ela, ou tão normal quanto possível, visto suas muitas desvantagens.

E isso tocou Helena, muito mais que os murais que ele pintou para a menina. Os dois eram provas de amor, mas esse ele nunca deixaria de trabalhar enquanto ele e Bea respirassem.

Uma das rotas de caminhada de Bea terminava em uma lagoa que deve ter servido de inspiração para Os Contos do Sapo da Lagoa. Ela não possuía o charme excêntrico de sua contraparte ficcional, mas tinha água limpa, peixes abundantes, uma pequena floresta de junco ondulante, e uma margem inclinada cheia de grama perto de dois bancos de pedra.

Nesse dia, Bea andou com o Sr. Hardshell com arreios e Hastings desenhou, enquanto Helena lia cartas da Srta. Boyle, sua secretária. Helena era aparentemente mais ambiciosa do que ela supôs. Não se contentava em publicar apenas livros, na época de seu acidente ela planejava uma nova revista, destinada a população crescente de jovens mulheres que trabalhavam. A editora contratada por ela, Sra. Edwards, escreveu a Helena sobre os artigos que ela reuniu de prontidão para a primeira edição. Helena colocava notas nas margens da carta, incluindo uma proposta de encontro que a reintroduziria à Sra. Edwards, de quem ela não se lembrava.

A próxima carta, curiosamente, era da Srta. Evangeline South, respondendo as perguntas de Srta. Boyle sobre o progresso de suas revisões sobre a coleção de histórias dos Contos do Sapo da Lagoa. Srta. South respondeu que teve uma emergência inesperada na família e que "ela" precisaria de um tempo a mais para as revisões.

Helena mostrou a carta a Hastings, sentado próximo a seus pés.

—Ela me escreveu. —ele disse, sorrindo. —Então eu tive que responder.

Ele tinha um sorriso bonito. Às vezes ela ainda queria balançar a cabeça. Ele poderia muito bem ter usado esse sorriso para ela, invés da obscenidade.

—E você está de fato trabalhando nas revisões que eu queria?

—Toda manhã antes de você acordar.

Ele parecia estar sempre afrente dela.

—É melhor mesmo você trabalhar nas revisões, e não escrever outro de seus contos depravados.

Ele a olhou, seus olhos tão depravados quanto certas parte de sua história.

—Você nunca me disse se você gostou, da minha única história obscena.

—Não terminei de ler e então não posso dar uma opinião.

Ele fez uma expressão exagerada de decepção.

Ela balançou a cabeça.

—Vocês autores são tão ansiosos e delicados. Muito bem, eu gostei das passagens que li.

Agora ele levantou o rosto de seu desenho e sorriu de novo. E todos os tipos de sensações ardentes chiaram ao longo de seus nervos. Ela não contou para ele, mas estava guardando o resto da história para ele ler em voz alta para ela.

Mas ela queria esperar até mais uma parte de sua memória voltar, e tudo que ela sentiu pelo Sr. Martin já estivesse resolvido, antes de começar a desenvolver uma coleção de laços sedosos para usar em Hastings.

E para ele usar nela, também, já que ela era uma alma altruísta.

—Por que você está sorrindo desse jeito? —Hastings perguntou. —É um sorriso indecoroso pelo que eu sei.

Ela riu para ele.

—Se você estivesse 'casado' com uma escritora de pornografia, você não iria sorrir para si mesmo de vez em quando? Agora, chega dessa conversa forte para ouvidos delicados como o meu. O que você está desenhando?

Ele olhou de novo para o desenho.

—É o projeto para a última parede do mural de Bea. Estou pensando em introduzir uma nova família de personagens e acrescentar um novo chalé para a Lagoa do Velho Sapo.

O projeto desse chalé em particular a fez exclamar.

—Minha nossa! É igual a um chalé em miniatura que meu pai construiu para mim e Venetia quando éramos pequenas.

—Você está certa. Eu devo ter pensado nisso. Vi o chalé miniatura mais que algumas vezes quando visitei Hampton House.

—Nós ainda o temos, pelo que eu sei. —ela disse animadamente. —Eu posso trazê-lo a Easton Grange e coloca-lo na margem da lagoa de Bea.

Ela a olhou, um olhar longe e constante, cheio de saudade. Ela percebeu que fez um compromisso, mesmo que pequeno, com Bea e com ele.

—Não fique tão triunfante. —ela disse, agora um pouco incerta sobre a sabedoria no seu presente. —É apenas um brinquedo antigo que precisa de remodelações, e não um gesto extravagante.

—Realmente. —ele disse, deixando-a satisfeita —Nada do tipo. É provavelmente todo sujo e coberto de porcarias de pássaros.

Ela deu a língua para ele.

—Agora você me insultou.

Ele sorriu um pouco e apertou a mão dela.

—Bea vai ficar muito feliz, obrigado.

Ele não havia tocado sua mão desde que chegaram a Easton Grange. Uma emoção percorreu seu braço.

Assim que sua memória voltasse...

O chalé em miniatura de Hampton House chegou uns dias depois, velho e desgastado, mas ainda em uma condição melhor do que Helena esperava. Hastings se encarregou do exterior da estrutura, pintando ele mesmo depois de o carpinteiro ter feitos os reparos necessários. Helena arrumou o interior: novo papel de parede, novas cortinas, uma pequena mesa com cadeiras e um conjunto de chá, e até uma pequena estante de livros para guardar, eventualmente, todas as cópias publicadas do Contos do Velho Sapo da Lagoa.

Para preparar Bea, eles mostraram um desenho de como o chalé em miniatura pareceria, deixaram-na escolher o lugar em que seria colocado, e revisaram com ela, quase a cada minuto, toda alteração na sua agenda para o dia da grande chegada.

Quando o dia chegou, tudo correu sem nenhum problema. O tempo estava adorável: sol brilhante, nuvens brancas e gordas, e um infinito céu azul. O piquenique foi delicioso. O chalé, com paredes cor de rosa suave e guarnição verde, quase fez com que Bea derrubasse o Sr. Hardshell em sua animação.

A perfeição no dia não acabou ali. Durante a tarde, invés de cavalgar na companhia de Bea em seu pônei, Hastings e Helena andaram de bicicleta. Helena, realmente, se lembrou de como andar. E Bea não fez nenhuma queixa.

Helena estava deliciada. Emocionada, até. Mas ela ainda estava determinada a ser paciente e esperar até que o resto de sua memória voltasse.

Assim era até o estetoscópio.

Bea trouxe o Sr. Hardshell para o chá e mostrou a tartaruga para Hastings sem nenhum comentário. Hastings pediu licença, saiu da sala e voltou alguns minutos depois com o menor e mais adorável estetoscópio que Helena já tinha visto. Quem diria que estetoscópios podiam ser adoráveis?

Ele colocou nas orelhas e então colocou a parte de ouvir, não muito maior que um botão, nas costas do Sr. Hardshell.

—Batimento muito letárgico, —ele disse depois de quinze segundos, —mas isso é normal, considerando que ele tem sangue frio —Ele se virou para o réptil que já tinha encolhido tanto a cabeça quanto os membros, e escutou seu estômago blindado. —O mesmo aqui, mais ou menos. Ele ainda está vivo, então são boas notícias.

Ele segurou o Sr. Hardshell diante de Bea.

—Mas ele é tremendamente velho, noventa anos pelo que sabemos, e quem sabe quantos anos mais, antes de nós o conhecermos. E quando uma criatura é velha, mesmo se não parecer doente, pode não durar muito.

Bea pegou sua tartaruga de volta, parecendo não ter ouvido uma palavra do aviso gentil de seu pai. Quando ela deu uma mordida entusiasmada em seu sanduíche, ele deu um pequeno suspiro.

O caos e a doce dor voltaram para o coração de Helena. Ela sabia então, com absoluta certeza, que não só ela o amava, como o amaria pelo resto de sua vida. E ela estaria ao seu lado, segurando sua mão, quando ele guiasse Bea pelo inevitável fim do Sr. Hardshell e todas as outras dificuldades que certamente viriam na vida de toda pessoa jovem.

Ele a descobriu o encarando e levantou uma sobrancelha. Ela simplesmente riu e respondeu —O senhor tem um suporte de música nessa casa?

Hastings estava tirando a camisa quando a porta de seu quarto de vestir se abriu. Ele se virou para encontrar Helena, com um laço verde sobre o seu, ainda muito curto, cabelo, inclinada no batente da porta, seus dedos brincavam casualmente com a faixa de seu roupão. Eles às vezes abriam a porta que unia os quartos quando precisavam falar algo na hora de dormir, então não era uma visão estranha vê-la vestida assim, exceto que essa noite não tinha nenhuma roupa de dormir por baixo. Na verdade, a seda verde fina não fazia nada para esconder a forma de seus mamilos eretos, que apontavam diretamente para seus olhos.

A boca dele ficou seca.

—Eu não vou querer nenhuma amostra —ela se moveu rápido, e o roupão se agarrou servilmente sobre a silhueta do seu quadril e coxa —do que eu admito ser muito considerável charme antes de você se lembrar de tudo.

Ela sorriu.

—Eu não tenho intenção de deixar você tocar meu —ela deu olhada em si mesma —realmente considerável charme. Eu apenas quero que você mova uma coisa.

Ele não estava certo. Ela parecia muito... felina.

—Nada da minha pessoa na sua cama, certo?

—Não mesmo.

As palavras dela saíam sem qualquer hesitação, mas alguma coisa no seu tom fez o sangue dele se acelerar de excitação.

—Então o que é isso que precisa ser movido —Meu suporte de música.
—Ela caminhou de volta para seu quarto e acenou para que ele a acompanhasse.

Ela nunca contou para ele o propósito de ter um suporte de música: Ela não tocava nada e, pelo que ele sabia, não sabia ler uma nota.

O suporte de música estava no quarto dela, apenas a pouca distância da porta que unia os quartos, um espécime aparentemente delicado que era muito mais pesado do que parecia, trabalhado em pau-rosa sólido.

Ela retornou ao quarto dele e indicou um lugar no pé da cama, uma peça de mobília monstruosa que serviu de inspiração para a cama nupcial do mestre de Larkspear.

—Aqui, por favor.

Ele avaliou o peso do suporte pela distância e colocou onde ela queria, à direta do pilar da cama, em sua mente pelo menos, a qual a noiva de Larkspear foi amarrada na cena de abertura da história erótica.

—Que travessura você está tramando, Helena?

Ela não o respondeu, apenas deu ordens.

—Fique parado de costas para o pilar da cama.

E quando ele foi, ela considerou o apoio, que servia a uma pessoa muito mais baixa, possivelmente uma criança e aumentou a altura do suporte o máximo que ia.

Ele ainda não estava certo de que uso ela faria para o suporte de música, mas ele começava a compreender o que ela planejava para ele. A questão era, ele queria concordar com os desejos dela?

Ele deveria, porque conforme ela puxou a faixa do roupão este caiu e revelou toda a área do seu peito à sua virilha, ele apenas encarou, a respiração pesada. Ela pegou seus pulsos e os amarrou atrás das costas no lado mais distante do pilar da cama. Ele não fez nada para impedi-la, apenas continuar a encarar, o tamanho de sua luxúria crescia a cada vislumbre dos belos, muito belos, mamilos dela.

—Com licença um segundo —ela disse com excesso de polidez e olhos brilhantes.

Ela desaparece dentro do seu quarto *não* voltou com o roupão. Ele a tinha visto nua na cama, mas vê-la em movimento, seus seios atrevidos balançavam de leve e ele ofegava.

—Leia isso em voz alta para mim, querido.

Ele nem tinha notado que ela havia colocado duas folhas de papel no suporte de música, duas páginas do seu manuscrito.

—Ler isso?

—Sim, isso. Ou eu vou colocar as minhas roupas de volta.

Ele sabia que isso não podia acontecer, mas era quase impossível tirar os olhos da perna dela e da junção de suas coxas.

Ela se aproximou, pegou seu queixo, e virou o rosto dele em direção ao suporte.

—*Leia.*

Ele limpou a garganta e tentou se concentrar nas palavras diante dele.

—Agora sou eu que estou atado ao pilar da cama. Ela me inspecionou de todos os ângulos, sorrindo como se ela guardasse um grande segredo.

Ele olhou para Helena; ela também sorria, uma mão no pilar, a outra alcançando a trilha abaixo do seu braço.

—Continue lendo.

O toque dela queimava. A voz dele se tornou irregular —Ela puxou seus grampos de cabelo e mexeu a cabeça. Seu cabelo caiu livre, uma cascata gloriosa, os fios escovavam seus mamilos tensos.

—Hmm —disse Helena. —Droga, não posso reencenar o cabelo. Mas pelo menos eu tenho mamilos tensos, não é?

Ela tocou um mamilo, apertando suavemente entre dois dedos. Ruídos indecorosos escaparam dele; seu pênis cresceu a dimensões dolorosas.

—Continue lendo se você quiser que qualquer coisa aconteça. —ela o lembrou, lambendo os lábios vagarosamente para enfatizar o seu ponto.

Deus o ajudasse. Ele começava a se tornar analfabeto muito rápido, nessa

velocidade ele perderia a cabeça.

—Minha garganta se apertou. 'Você me faz perder a cabeça de desejo,' eu disse a ela. Ela riu de leve. 'Não, Larkspear, *eu* vou perder a cabeça de desejo. E o primeiro passo é remover o resto de suas roupas.'

Helena desapertou suas calças e puxou para baixo.

—Eu gosto da noiva do Larkspear. Uma mulher com um plano.

No momento seguinte, a roupa de baixo de Hastings também caiu ao seus pés, expondo seu desejo despido. Ela pressionou seu corpo do lado dele esfregou um mamilo pelo seu braço, enquanto sua mão envolvia seu membro; ela riu guturalmente conforme ele cresceu na prisão dos seus dedos —Você está se desviando na história. —Hastings conseguiu dizer de alguma forma.

—Eu sei. Mas na história você a tem sobre os joelhos muito rápido. Não posso fazer isso tenho uma reputação para manter.

Ela acariciou seu membro; ele gemeu de prazer. Então ela chupou a pele de seu ombro e abaixou a cabeça para lambar o mamilo. Ele resistiu a suas restrições.

—Não esqueça de ler.

—Não posso mais.

—Eu não vou ficar de joelhos a menos que a história me diga para fazer isso.

Ele rosnou, mas assentiu.

—Em nenhum momento eu estava completamente nu. Ela caiu de joelhos antes de mim.

Helena se virou para frente dele e ajoelhou, seus lábios a um fio de cabelo dos seu pênis saliente, encarando-o com o menor dos sorrisos na face.

Ele deu a ela as instruções seguintes.

—Ela estende sua língua e lambe a cabeça do meu pênis.

—É isso que a história diz? Eu lembro de algo diferente.

—Isso é exatamente o que a história diz. —ele mentiu descaradamente.

Ela sorriu, sabendo que ele mentia, e fez exatamente o que ele pediu. Sua língua úmida e rosa rodeava suavemente onde ele era mais dolorosamente sensível.

Os joelhos dele estavam a ponto de se curvarem.

—Então ela abre a boca e coloca o máximo do meu comprimento que ela consegue.

E ele entrou na boca dela, o próprio paraíso. A sensação por si só o deixou louco, mas havia ainda a visão. Ela não mais sorria, na verdade o encarava

com uma voracidade que quase correspondia a dele. Então ela gemeu, um som de necessidade gritante que o fez perder todo o controle.

Ele fechou os olhos, estremeceu e a deixou sugar cada gota.

Ela balançou o dedo.

—E nada de casamento no campo, também. Nós vamos nos amarrar na Abadia de Westminster.

—E vamos saquear os jardins da Millie para encher o lugar inteiro de flores até o teto.

—Realmente devemos. E os jardins de Venetia também. Ela ficaria ofendida se nós não saquearmos as estufas do duque do mesmo jeito.

Ele esfregou o interior dela.

—Nós te colocaremos em um vestido branco virginal, mesmo que você tenha sido mais tocada que um violão.

Ela o empurrou.

—Que grosseiro. Eu ia te cobrir com pérolas e diamantes, mas agora vou reconsiderar.

—Não! —ele reclamou. —Por favor, não reconsidere. Eu nunca fico bonito quando não estou em pérolas e diamantes.

Ela gargalhou e afofou o cabelo dele.

—Tão vaidoso.

—Eu só quero ficar bonito para você.

Ela suspirou, um som feliz que fez o coração dele aumentar duas vezes o tamanho normal.

—Eu acho que para nossa lua de mel iremos no Lago do Saara, dormir em barracas e caçar como nômades.

O tocou que ela se lembrasse do Lago do Saara.

—E parar nas encostas e assistir o nascer do sol juntos.

—Sim —ela disse suavemente —quando os pássaros em bandos aos milhares voarem sobre o lago, suas asas como veleiros.

Ela caiu no sono em seus braços. Ele ficou acordado por um longo tempo, se perguntando se o que eles construíram juntos seria o suficiente para se manter quando a memória dela retornasse completamente.

Capítulo 16

Alguém arrumou a coberta de Helena. Ela tendia a se mover bastante durante o sono e nem sempre se mantinha no cobertor. Frequentemente pela manhã, seus pés e tornozelos ficavam bem frios —e nesse caso, sua perna também, já que ela se despiu completamente na noite anterior.

Mãos calorosas esfregaram seus pés, então a metade inferior dela estava coberta em uma colcha boa e pesada. Ela suspirou de contentamento. A mesma pessoa se aproximou e a beijou na testa.

—Tão linda. —ele murmurou.

Ela sorriu e voltou a dormir, apenas para acordar de novo no que pareceu apenas uns segundos depois, de forma violenta.

O quarto estava escuro e vazio, as persianas ainda fechadas. Ela fechou os olhos de novo, sua cabeça confusa, como se ela tivesse dormido demais. Ela permaneceu deitada por alguns minutos, então lentamente se sentou, balançando as pernas no lado da cama.

Na cabeceira havia um retrato de Fitz e David, parados no meio de vasta extensão de Tom Squad, a maior faculdade quadrangular em Oxford. Helena tirou a fotografia com a câmera de David em uma das visitas de Fitz à universidade. Não muito depois, sua amiga e colega de classe Mary Dillhorne passou. Eles conversaram por um tempo antes da Srta. Dillhorne ir para a próxima aula e David e Helena verem Fitz na estação de trem.

Assim que Fitz se ajeitou no compartimento, antes mesmo do trem zarpar, David sussurrou em seu ouvido —Era uma de suas amigas lésbicas? Quando você vai me convidar para assistir?

—Depois que você me convidar a assistir você como um sodomita —ela disse enquanto acenava para Fitz —tomando em cada orifício.

A Helena do presente sorriu. Eles eram como Roma e Cartago, não é? E ela disparou inúmeras e excelentes retóricas que estava orgulhosa de recordar.

Em algum momento durante a noite, David foi no quarto dela, pegou seu roupão e colocou na cadeira próxima a cama. Ela se encolheu no roupão, caminhou até a janela e abriu as persianas. O sol já havia nascido. A lagoa de Bea refletia brilhante à distância. Helena respirou profundamente, inundada de uma doce alegria.

Que foi perturbada um momento depois pela sensação de estar esquecendo de algo. Ela riu para si mesma. Claro que ela esquecia algo quase metade da sua vida até certo ponto. Mas a sensação, como se algo tivesse sido escavado dentro do seu cérebro, não ia embora.

Ela balançou a cabeça, tentando clareá-la. Oh, certo, as páginas do manuscrito de David. Era melhor guardar antes que os empregados chegassem. Mas quando ela olhou em direção ao pé da cama, o suporte de música, assim como as páginas do manuscrito, já tinham sido retiradas. De novo uma demonstração da consideração de David.

Ainda assim a sensação crescente e desconcertante continuava. Era algo a ver com a Fitzhugh e Companhia? Ela esqueceu de enviar de volta as correções da gráfica? Ou negligenciou a publicidade de um título em particular?

A sensação precedia algo de quando ficou claro para Helena que ela finalmente se lembrou de Millie. Um sentimento de profundo carinho se impregnou nela, doce, doce Millie. Como eles começaram a ama-la e como ela sempre os surpreendia. Juntos, ela e Fitz se provaram anfitriões memoráveis, presidindo muitos encontros alegres entre família e amigos.

E, claro, Helena e David sempre estavam nos encontros, trocando farpas e ofensas.

Não o olhe desse jeito.

Eu vou olha-lo do jeito que eu quiser.

Ele é mais novo que você.

Não importa.

Ele tem os pés pequenos.

Excelente. Vai custar menos mantê-lo com sapatos.

Não sabe o que dizem sobre homens com pés pequenos?

Sim: Eles são menos arrogantes.

Ele é muito suave para você. Você precisa de um homem feito de aço, Srta. Fitzhugh. Ele é como um ninho de pássaros, feito de galhos e penugem.

Por que te interessa tanto como eu me sinto sobre outro homem, Hastings? Se você continuar falando disso, vou ter que acreditar que está com ciúmes.

Por favor, Srta. Fitzhugh, não me faça rir. Certamente você sabe que a essa altura para uma mulher me interessar ela precisa de um par de seios. Então minha preocupação contigo é inteiramente humanitária. Marque minhas palavras. Você ansiará por um homem com pés maiores e uma

rígida... coluna.

Andrew! Eles falavam de *Andrew*.

Ela tropeçou para trás, suas pernas bateram no trilho lateral da cama. Mal pode sentir alguma coisa, seu horror e consternação apagarem todo o resto.

Andrew, sempre feliz e voraz para falar sobre todos os livros abaixo do sol, sempre gentil e respeitoso quando ele não concordava com sua avaliação sobre determinado livro. Andrew, a primeira pessoa que disse a ela que ela poderia ser uma grande editora, quando sua família ainda duvidavam de que tal ação seria sábia. Andrew, que deixou um buquê de flores silvestres em sua porta todos os dias, muito tímido para deixar um cartão junto às flores, até que ela o pegou no ato. *Se você me ama, deixe outra amanhã*, ela disse a ele. No dia seguinte ele deixou três.

Foi um momento mágico em sua vida.

Quando ele terminou e chorou, se desculpando sem parar por iludi-la, quando ele foi perfeitamente sincero desde o começo que era esperado que ele se casasse com outra pessoa, ela disse a ele, com lágrimas escorrendo pelo rosto, que ela nunca poderia se zangar com ele. Que ela era grata por tê-lo conhecido e grata pelas memórias.

Doía respirar. Ela cambaleou até a janela e a abriu com um empurrão, tragando o ar. Pobre, doce Andrew. Como ele deve ter se sentido no último encontro dos dois, quando ela o tratou como se ele fosse outro espectador em sua vida.

Como ela se sentiria se acordasse um dia e a pessoa que amava eternamente não desse mais a mínima para ela?

Alguém colocou a mão em seus braços e a beijou na nuca.

—Adivinha o que chegou no correio da manhã. Nossa licença especial. Devo começar a enviar nossos convites escandalosos?

A dor em seu coração foi negra e explosiva. Ela tirou as mãos dele com força e saiu de perto da janela como um furacão.

—Não me toque.

De trás dela veio um grande silêncio, então.

—Entendo.

Ela não conseguia olha-lo. Mas era quase pior olhar para a cama e a sem-vergonhice dela da noite anterior. Se tivesse sido apenas luxúria, ela ainda poderia se perdoar, mas falar sobre casamentos e lua-de-mel, se comprometendo pela resto da vida.

A única coisa boa, talvez, era o fato de não ter dito "eu te amo" em tantas

palavras, mas foi apenas porque ela estava guardando para a verdadeira noite de núpcias.

Sua deslealdade queimou como ácido em sua pele. Ela odiou o sentimento. Ela odiava não ter tido conhecimento antes. E ela odiava que toda vez foi ela que abriu as pernas e praticamente implorou para ele para servi-la.

—Helena...

Ela se virou.

—Como você pôde? Eu perdi a *memória*. Eu mal estava consciente, inteiramente ignorante, e totalmente incapaz de consentir de verdade. Se você fosse algum tipo de cavalheiro, teria se contido e me dito para esperar. Só levou apenas algumas semanas —você não podia esperar tanto, você que afirmou que me amava mais que a lua e as estrelas?

—Eu disse para você esperar, Helena. —Ele parecia ofendido e machucado, seus olhos brilhavam com o tipo de sinceridade que ela não precisava ver. —Eu disse para você toda vez que seria melhor ser paciente.

Ela não aguentava a verdade em suas palavras.

—Você sabia como eu me sentia sobre o Sr. Martin. Você sabia o quanto eu o amava. Você sabia mais que qualquer um que eu nunca trairia seu amor e confiança. Mas você viu uma imbecil excitada e tinha que se divertir, não é?

—Helena!

A expressão dele começara a endurecer, o que apenas fez com ela ficasse mais feroz.

—Por que você achou que substituiria o Sr. Martin no meu coração? Que tipo de arrogância e ilusão foi essa? Você perdeu a cabeça também?

Ele não chamou pelo nome dela de novo, nem olhou mais para ela. Ela segurava a respiração —ela queria que ele continuasse a chamar seu nome. Queria que ele reafirmasse para ela com sua voz de brisa-doce-em-céu-aberto que tudo estava bem, que ela não precisava se esbofetear por essa confusão caótica.

O olhar dele chegou até ela. O coração dela saltou. Mas ele dirigiu a ela um olhar malicioso.

—Ah, bem, foi bom enquanto durou, você foi a rameirinha safada que eu sempre suspeitei que fosse. Claro, continua sem peitos, mas seu entusiasmo quase sobressaiu a isso. Nossa, o jeito que você chupou o meu pau. Putas de verdade não teriam feito melhor.

O rosto dela queimou. Ela inteira queimou.

—E sim, você era ingênua, não é? —Ele continuava implacavelmente, enquanto caminhava lentamente em direção a ela, seus olhos duros, suas palavras ainda mais. —Nunca gostei mais de você do que quando você era aquela imbecil excitada, suas pernas se abriram mais que a Sibéria, seus dedos brincando com seus próprios peitos, seu...

Ela o estapeou tão forte que seu braço inteiro doeu. Mas a dor não era nada comparado a aniquilação do seu coração.

—Saia! —ela berrou.

Ele levantou uma sobrancelha desdenhosa.

—Esse é o meu quarto, querida Lady Hastings. Ou você não se lembra que veio aqui ontem a noite faminta por pau e não me deixaria sozinho até que eu te fodesse bem e gostoso?

Memórias da noite anterior eram como areia sendo esfregada em uma ferida aberta. A confiança que ela teve nele, a forma como abriu seu coração completamente, e toda a esperança que nutria pelo futuro dos dois.

Ela caminhou para fora sem outra palavra.

A porta de conexão entre os quartos bateu. Hastings encarava, incapaz de acreditar no que ele se tornou, de novo.

O homem que ela sempre desprezou.

Ele não aprendeu nada nas últimas semanas? Ele não aprendeu que mentir porque ele não aguentava ser vulnerável nunca o protegeu da dor, apenas o afastou mais da felicidade?

Ele ficou parado, ofegante.

Ele contou para ela que a história de ele ser um canalha diante dela não era culpa de ninguém além dele, e era verdade. Mas em horas como essa, muito dele ainda se sentia como o garoto cujo único recurso era bater de volta com força, porque ele nunca faria ninguém entender nada além do quão cruelmente ele conseguia atacar.

Porque às vezes a *aparência* de força era tudo que importava.

Mas ele não tinha prometido a si mesmo a não mais mentiras, não mais covardia, e não mais esconder seus verdadeiros sentimentos atrás de zombaria e desdém? Ele não prometeu a si mesmo que ele seria um homem que a merecesse?

Ele pressionou dois dedos entre as sobrancelhas. Ele sabia o que devia fazer, mas ele tinha coragem suficiente para ir adiante?

Helena sentou diante da penteadeira, a cabeça nas mãos. A porta conectora

se abriu. Ela saltou da cadeira.

—O que você quer?

Hastings fechou a porta silenciosamente.

—Estou aqui ara me desculpar.

Ela quase não conseguiu ouvir suas palavras. Como um homem que parecia tão odioso apenas um minuto atrás podia se transformar em um espécime arrependido e humilde?

—Pelo quê?

O olhar dele era um azul esverdeado de profundidade sem limite.

—Pelas minhas palavras falsas e desagradáveis. Elas são absolutamente opostas aos meus verdadeiros sentimentos. E me desculpe por ter retornado ao meu pior hábito quando o que você menos precisava era de um sofrimento maior.

Até ele falar, ela não tinha ideia do quanto ela ansiava por ele dizer-lá o quanto arrependido estava. Mas agora que ela tinha suas desculpas, ela não conseguia dizer se estava aliviada ou apenas muito desolada.

—Então você está arrependido por ter cedido às minhas ordens carnavais?

Ele balançou a cabeça.

—Não, eu apenas estou me desculpando por ter dito aquelas palavras que fizeram você acreditar que eu não valorizei o privilégio que foi para mim de fazer amor com você.

A gentileza em sua voz, a infinita sinceridade em suas palavras, ele ainda rezava pela chuva no Saara. O que a comovia e a enfurecia ao mesmo tempo.

—Então você *está* feliz de ter dormido comigo quando eu não podia fazer nada?

—Helena, você perdeu sua memória, não sua consciência. Você era perfeitamente capaz de conduzir seus negócios e sua vida.

Ela certamente sentia isso, não? Apenas para acordar de um sonho de amor rasgada completamente em duas.

—Você diz isso porque as escolhas que eu fiz te serviram.

—Lembre-se, Helena. Houve algum momento nas últimas semanas em que você não era a mesma mulher que sempre foi?

Ela começava a se sentir desconfortavelmente próxima às lágrimas. Ele expressava um nível de confiança nela que ela mesma não sentia, dizendo-a que poderia confiar na escolha que fez.

—A mulher que eu sempre fui nunca iria para a cama com você de bom grado. Ele inspirou devagar, então expirou com o mesmo cuidado.

—Suponho que o restante dos sentimentos pelo Sr. Martin te impedia de se apaixonar por outra pessoa.

Suas narinas inflaram. Pânico escorria do seu coração para dentro de cada músculo, cada nervo.

—Não seja ridículo. Eu *não* me apaixonei por você.

Ela queria que ele fosse um canalha com ela. Ela não sabia de quanta gentileza e consideração poderia aguentar.

Mas ele apenas sorriu, um pouco triste.

—Não importa o rótulo. Eu posso reconhecer a profundidade de um sentimento quando eu vejo.

Ela cerrou os dentes.

—Talvez seja a hora de você comprar um par de óculos. Eu amo o Sr. Martin, não você.

—Eu permaneço com o que eu disse antes. Você amou o Sr. Martin como ele era cinco anos atrás. Mas esse homem não existe mais.. Sem a saudade no seu coração, ele não é nada além de um homem irrepreensível que não tem nenhum apelo para você.

Se ele tivesse gritado com ela, ela poderia ter gritado de volta. Mas sua compostura quase virtuosa a deixou sem defesas. Ela retornou para a penteadeira, sentou-se e olhou para o espelho.

Depois de um tempo a porta conectora se abriu e fechou, e ela estava de novo totalmente sozinha em seu quarto.

Bea puxou a manga de Hastings e apontou para um pássaro.

—É um... É um... —Ele teve que olhar de novo para o pássaro, já tinha esquecido o que ele era. —É um Tentilhão. Você já viu um desses antes, Bea. Viu quantas listras brancas em suas asas? Com certeza é um tentilhão.

Bea olhou para ele solenemente, esperando.

Ele normalmente falava muito mais nas caminhadas deles, não falava? Ele contaria a Bea tudo que sabia sobre tentilhões. E se ele não soubesse o suficiente, o que às vezes acontecia, ele desviaria o assunto. Outro pássaro, um canário, talvez. Então falaria sobre como alguém podia pensar que o nome das Ilhas Canárias se chamavam assim por causa dos canários, quando na verdade seu nome derivava de Insula Canaria, que significa —ilha de cachorros.

Hoje tudo que ele conseguia era colocar um pé na frente do outro.

—Esse é um cavaleiro —ele retomou o controle. —Vê sua cabeça azul e

o peito avermelhado? Uma senhora tentilhão não é tão colorida.

Bea olhou para atrás deles, onde Helena costumava seguir.

—Lady?

—Lady Hastings não está se sentindo bem, nem um pouco.

Bea mordeu o lábio inferior.

—Velha?

Em um dia diferente ele teria rido.

—Não, ela não é tão velha quanto o Sir Hardshell. Às vezes as pessoas só precisam... ficar em seus quartos.

Até que ele ficasse de frente a lagoa ele não havia percebido que Bea alterou a rotina do dia para poder brincar no chalé em miniatura de novo. Um sinal de tamanha flexibilidade vinda da parte de Bea o encheria de alegria, mas a visão do chalé, a personificação física do quão perto da felicidade ele e Helena chegaram...

Ele fez a única coisa que podia: Sentou e desejou retornar ao Lago do Saara.

Helena havia acabado de se vestir quando o lacaio foi anunciar um visitante.

—Senhora, há um Sra. Andrew Martin aqui para vê-la. A senhora está em casa para ela?

Helena ficou surpresa. Sra. Martin? Aqui? Ela colocou o turbante.

—A receberei.

Sra. Martin vestia um vestido de luto profundo. O coração de Helena se apertou. Logo depois percebeu que o vestido de luto da Sr. Martin não era daqueles feitos para viúvas.

—Como vai, Sra. Martin?

A irmã dela, Sra. Monteth, parecia um furão. Sra. Martin, entretanto, era uma linda mulher do tipo aristocrata regular. Ela e Helena falaram do tempo e da viagem. Mas quando o chá foi trazido e servido, o papo furado foi posto de lado.

—Vejo que já recuperou suas memórias, Lady Hastings, você me olha com uma certa apreensão.

—Apenas estou intrigada com a sua visita, Sra. Martin. Mas está certa: Eu já recuperei minha memória totalmente.

O suficiente, de qualquer maneira. Ela ainda não se lembrava do incidente do beliscão no bumbum que Hastings havia dado nela ou qualquer parte da

visita dele à Hampton House. Seu coração se apertou.

—Excelente, já que eu não teria vindo para nada se você ainda não tivesse nenhuma lembrança de Sr. Martin. Eu pretendo pedir o divórcio, como você vê. —disse a Sra. Martin, como se não fosse nada, como se ela tivesse planejado comprar um novo par de chinelos da tarde.

Helena olhou para ela.

—Divórcio?

—Eu tenho um pretendente, um cavalheiro americano que está esperando para casar-me com ele, os americanos são menos exigentes sobre divórcios. E cinco anos, você não concorda, é tempo suficiente em um casamento que nunca deveria ter ocorrido. Casei-me com o Sr. Martin para agradar meu pai, sem perceber que, se ele não estava satisfeito comigo pelo tempo que eu tinha feito dezoito anos, ele nunca seria. Sr. Martin fez o mesmo para sua mãe e ela não pensou melhor dele. Bem, meu pai morreu há três anos e a falecida Sra. Martin faleceu esta semana. Desde a morte de meu pai, eu tinha a certeza que o Sr. Martin residiria na cidade e eu no país, estou reivindicando o abandono de lar, para fazer uma petição de divórcio por motivos de adultério.

Então foi por isso que Helena não tinha visto os Martins juntos em anos. Quando Andrew foi capaz de atender tantos convites de todos os lugares, ela só tinha contado suas bênçãos e nenhuma vez se perguntou por que a Sra. Martin não o acompanhou.

—Você tem planejado isso há muito tempo.

—Você não tem ideia, Srta. Fitzhugh. Até recentemente, no entanto, eu tinha um problema: o Sr. Martin simplesmente não era um homem adúltero. Seu tempo e energia entrou em seus manuscritos no seu lugar. Então eu encontrei uma carta entre seus pertences de uma mulher que era, obviamente, uma amante e eu estava muito feliz. Foi a última peça que precisava se encaixar no lugar. Fui com a minha irmã, que imediatamente me garantiu que ela iria produzir provas concretas deste caso de adultério. Ela não teve, é claro, nenhuma ideia que eu pretendia divorciar-me dele com isso, ou ela nunca teria participado. Você quer saber o resto ou você pode imaginar, Lady Hastings. Minha irmã voltou estupefata por ter encontrar você e Lorde Hastings em seu lugar. Mas lembrei-me que tinha havido rumores de que o Sr. Martin tinha sido apaixonado por você antes de nosso casamento. Então, ontem, após o falecimento de sua mãe, eu sentou-se e tivemos uma conversa franca. Ele foi a primeiro categoricamente contra o meu plano de divórcio, mas agora eu diria que ele está oscilando.

Antes Helena poderia objetar, a Sra. Martin levantou a mão.

—Não se preocupe, Lady Hastings: Eu não sonho em propor que você seja pega com ele, eu posso facilmente pagar alguém para jurar sob juramento que ela e Sr. Martin estejam envolvidos em um caso. Se o Sr. Martin está disposto a continuar a recusar com o divórcio, é o que farei. Ele está indeciso, como ele não tem certeza de quais os benefícios que esperam por ele. Após algumas perguntas, eu descobri que ele acredita que é improvável que você tenha realmente se casado com Lorde Hastings no momento em que o acidente ocorreu. Achei que isso foi de grande importância, mas ele disse que não, você tinha perdido todas as suas memórias a respeito dele e tratou-o como faria com qualquer estranho. Ele não estava disposto a vir vê-la, ele achava que não tinha o direito de interferir no casamento de outro homem. Mas eu discordei: Ele não estaria se intrometendo no casamento de vocês, se vocês não estão realmente casados.

O verdadeiro significado das palavras de Sra. Martin estava começando a se fazer sentir. Helena se sentiu como se estivesse suspenso sobre um vazio.

—Então é isso que eu gostaria de pedir em nome do Sr. Martin e eu, Lady Hastings: Você realmente está casada com Lorde Hastings? Porque, se você não tiver, o Sr. Martin e eu, ambos estaríamos emocionados: Eu pelo incentivo que vai dar-lhe para deixar o divórcio passar de forma incontestável; ele pela oportunidade de finalmente se casar com você, uma vez que estarão divorciados. "

Isso foi o que Helena tinha querido todos estes anos, não foi? Que de alguma forma, algum dia, Andrew voltaria a ser livre para se casar com ela?

Ela não disse nada.

Sra. Martin se inclinou para frente em seu assento.

—Eu sei que você está pensando no escândalo, mas superará tudo o que tiver acontecido depois de um tempo. Seremos punidos, sem dúvida. Mas novos escândalos virão e os antigos serão esquecidos. Depois de um tempo, ninguém vai se lembrar que você fora casada com alguém que não seja o Sr. Martin.

Mas será que isso significava que algum dia Hastings também se casaria com outra pessoa? O pensamento era uma marca de queimadura sobre o coração de Helena.

—Pense nisso, Lady Hastings? Você arriscou tudo pelo amor do Sr. Martin. Agora você pode tê-lo sem que nenhum dos riscos do amor e respeitabilidade. —Sra. Martin levantou-se. —Você não precisa me dar uma

resposta imediatamente. Se você quiser falar com o Sr. Martin, você pode encontrá-lo na casa de Londres. Vou me manter fora do caminho.

Helena parou diante da sala de estudo de Hastings. A porta estava entreaberta. Ele estava em sua mesa, um cachimbo apagado perto de seu cotovelo.

—Gostaria de entrar? —Disse ele, sem olhar para cima.

Seu coração se apertou. Ficou mais alguns segundos antes que pudesse cruzar a porta.

Quando ela se aproximou da mesa, ela viu que ele estava trabalhando sobre as revisões que tinha solicitado em um dos contos Lagoa do Velho Sapo, alterando uma parte da Sra. Coelho à Sra. Porco-espinho, para evitar ter o mesmo caráter de ser diverti doem uma história e mal-humorada em outro.

Agora ele olhou para cima e sorriu levemente.

—Tenho vergonha de admitir isso, mas até que você notasse, eu não tinha ideia que eu tinha chamado duas personagens diferentes com o mesmo nome.

Ela não sabia se ela queria jogá-lo para fora da janela ou arrancar-lhe seu cabelo. Ela elevou o queixo na direção do cachimbo.

—Será que é de Tobias?

—Suponho que seja. O cachimbo pertenceu ao meu pai. Eu não ligo muito para cachimbo, mas eu gostaria de embalá-lo com o tabaco fresco de vez em quando.

Então foi por isso que suas roupas às vezes cheirava a tabaco de cachimbo. Ela foi subitamente possuída pelo desejo de esfregar-se em seus casacos, talvez nua.

Ele apertou as mãos sobre a mesa.

—Soube que a senhora Martin esteve aqui.

A sensação de estar suspenso sobre um vazio voltou com uma vingança.

—Ela quer que eu me case com o Sr. Martin.

Ele saiu de sua cadeira.

—O que?

Ele tinha sido tão composto, tão sereno, quase confortou-a para ver uma reação mais forte.

—Ela quer o divórcio e ele hesita. Ela espera que o pensamento de casar-me irá torná-lo mais cooperativa.

Ele não disse nada por um longo tempo; seu coração começou a bater ao ritmo da sua respiração agitada.

—Você ainda quer casar com ele?

—Eu só parei de querer me casar com ele quando eu já não podia me lembrar de quem ele era.

Ele balançou a cabeça e continuou a sacudi-la.

—Não. Não. Pare com essa loucura.

Uma parte dela acenou vigorosamente, concordando. Ela tentou não prestar atenção.

—Você não pode me pedir para mudar um dos meus desejos mais profundamente arraigados simplesmente porque passamos algumas semanas juntos.

Ele contornou a mesa e colocou-as mãos em seus braços.

—Posso e faço. Não cometa este erro, Helena. Não confunda o que você uma vez queria com o que você precisa agora.

O calor de suas mãos através de suas mangas, ela deu um passo atrás.

—Eu estou indo para ver o Sr. Martin.

—Sim —disse ele lentamente. —Eu suponho que você vai precise fazer isso. Você gostaria que eu pedisse para não servir o jantar até voltar?

Não, o que ela queria era ... histrionismo. Ela queria que ele jogasse seu tinteiro do outro lado da sala, em seguida, revirasse toda a sua mesa. Para não deixá-la ir tão facilmente, tão galante.

—Se eu decidir se casar com ele, então eu não vou voltar. Quanto mais eu vivo com você, maior o escândalo será.

—Você vai voltar para pelo menos dizer um bom adeus a Bea? Ela pergunta sobre você agora. Você sabe como raramente ela pergunta sobre as pessoas?

Pelo menos sua bela voz ergueu-se um pouco. Ela supôs que ela teria que satisfazer-se com isso.

—É melhor eu ir agora.

Ele puxou-a para si e beijou-a, um difícil, breve beijo que a deixou com falta de ar e luzissem sua cabeça.

—Vá —disse ele bruscamente. —Vou pedir sua carruagem.

Ela levantou a mão e roçou os lábios com os nós dos dedos. Ele olhou para ela. Depois de um momento, seu olhar era suave.

—Lembre-se Lago Saara, minha querida.

Capítulo 17

O dia de Hastings apenas desceu colina abaixo. Um dos seus cavaleiros quebrou o braço enquanto exercitava um cabelo. O telhado da casa de cogumelo caiu. E, em seguida, o golpe de misericórdia: Sir Hardshell liberou seu espírito.

Até a hora que Hastings soube da novidade, Bea já estava em seu baú, tão chateada que quando ele tentou dar um biscoito e uma xícara de chá com leite, ela continuou empurrando para fora a bandeja da porta na parte inferior do baú.

Depois de um tempo ele desistiu, comeu o biscoito ele mesmo, e sentou com as costas contra o baú de Bea, desejando ter um baú ele mesmo para ser seu próprio santuário, onde ele ficaria até o dia que o mundo mudasse.

Ele não sabia quanto tempo ficou sentado lá, encarando a parede; foi despertado de sua preocupação apenas quando ouviu um pequeno soluço. Bea frequentemente ficava nervosa e estressada, mas raramente chorava.

Ele se virou e tentou olhar através de um dos buracos de ar, mas não viu nada além do escuro.

—Bea, bonequinha, eu sei que o Sir Hardshell não vai voltar, mas nós podemos convidar seu primo para ficar contigo. Ouvi que o primo dele estava procurando um lugar para ficar. Talvez ele não se importaria de herdar o tanque da água do Sir Hardshell.

Ela fungou mas não respondeu.

—O nome do primo é Sr. Stoutback. Ele tem uma personalidade bem legal e equilibrada. E ele é muito mais novo que o Sir Hardshell, então ele pode viver conosco por muito, muito tempo.

Bea soluçou de novo. Hastings desejou por fadas madrinhas —uma para Bea e uma para ele.

—Ou nós podemos convidar um outro primo do Sir Hardshell. O que você pensa da Srta. Carapace? Aposto que ela não se importaria se você colocasse um laço bonito em volta da sua carapaça.

—A Lady tem primos? —perguntou Bea de repente.

Hastings se surpreendeu.

—Lady?

—Nossa Lady. —ela disse desanimada.

Ele ficou atônito.

—Você quer dizer Lady Hastings? Ela é o motivo de você estar aqui?

—Ela tem primos?

Se apenas Helena fosse tão fácil de substituir como tartarugas.

—Ela tem primos, mas nenhum deles pode vir viver conosco.

Bea soluçou forte.

—Ela vai voltar?

A grande questão. Hastings sentou de novo e voltou a encarar a parede.

—Espero que sim, bonequinha. Espero que sim.

Conforme ela tocou a campainha da casa de Andrew, Helena chegou a uma conclusão desconcertante. Desde que ela deixou Easton Grange, não pensou uma vez em Andrew. Metade do tempo ela passou tocando seus lábios, como se ainda tentasse sentir o beijo de Hastings. O resto do tempo ela permaneceu revivendo sua última vista dele, parado diante da janela do escritório, sombrio exceto pelo seu rosto e seu cabelo adorável e brilhante.

Ele não acenou, apenas olhou a carruagem ir embora.

O próprio Andrew abriu a porta.

—Entre, Helena, por favor entre. Estou tão feliz de você estar aqui.

Como era diferente vê-lo agora que tinha suas memórias de volta. Quando ele sorriu timidamente, ela foi instantaneamente transportada para a pequena biblioteca na casa de campo de Fitz, onde eles se encontraram pela primeira vez e imediatamente começaram a discutir os trabalhos do Venerável Beda, como o rosto dele brilhou com o prazer daquela tarde.

Ela piscou. Era isso que Hastings quis dizer quando falou sobre como ela via Andrew não como o homem que ele era, mas como o homem que ele foi?

Andrew a introduziu a uma saleta e acendeu uma lâmpada de álcool para o chá.

—É o dia de folga dos empregados, então se não se importar, nós faremos um chá com minhas habilidades enferrujadas.

Ele se agitou, pegando o chá e o açúcar, então trouxe um prato de sanduíches. Ela se lembrou de sua primeira e única visita à casa dele na bela costa de Norfolk quando foi parte de um grupo de jovens. Quando ela chegou ele levou sua bagagem para cima ele mesmo. No curso do chá de fim de tarde, ele fez inúmeras viagens para trazer tudo para ela, de salada de lagosta à bolo de creme.

O alfinete no centro de sua gravata, ela deu a ele uma parecida, com um

emblema de uma águia romana na cabeça. Foi a primeira festa de Natal que Fitz e Millie deram em Henley Park. Vinho quente fluiu livremente. Ela o empurrou em um quarto para beijá-lo, e ele tinha gosto de noz-moscada e cravo.

Ela estava pensando no Andrew de anos atrás, Como, então, ela julgaria o homem que ele era hoje?

—Admito que nunca fui afeiçoada a Sra. Martin. —ela disse. —Mas depois da nossa conversa hoje eu comecei a admirá-la. Eu gosto de saber que ela busca a felicidade por si mesma.

—Então você deixará Lorde Hastings? —Andrew a olhou. —Assumindo que vocês dois não estão casados.

—Se eu deixá-lo...

—Então nós poderemos nos casar. —ele disse sem respirar.

—Mas o que você planeja se eu não deixá-lo?

Andrew se remexia, esfregando o canto da toalha de mesa entre os dedos.

—Eu não sei.

—Você ainda dará o divórcio a sua esposa?

—Suponho que não, então.

Essa não era o tipo de resposta que ela gostaria de ter ouvido dele. Ela permaneceu com a expressão indiferente e a voz apática.

—O que você sabe da situação dela?

—De acordo com ela, ela tem uma pretendente Americana de que gosta. Ele prometeu se casar com ela se ela obter o divórcio.

—Por que não deixá-la ir?

Andrew pegou a chaleira, desligou a lâmpada de álcool e jogou a água quente no bule.

—Bem, é um incômodo, né?

Ela olhou para ele atentamente.

—Se você deixá-la ir agora, ela pode se casar com o homem que escolheu e construir uma família com ele.

Ele deu de ombros.

—Eu e ela estamos bem como estamos. Eu sei que estou acostumado. Nós apenas vamos continuar como sempre fizemos.

Quando Helena acordou do seu coma e se encontrou casada com um estranho, ela fez um teste de caráter. Hastings se recusou a colocar sua própria felicidade acima do bem-estar de sua filha e passou no teste com total sucesso.

Andrew não. Eles já estabeleceram que ele não tem nenhuma objeção particular ao divórcio —se Helena se casasse com ele depois, ele estava mais que disposto a ir adiante com isso. Mas sem a perspectiva de um ganho pessoal, ele manteria sua esposa em um casamento completamente inútil, negando a ela tudo pelo que ela tinha se esforçado com tanto propósito e dedicação, simplesmente porque ele não se importa com “incômodo” do processo.

—Faça uma coisa por mim, Andrew.

—Qualquer coisa.

—Conceda a sua esposa o divórcio. Não a mantenha amarrada a você só porque não te importa. Importa intensamente à ela. Ela não é mais culpada nesse casamento que você, e eu gostaria de vê-lo trata-la de forma justa, do mesmo jeito que você gostaria de ser tratado.

Ele piscou, confuso.

—Mas o que farei então?

—O que você quiser. Sua vida dificilmente mudará, já que você e ela não vivem na mesma casa há anos. Você escreverá suas histórias e eu as publicarei.

Ele mordeu o lábio inferior.

—Mas você não se casará comigo?

—Não posso deixar Lorde Hastings, nós já estamos casados.

—Oh —disse Andrew —Me promete que deixará a Sra. Martin ir?

Ele assentiu cabisbaixo. Ela o beijou na testa e deixou a mesa.

—Se assegure de me enviar o volume três da sua história logo que for terminado. E não enrole, Andrew. Não tolerarei um manuscrito seu seis meses atrasado de novo.

Helena subiu no vagão de trem, desanimada. Ela deveria saber, mesmo antes de deixar Easton Grange, que não escolheria Andrew, mas ainda foi decepcionante ver que ele se tornou um homem pior do que ela acreditava.

O trem começou a se mover. A última vez que esteve no mesmo trem, indo para Kent, o repentino retorno de quatro anos da sua memória a perturbaram completamente. Dessa vez era improvável que algo que a abalasse acontecesse, já que ela recuperou a maior parte da memória...

Tantas vozes diferentes. Ela reconheceu a de Venetia e Fitz, nenhuma outra. Estavam todos falando sobre ela. Por que ela não acordou ainda? Não deveria estar consciente a essa altura? O que eles queriam dizer, ela

estava inconsciente? Ela tentou fazê-los saber que ela estava perfeitamente consciente do que acontecia a seu redor. Mas para seu horror, ela não conseguia mover os lábios, os olhos, ou mesmo um único dedo —ela estava aprisionada em seu próprio corpo.

As vozes gradualmente morreram. Ninguém disse mais nada. O silêncio era insuportável, como se eles tivessem esquecido da sua existência. Ela gritou e gritou. Ela bem poderia estar no fundo do Oceano Atlântico, por toda a atenção que davam a ela.

Então chegou a sua voz linda e sensacional. Alguém se importa de eu ler para ela? Finalmente, alguém se lembrou dela.

Ele leu uma cartilha fascinante dos primeiros trabalhos publicados. Helena amava livros: A visão deles, senti-los, o cheiro. Ela adorava traçar seus dedos pelos títulos em relevo e as pontas douradas. Ele amava o rangido quase inaudível que a lombada fazia quando o livro era aberto pela primeira vez. E na medida do possível, ela gostava de capturar em um frasco o cheiro de um quarto cheio de livros novos e antigos, a indolência do pergaminho e o papel manteria misturados com o perfume da tinta fresca.

Ele lia para ela dias inteiros. Ela se pendurou em suas palavras, sua voz, independente de ele estar lendo a cartilha, as notícias, ou Alice no País das Maravilhas. De tempos em tempos, quando eles estavam sozinhos, ele pedia que ela acordasse, e dizia que a amava, que ele sempre, sempre a amou.

Ela nunca acreditou em nada na vida da mesma forma como acreditou no amor dele. Com toda a sua força ela o alcançaria. Ela sairia da prisão invisível. Ela seria parte do mundo de novo. E ela o encontraria e o diria que o amava com todo o seu ser, ardente e ferozmente.

Helena se sobressaltou. Então é por isso que a voz de Hastings foi familiar a ela desde que acordou. É por isso que ela tem uma vaga memória de ouvir a impressão dele do Gato de Cheshire. E é por isso que para ela foi muito mais fácil assumir as rédeas do seu negócio do que ele imaginou, porque ele contou a ela tudo que ela sabia.

Ela nunca chorou em público, mas chorou agora, lágrimas de alegria e gratidão que ela não conseguia controlar. O homem que ela amou antes se provou um homem fraco, mas o amor de sua vida se provou valoroso —mais que valoroso —a todo momento.

E como ela era sortuda por voltar para casa para ele.

Nenhum som vinha do baú de Bea a vinte minutos. Talvez ela tenha caído

no sono lá dentro, já aconteceu antes, mais de uma vez. Bea tinha um sono pesado, não se importava em ser carregada para a cama, se ela estivesse mesmo dormindo. Se ela ainda estava acordada e ele abrisse um pouquinho do baú, ela ficaria duas vezes mais chateada.

Hastings levantou seus pés, balançando para frente e para trás sobre seus calcanhares, cheio de indecisão.

—Bea está bem?

Ele ficou completamente imóvel pelo choque. *Helena!*

Devagar, bem devagar, ele se virou.

Ela foi em direção a ele.

—Estou de volta. E estou terrivelmente arrependida pelo que disse antes. Me perdoe por ter sido tão cega para ver a verdade que estava bem na minha frente.

Ele não conseguia falar, mas deve ter irradiado de alegria. A expressão dela, tão séria a princípio, se suavizou e se transformou em um sorriso, seus olhos refletindo exatamente o brilho do Lago do Saara. Ele estava tonto de felicidade.

—Lady! —Bea exclamou, abrindo um pouco do baú e espiando o lado de fora.

—Sim, estou de volta. —Helena disse de novo, com um sorriso ainda maior. —Você gostaria de sair?

O baú se fechou de novo. A voz de Bea ficou fraca.

—Sir Hardshell morreu.

—Ah, não, sinto muito!

—Por que você não fala para a Bea dos primos do Sir Hardshell, Helena? —Hastings finalmente encontrou sua voz. —Sr. Stoutback e Srta. Carapace, além dos outros. Nós podemos convidar um deles para vir e viver no velho tanque de água do Sir Hardshell.

—Ah, sim, realmente. Acredito que era o que o Sir Hardshell teria gostado. Ele não iria querer que sua casa adorável continuasse vazia, todo aquele solo legal, as pedras bonitas, e o prato de água de estanho. Nossa, que desperdício.

O silêncio recebeu a enumeração entusiástica de Helena das virtudes da velha casa do Sir Hardshell. Hastings a agarrou e a beijou com força. Ela o beijou de volta com igual ferocidade. Ele mal conseguia respirar, mas para que respirar quando se podia beijar?

Ele não ouviu Bea. Foi Helena que o empurrou e disse —O que você disse,

fofinha?

—Banho?

Ela já jantou? Helena sussurrou.

Ele assentiu e imitou o movimento de colocar um prato dentro da porta do baú, ele finalmente conseguiu alimentar Bea com alguma coisa.

—Temo que você terá que dormir sem banho essa noite, bonequinha. Está bem tarde. É melhor você ir para a cama agora ou não conseguirá acordar na hora amanhã.

Mais silencio. Ele beijou Helena de novo até que ficasse sem ar. Mas dessa vez não perdeu o momento em que Bea disse —Papai?

Ele a levantou do baú e a colocou rapidamente na cama. Então, de mãos dadas, ele e Helena correram para seus quartos, sem parar até que a porta bateu atrás deles.

Duas horas depois, Helena socou David no estômago.

—Aii. Para que isso?

—Por ter sido incrivelmente estúpido todos esses anos. Você não precisava esperar até que eu estivesse quase morta para dizer que me ama. —O próximo soco foi no braço. —E isso foi por ter dado um tapa no meu traseiro. Finalmente me lembrei.

—Hmm —ele disse, colocando a mão no traseiro e a tocando livremente.

Ela riu e beijou os lugares onde o bateu. —Mas eu não deveria ter sido tão inflexível contigo. Você era um chato, mas eu mesma era uma tola completa.

—Obrigado por ter dito, assim eu não preciso dizer.

—Hah, por isso, eu te amarrarei no pilar da cama e não te agradarei.

—Mas pensa no desperdício, querida. Para que deixar um pênis perfeitamente bom e duro, enfraquecer de desuso?

Ela deu uma gargalhada. Ele a puxou para cima dele.

—Me diga, minha senhora exigente, quando você percebeu finalmente que não podia viver de forma alguma sem mim?

Ela o olhou de soslaio.

—E eu já cheguei em uma constatação tão piegas?

—Sim, já. —ele respondeu, atrevido e confiante. —Agora me diga quando.

Ela esfregou a mão em sua barba por fazer e penso nisso.

—Possivelmente quando você me disse que atrasaria o jantar antes de eu sair. Possivelmente também quando o Príncipe Narciso enfiou uma faca no seu orgulho. De novo, possivelmente, na primeira vez que eu soube da

existência do Lago do Saara. Mas definitivamente quando eu lembrei dos dias em que eu fiquei em coma.

Ela contou sobre a sua memória desses três dias, da frustração e desamparo, e o mais importante, a amável voz que mantinha o desespero longe.

Ele segurou seu rosto e a beijou gentilmente.

—Tudo que eu queria era que você não se sentisse sozinha. E te amar como eu sempre quis.

Ela respondeu ao beijo. O corpo dele mudou, de novo pronto para o amor.

Ela apartou o beijo e lambeu o canto dos lábios dele.

—E agora que eu já te disse que te amo, nós podemos finalmente pensar no que realmente importa.

Ele levantou uma sobrancelha.

—Que é?

—Que é quando vai estar pronta sua próxima história safada para mim.

Ele riu.

—Essa realmente é a questão urgente nossa.

—Então quando ficará pronta? —ela sussurrou no ouvido dele.

Ele a virou para baixo dele e beijou novamente.

—Em breve, querida, muito em breve.

Epílogo

O casamento de Helena Charlotte Fitzhugh e David Hillsborough, Visconde de Hastings, não foi o casamento da temporada —o que é compreensível, já que a temporada já havia acabado. Mas sua relevância, quantidade de pessoas e de fofocas foi geral, remanesceu por um bom tempo depois de o casal ter provado sua fuga para casar, o que rivalizou com qualquer casamento da temporada mais recente.

A noite vestiu um vestido branco cegante. O noivo pingava diamantes e pérolas —diamantes nas abotoaduras, diamante no alfinete, diamante nos botões da camisa e um relógio de bolso de madre-pérola. As damas da família da noiva choraram abertamente durante a cerimônia e o irmão dela foi visto enxugando repetidamente seus olhos.

Para marcar esse dia memorável, a noiva e o noivo prepararam um presente para o outro. Dado a grandiosidade da ocasião, era perdoável que pensassem que os presentes eram compostos de obras de arte lendárias, jóias extraordinárias e talvez um manuscrito antigo e requintado. Mas todos estavam errados.

O noivo deu a noiva um modelo em miniatura de um dirigível chamado Orgulho de Hastings. A noiva respondeu com um presente ainda mais banal: uma placa de madeira, do tipo que pode ser encontrada em qualquer estrada e perto de fronteiras.

Essa placa em particular estava estacada em um lugar perto do lago de Easton Grange. Em um lado dela estava escrito, ***Lagoa do Velho Sapo***, no outro, ***Lago do Saara***.